Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 384 Terça-feira, 9 de Junho de 1987 Preço 40$00

Folhetos com conselhos no correio

Alertas da SIDA de porta em porta

Pág. 10

ESTE ANO NÃO HÁ FESTA DO "AVANTE!", SEGUNDO CUNHAL

Pág. 5

Espanhóis dizem que é local ideal

ALDEADAVILA PODERÁ TORNAR-SE A LIXEIRA DA EUROPA NUCLEAR

Aldeadavila de la Ribera, situada a sete escasssos quilómetros da fronteira portuguesa poderá vir a tornar-se um dos cemitérios europeus de resíduos nucleares, embora ainda nada esteja definido nesse sentido. «Não temos a certeza se virão outros resíduos, mas tal poderá acontecer», declarou esta manhã, ao «DL», Nuno Ribeiro da Silva, assessor da Secretaria de Estado do Ambiente, referindo-se ao avanço da Política Energética Comum. No que não restam dúvidas é que as instalações de Aldeadavila terão muito pouco de laboratório, pois, como ironizou aquele técnico, não faz sentido gastar seis milhões de contos numa simples experiência...

Pág. 9

Duas bombas deflagraram hoje nos terrenos das Embaixadas norte-americana e britânica em Roma e dois carros armadilhados explodiram também próximo da Embaixada dos EUA, cujos destroços se podem ver na foto, provocando apenas prejuízos materiais. A polícia não sabe ainda se os atentados têm alguma relação com a cimeira dos Sete a decorrer em Veneza

Os "Sete" divididos

Ninguém aceita comprometer-se com Reagan contra o Irão

Págs. 12 e 13

"Sem mãos a medir"

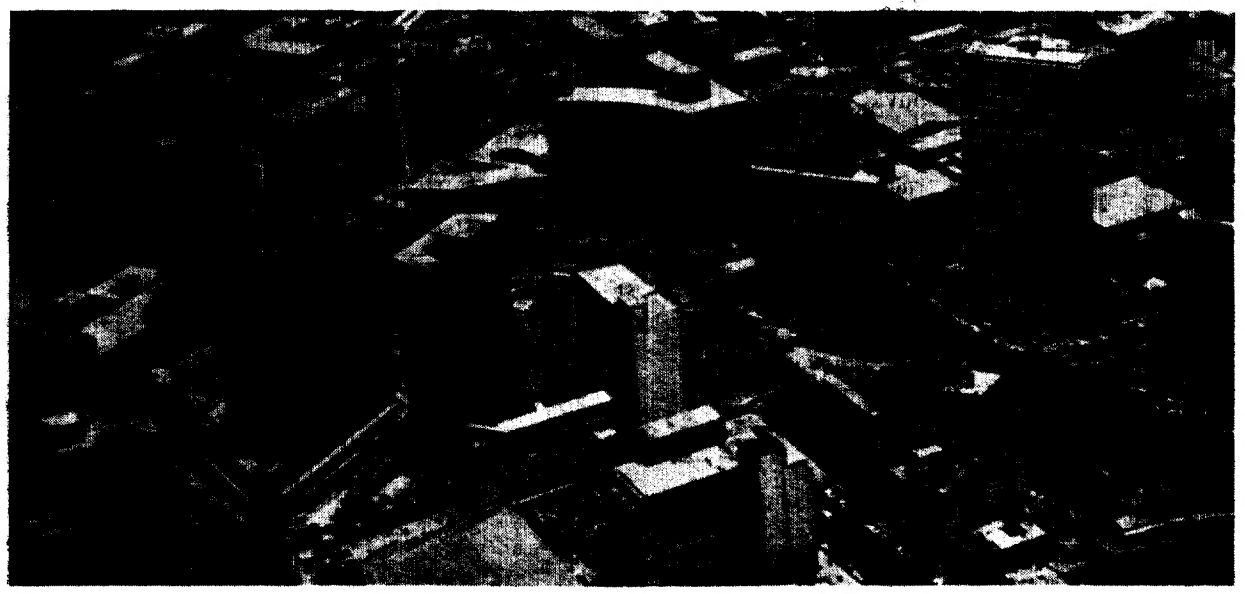
O célebre poster do grande artista João Abel Manta, intitulado «Sem mãos a medir», mas também conhecido por poster dos vira-casacas, está ainda ao seu alcance. Restam alguns exemplares e um deles, datado e assinado pelo autor, pode ser seu.

Leia a página 17

Impérios de comunicação dos países em vias de desenvolvimento

Sol, santos e sensacionalismo

por Ron Buchanan na Cidade do Mexico, Merrill Collett e Geoffrey Mathews em Bogota



A cadeia de jornais de Mario Vasquez Rana, «El Sol de Mexico», afirma-se como o maior império editorial do mundo. A cadeia emite sessenta e duas publicações diárias cuja tiragem média ronda os dois milhões de exemplares. Contudo, num país onde não há meios definidos para controlar a tiragem, tal pretensão poderá ser um pouco forçada.

Vasquez Rana calcula que o seu campeão de vendas, o «Mexico City El Sol», venda 100 000 cópias por dia. Contudo, fontes do meio estimam a média de vendas em cerca de um décimo daquele valor, número medíocre numa cidade de 18 milhõesde habitantes.

Apesar desta polémica, a cadeia de comunicação é bastante lucrativa.

Excepto em algumas cidades industriais no norte, o país tem uma péssima comunicação e jornais de província extremamente parciais. Mesmo em Guernavaca, a cerca de uma hora da Cidade do México, os jornais diários da capital só são distribuídos quando as pessoas estão já a trabalhar.

Contudo, o jornal «El Sol» é imprimido regionalmente em todo o México; as notícias nacionais e internacionais são enviadas da Cidade do México por transmissão fac-similar. Os sessenta títulos não são mais do que edições locais do jornal nacional.

A cadeia inclui «Esto», um diário desportivo cuja tiragem de 500 000 exemplares o torna num dos jornais com maiores vendas no México.

Como Vasquez Rananunca se associou a companhias estatais, não há qualquer registo publicado dos seus negócios. Contudo, ele opera num meio em que a influência política e a fortuna pessoal estão interligadas.

A sua aquisição mais espectacular foi a compra da **United Press International** — a decadente agência noticiosa dos EUA — por 41 milhões de dólares. Este pagamento, bem como a contínua ajuda económica a uma das três maiores agências noticiosas do mundo, é bem significativo da fortuna de Vazquez Rana.

Oficialmente, a sua fortuna foi acumulada quando Rana criou o negócio da família, Hermanos Vazquez — os quais se tornaram nuns dos principais negociantes de mobílias do país — e depois vendeu 25% das acções para investir na cadeia «El Sol», quando esta se encontrava à beira da falência em 1976. Um trabalho intenso aliado a uma modernização ambiciosa e a um programa de expansão transformaram «El Sol» numa cadeia extremamente lcrativa.

Contudo, segundo fontes não oficiais, o governo abandonou a «El Sol» antes de a entregar a Vazquez Rana como recompensa por parte do presidente Echeverria, devido ao milionário ter contribuído substancialmente para a campanha eleitoral.

Vazquez Rana nega tal afirmação. Mesmo assim, ele identifica-se bastante com o peculiar sistema político da nação: o seu jornal nunca critica o sistema.

A aquisição da UPI por parte de Mario Vazquez Rana deu ao Terceiro Mundo um poderoso meio de comunicação do Ocidente. Paradoxalmente, porém, ele não parece querer utilizá-lo.

Rana não tentou interferir a nível editorial, apesar de muitos pensarem que a agência necessita de sérias remodelações.

Na Venezuela, Miguel Angel Capriles criou os seus dois diários de Caracas e meia dúzia de revistas, baseando-se na teoria de que o sensacionalismo é um bom negócio; de facto, Capriles não se enganou.

Embora na Venezuela não se consigam obter estimativas oficiais das tiragens, os peritos são de opinião que o matutino «Últimas Notícias» (300 000 exemplares) consegue superar todos os diários, com excepção do «Meridiano», um diário desportivo pertencente à cadeia Rivas de Armas.

O jornal mais importante do império Capriles mudou de ideologia desde a sua fundação, em 1942, por quatro membros do Partido Comunista Venezuelano. Capriles, na altura um pequeno negociante, comprou as acções de um dos fundadores em 1946 e, dois anos depois, tomava o controlo de todo o jornal. Em 1958, fundou o «El Mundo» (200 000 exemplares), o único vespertino de Caracas.

Os dois jornais são secundados pela «Elite», a revista de notícias semanal mais popular na Venezuela. As outras cinco revistas da cadeia focam assuntos específicos como corridas de cavalos, ocultismo e bricolage.

As publicações Capriles reflectem a visão extremamente anticomunista do seu director e pautam-se por grandes parangonas sobre crime e revelações sensacionalistas de corrupção.

Contudo, a venda de notícias é apenas uma parte daquilo que Don. Miguel Angel — como é chamado — faz para ganhar a vida. Em 1984, os seus investimentos, sobretudo na área dos imobiliários e dos têxteis, duplicaram aqueles da sua cadeia editorial. O capital estima-se em dez milhões de dólares.

O principal rival da cadeia editorial é Armando de Armas, cujos jornais «2001» e «Meridiano» conseguiram superar os seus competidores em matéria de sensacionalismo.

O líder dos matutinos colombianos, «El Tiempo» (237 000 exemplares) é usualmente conhecido pelo «Diário de Todos os Santos».

Controlado pela poderosa família Santos, foi fundado em 1911 por Eduardo Santos Montejo, o qual se tornaria mais tarde num presidente liberal. Os seus directores são, actualmente, os sobrinhos de Monejo, Hernando e Enrique Santos Castillo.

Uma grande tiragem (388 000 exemplares aos domingos), nova tecnologia, taxas publicitárias elevadas e jornalistas talentosos fizeram com que o jornal ganhasse uma sólida reputação e lucros espectaculares: 50 milhões de dólares em 1985.

O seu maior rival é «El Espectador» (176 000 exemplares), um outro jornal nacional que vende mais na província do que o seu competidor. «El Espectador» cumpre o seu centésimo aniversário neste ano. Em 1986, o editor Guillermo Cano — conhecido pela sua oposição feroz ao tráfico de drogas na Colômbia — foi assassinado.

Ambos os jornais são defensores do Partido Liberal, o partido maioritário colombiano.

No conjunto, a tiragem dos dois diários conservadores de Bogotá, «El Siglo» e «La República» não ultrapassam os 100 000 exemplares.

O fundador do «El Tiempo» daria voltas na sua campa se visse os editoriais do jornal. Antos Montejo era um político moderado que via o jornal como um órgão de apoio positivo mas crítico ao governo. Porém, os seus sobrinhos são de direita, pró-EUA e extraordinariamente anticomunistas. Os editoriais do jornal reflectem um apoio incondicional ao governo e à ditadura militar. Ganhou, contudo, uma boa reputação devido às suas investigações profundas no campo dos escândalos financeiros.

Os irmãos estão a alastrar o seu império, através da televisão por cabo, rádio e jornais de província. Os dois filhos jornalistas de Enrique estão prestes a tomar o controlo do jornal, e os peritos prevêem que, se tal suceder, o prestígio do jornal aumentará rapidamente.

A herança Noble da Argentina

Judith Evans

Quando Ernestina Herrera de Noble herdou do seu marido a gerência de um dos mais populares diários de língua espanhola do mundo, poucos acreditaram que ela o conseguiria conduzir com êxito através do campo minado dos impérios editoriais argentinos.

Porém, desde a morte do Dr. Roberto Noble em 1969, a sua viúva conseguiu demonstrar a todos os descrentes que estavam errados. O **Clarin** (65 000 exemplares) manteve a liderança como o jornal mais popular e lucrativo do país, com uma tiragem de 1 milhão aos domingos.

A sua história., com um misto de escândalo, intriga política e romance, é de facto extraordinária.

Na altura em que era secretária particular do Dr. Noble, a sua relação com o poderoso editor milionário foi considerada escandalosa. Em 1967, Ernestina abandonou o seu emprego como secretária para se casar com Noble numa cerimónia que causaria alarde pela sua pompa.

Apesar de não ter prática profissional, a srª Noble soube conduzir o su jornal através de alguns dos mais difíceis anos da história da Argentina.

A sua história dramática foi já romanceada por Jorge Astiz — um ex-jornalista do **Clarin** — em 2El Diário de la Argentina. Nela se relata como a srª Noble conseguiu consolidar o seu poder após uma luta cerrada com editores e jornalistas.

A chave do sucesso do jornal baseia-se na sua independência económica. A contribuição publicitária é uma base sólida da sua liberdade, não sendo pois de estranhar que o **Clarin** tenha a melhor secção de anúncios classificados é o melhor roteiro de todas as publicações argentinas. Outro elemento importante e o semicontrolo da fábrica produtora de papel de jornal, a Papel Prensa. Seundo o accionista minoritário T.K. Magneto, foi este factor que permitiu ao **Clarin** sobreviver ao boicote publicitário de um ano, em 1974, provocado pela sua oposição à política governamental.

A política editorial continua a seguir a adesão do Dr. Noble às ideias do anterior presidente, Arturo Frondizi, e dos 'evolucionistas'. O suplemento económico do **Clarin** de Domingo salienta o papel do sector industrial nacional e apoia a abertura a investimentos estrangeiros condicionados, bem como a oposição à expansão das empresas públicas.

Na Argentina não há grande tradição em reportagens de investigação, embora dois repórteres do **Clarin** tenham publicado livros baseados na sua cobertura do notícias. Em colaboração com a Universidade Católica de Buenos Aires, o **Clarin** patrocina ainda, cursos de pós graduação em jornalismo.

A srª Noble crê ter mantido a promessa de defender o património mais querido do seu esposo: o seu jornal e os seus princípios.

Votos úteis e votos inúteis, divergências e convergências

TEMOS ouvido afirmar que a teoria do «voto útil», ou do «voto táctico», é contrária a alguns dos princípios fundamentais da «Democracia parlamentar» e até ao espírito profundo da concepção de uma «Democracia de base». Reconheçamos, sem hesitação, que é assim. Mas, nestes dias e neste país, estamos perante uma questão prática: assegurar uma «maioria de esquerda».

Esta questão apresenta-se, na emergência eleitoral que nos foi imposta, como uma condição prévia. A legítima autonomia das formações políticas e a tendência para a diversificação que é apanágio da Esquerda estão sujeitas, para terem qualquer sentido, a que a Esquerda, nas eleições de 19 de Julho, reafirme que é maioria no corpo eleitoral e na representação parlamentar.

Se é natural e legítima a diversificação ideológica e política, é, todavia, necessário ter em conta que a dispersão de uma importante parcela de votos da Esquerda poderá contribuir para a eventual possibilidade de se instalar na governação do Estado uma «maioria de Centro-Direita». As boas razões da autonomia e da diversificação, se produzirem uma dispersão de votos sem reflexo na composição da Assembleia da República, soarão como um dobre de finados, ou, pelo menos, darão o sinal do início de um longo interregno. Uma vitória eleitoral da Direita — alcançada através do PSD, mas também contra os «sociais-democratas» do PSD — poderá criar condições para uma recuperação restauracionista que ultrapasse, drasticamente, o projecto político de Aníbal Cavacco Silva e da sua equipa.

A vitória eleitoral da Direita não seria um simples sucesso eleitoral a averbar num processo ritmado de alternância. Poderá ter como consequência imediata, ou mediata, a constituição de um «bloco de poder (PSD/CDS)» que acabe por devorar os actuais protagonistas, e, designadamente, por ser factor selectivo e depurador da actual equipa dirigente do PSD.

Quem atentamente acompanhar a crítica de Direita a Cavaco Silva será inclinado à previsão de que também a equipa dirigente do PSD não satisfaz a Direita, que nada aprendeu e nada esqueceu. Mas isso não significa que em relação à opção «Esquerda / Direita» no próximo acto eleitoral se deva admitir qualquer equívoco. A votação não é uma escolha simples, é uma escolha dilemática. E, portanto, não clarificam o dilema os votos que, pela dispersão, contarem, apenas, como afirmações de diferença.

Não oferece dúvida que essas afirmações de diferença são democraticamente correctas e como expressão de diversificação necessárias, mas perdem-se quando, como nesta emergência eleitoral, os eleitores são chamados a pronunciarem-se quanto a opções radicais e não só a marcarem posições e divergências.

Daí o apelo da «Comissão para Racionalizar e Garantir a Esquerda Maioritária». Estamos perante um movimento de opinião que não se propõe competir com as formações políticas existentes, menos ainda substituir os partidos políticos, ou prevalecer-se da circunstância reconhecida de o corpo eleitoral exceder largamente as militâncias partidárias. O movimento, de iniciativa de cidadãos eleitores que votam à Esquerda, resultou de uma cuidadosa análise das possibilidades eleitorais, «tendo sobretudo em conta os resultados das anteriores eleições legislativas». Reconhece-se face à dispersão da Esquerda que: «A riqueza do pluralismo ideológico da esquerda e a grande variedade de propostas de soluções progressistas explica plenamente esta situação; mas já nada justifica que ela se mantenha até à boca das urnas por parte de todo e qualquer partido ou coligação da esquerda que, ao nível de cada um dos distritos, não tenha reais possibilidades de eleger qulquer deputado nesses círculos eleitorais.» Menos ainda que se enunciem, para menor fim de contabilidade grupal, propósitos eleitorais inteiramente divorciados da realidade eleitoral (caso de candidaturas ao Parlamento Europeu, por exemplo).

A Comissão que pretende racionalizar e garantir uma «Esquerda Maioritária» dirige-se aos eleitores, mas, em primeiro lugar, chama a atenção dos responsáveis partidários para «tudo fazerem para evitar que, no acto eleitoral de 19 de Julho, uma nova votação maioritária de esquerda não tenha a consequente representação na Assembleia da República apenas devido à permanência de candidaturas que, embora politicamente correctas, antecipadamente se saibam ser ineficazes em determinados distritos.» Considera-se que: «É legítimo e salutar que todos os partidos ou coligações da esquerda façam a sua campanha, afirmem a su identidade, preservem o seu espaço, apresentem as suas propostas de solução para os problemas do País; mas o conceito de esquerda é indissociável do de solidariedade que deve existir, em primeiro lugar e acima de tudo, no interior da própria esquerda. Sem preocupações de hegemonia partidária, as cedências agora feitas seriam os primeiros sinais de entendimento capaz de se traduzir, uma vez obtida a maioria parlamentar de esquerda, numa alternativa governamental.»

A emergência eleitoral que resultou da dissolução da Assembleia da República não se encerra com a votação de 19 de Julho. Pelo contrário abre-se, provavelmente em condições que não serão muito distintas das existentes antes da decisão presidencial de dissolução, um novo período político que terá não só de ser previsto, como de ser preparado. Se os partidos se envolverem numa disputa insolidária, terão uma suplementar dificuldade em suscitar atitudes de solidariedade no campo da Esquerda. É de elementar bom senso admitir que nem o PS, nem o PRD, nem a CDU, estejam em condições de, isoladamente, só pelas seus próprios meios e força parlamentar, constituírem alternativa governativa. As **convergências eleitorais** prepararam a(s) **convergência(s) política(s).**

As palavras de um apelo podem não criar factos políticos, mas constituem o quadro que configura responsabilidades políticas. Nem mais, nem menos. E, se como tal foi compreendido, é bastante.

CRÓNICA TRANSMONTANA

António Modesto Navarro

É uma pequena memória de que seria bom deixar registo. Subíamos a estrada do Cachão quando alguém comentou que a carrinha era grande. Aquele homem ao volante, que ia fazer contactos de sábado à tarde, sorriu e disse:

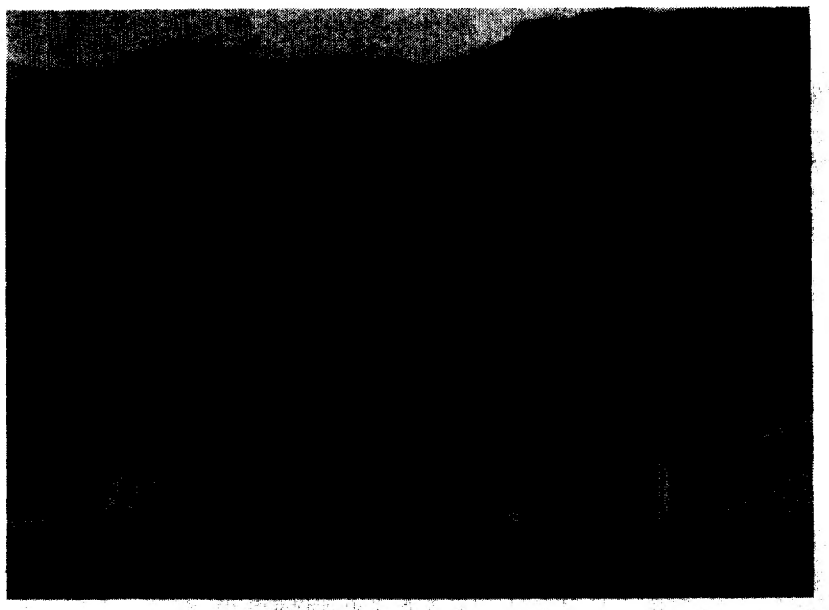
— Sim, às vezes, quando não temos casa para reunir, nas aldeias, conversamos aqui dentro.

Um carro assim pode ser uma casa. Pode ser um local onde se fale, longe dos ouvidos curiosos, em terras transmontanas. Nas aldeias do concelho de Carrazeda de Ansiães ou de Moncorvo, os companheiros entram e assumem o papel que lhes cabe, de discussão dos problemas e organizações da luta, nas autarquias ou na agricultura.

O Complexo do Cachão está a ser desmantelado com o aval do governo. Grandes grupos económicos e sociedades que até incluem autarcas do distrito de Bragança digladiam-se para apanharem os sectores rentáveis da empresa. Certo presidente da Câmara assume um discurso mal preparado contra as multinacionais para encobrir a sua apetência pelo maior lucro que lhe pode vir de um pedaço valioso do Cachão. Olhamos aquele gigante adormecido, lá ao fundo, junto do rio Tua, na tarde de sábado, e recordamos que foi ali que se formaram centenas de operários e outros trabalhadores, vindos das aldeias e vilas, desde o início da década de sessenta.

Hoje, o desemprego, os salários em atraso e a destruição dos sectores produtivos têm como contrapartida negócios chorudos, feitos sob a protecção do governo. O Complexo do Cachão já não é o que era. Se não houver medidas sérias, será repartido por multinacionais e empresas da região formadas à pressa, inclusive por autarcas, para se candidatarem às estruturas rentáveis e equipamentos acumulados.

Deixamos o Cachão e olhamos o rosto marcado do ex-emigrante que conduz a carrinha. Largou França há anos, para se dedicar à luta em Trás-os-Montes. Ele e a mulher fizeram novos percursos, com os companheiros das vilas e aldeias transmontanas, desde então. Estes nomes de homens e de mulheres que não arredam pé e ajudam a conquistar terreno, a par e passo, passam-nos pela memória e pelo coração, nos dias de Abril e Maio, cá de longe, em Lisboa. Não é inveja. É alegria e fraternidade. Vejo-os, noutro Abril e noutro Maio mais difíceis, e abraço-os. Companheiros que organizam, que constroem unidade e luta, nas vilas e aldeias, nas reuniões dentro da carrinha e do carro ou nas casas de trabalhadores e de emigrantes.



Trabalho quotidiano e decisivo

Enquanto o Presidente da República andou por aqui, parecia um céu aberto, cheio de discursos e notícias na televisão e jornais. Depois, o manto espesso do silêncio caiu de novo sobre os rostos preocupados e as serras que se amontoam a norte do Douro. E assim continua este trabalho quotidiano do ex-emigrante e de outros companheiros, entre os agricultores, entre os professores, entre os autarcas, os jovens e as mulheres.

A carrinha é espaçosa e sobe ainda a estrada do Cachão, a caminho de Carrazeda de Ansiães. Ficará na nossa memória o soriso claro do ex-emigrante, ao tecer o elogio daquele espaço, bom para fazer reuniães quando não há uma casa à mão, para o efeito. A vida e a luta continuam. Mirandela, Bragança, Alfândega da Fé, Moncorvo e outros concelhos estão hoje unidos por este trabalho quotidiano, de organização de camadas e classes à volta dos seus problemas e direitos.

Entre Abril e Maio, os companheiros e amigos das cidades, vilas e aldeias transmontanas e durienses justificam o esforço de quem chega e traz notícias. A carrinha onde se fazem reuniões quando é necessário vai, neste sábado à tarde, ao encontro de agricultores que preparam o trabalho e a intervenção nas adegas cooperativas e na Casa do Douro. Outras carrinhas e carros sobem e descem estradas, à procura da vida e do futuro, por esse País fora, durante cada dia e nos fins-de-semana. Lembram as bicicletas do passado de resistência ao fascismo.

O silêncio e a escuridão caem sobre as montanhas a norte do Douro, no final ço dia de sábado. No rosto do condutor da carrinha que agora regressa de Carrazeda de Ansiães há aquele contentamento de quem conseguiu realizar o trabalho. Mil operários e operárias do futuro trabalham assim, sem nunca terem o nome apregoado nos jornais nem fazerem promessas banais e meros discursos. E este é o verdadeiro sal da construção da liberdade e do progresso.

Dez mil barris diários

Portugal compra petróleo a Angola

A República Popular de Angola vai passar a vender petróleo a Portugal, revelou à «Lusa» uma fonte próxima da comissão mista luso-angolana, que terminou ao fim da tarde de ontem a sua terceira reunião preparatória.

Segundo a mesma fonte, Portugal manifestou interesse em adquirir petróleo à Sonangol, mostrando-se o governo angolano receptivo à proposta, pelo que a cooperação entre os dois países poderá ser concebida em novas bases. Na proposta aprovada na reunião preparatória de Lisboa, prevê-se a venda a Portugal de 10 mil barris de petróleo por dia, no valor de cerca de 60 milhões de dólares anuais.

Nos trabalhos de Lisboa, que principiaram no dia 3, participou, pela parte angolana, uma delegação de 12 peritos, em representação dos Ministérios da Indústria, Finanças, Comércio Interno, Comércio Externo e Cooperação, Banco Nacional de Angola e Sonangol. Da parte portuguesa estiveram representantes do Instituto de Cooperação e Economia, Banco de Portugal, Instituto de Participações do Estado, Petrogal e Ministérios das Finanças, Comércio, Indústria, Trabalho e Transportes.

A visita do presidente de Angola a Portugal poderá ser o trampolim para a completa normalização das relações bilaterais, se os governantes «não tiverem vistas curtas», disse ontem à «Lusa» o embaixador angolano em Lisboa.

Mawete João Baptista, que se encontra em Macau, episodicamente, negou formalmente que esteja em vias de abandonar o seu posto diplomático na capital portuguesa.

«Não fazia sentido nenhum que abandonasse o posto pouco tempo depois da visita do presidente José Eduardo dos Santos», comentou o diplomata, acrescentando que os rumores nesse sentido postos a circular em Lisboa visam prejudicar o clima de boas relações que se verifica neste momento entre Portugal e Angola.

Interrogado sobre a questão da dívida de Angola a Portugal, o embaixador replicou com ironia: «O que são 60 milhões de dólares para um país como o nosso? Basta que enviemos dois ou três petroleiros e está resolvido o problema».

"Estrangeiros" de cinco países de expressão portuguesa em Lisboa entre dias 12 e 17

Os governos de Portugal e dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa anunciaram oficialmente e em simultâneo a visita, entre os dias 12 e 17, a Lisboa, dos cinco ministros dos Negócios Estrangeiros dos cinco.

A delegação ministerial de Angola, Cabo Verde, Guiné-bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe chegará a Lisboa na sexta-feira para, entre segunda e quarta-feira, dias 15 e 17, manter contactos com o Presidente da República, com o Primeiro-Ministro e com o ministro dos Negócios Estrangeiros.

Em Lisboa, a informação oficial foi divulgada ontem pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, cujo porta-voz refere a simultaneidade da divulgação da mesma informação na capital de Moçammbique por parte do grupo de coordenação dos cinco-países africanos de língua oficial portuguesa.

A diligência foi decidida pelos chefes de Estado dos cinco países na sua sétima conferência-cimeira, realizada em Maio na capital de Moçambique.

10 de Junho festejado pelas comunidades portuguesas

CONDECORADOS INVESTIGADORES DOS DESCOBRIMENTOS

O Presidente da República condecora amanhã, 10 de Junho, a título póstumo, cinco personalidades da investigação e do ensino, ligadas ao estudo da expansão e dos Descobrimentos portugueses. Serão eles Armando Cortesão, Jaime Cortesão, Joaquim Barradas de Carvalho, Jorge Dias e o vice-almirante Teixeira da Mota.

Em nota da Presidência da República refere-se que o primeiro receberá a Grã-Cruz da Ordem Militar de Santiago de Espada e os restantes a da Ordem do Infante D. Henrique.

Durante as cerimónias do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades serão igualmente condecorados por Mário Soares o historiador e professor Luís de Albuquerque, com o grau de grande oficial da Ordem do Infante D. Henrique, o investigador e universitário Orlando Ribeiro, com a Ordem Militar de Santiago de Espada, e ainda o cientista e escritor Rómulo de Carvalho, mais conhecido por António Gedeão, como grande oficial da Instrução pública.

Quem são os condecorados do 10 de Junho

Armando Zuzarte Cortesão, um dos homenageados a título póstumo, foi engenheiro agrónomo e historiador, tendo publicado livros sobre cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI e ainda sobre a história de Cabo Verde e da Guiné.

O seu irmão, Jaime Zuzarte Cortesão, foi poeta e historiador, nomeado director da Biblioteca Nacional de Lisboa de 1919 a 1927 e exilado a partir dessa data, vivendo depois em Espanha, França, Bélgica e Grã-Bretanha.

Joaquim Barradas de Carvalho, o terceiro dos condecorados postumamente, foi doutorado em História pela Sorbonne e leccionou Filosofia, Ciências e Letras na Universidade de S. Paulo. Também ele publicou obras em Portugal e no Brasil sobre os Descobrimentos.

Jorge Dias, por sua vez, foi um etnólogo e enquanto tal estudou a etnia Maconde em Moçambique.

Quanto ao vice-almirante Teixeira da Mota, estudou a influência da cartografia portuguesa sobre a europeia, na época dos Descobrimentos, e o ensino da náutica em Portugal.

No número dos vivos de referir que Luís de Albuquerque é professor jubilado da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, professor convidado da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa e um especialista na História dos Descobrimentos.

Orlando Ribeiro é o nosso maior geógrafo, tendo publicado numerosos trabalhos científicos desde 1935.

Quanto a Rómulo de Carvalho saliente-se que é um especialista em Física e um dos mais importantes poetas portugueses deste século.

Dia de Portugal comemorado em Macau

Fernando Nogueira, ministro adjunto para os Assuntos Parlamentares, deslocou-se a Macau a fim de presidir às celebrações do dia 10 de Junho, em representação de Mário Soares, de quem é portador de uma mensagem, e do Governo.

O ministro foi recebido ontem com honras militares, pelo governador de Macau, Pinto Machado, e pelo presidente da Assemgleia Legislativa local, Carlos Assunção.

)Presente em Macau igualmente o dirigente socialista Almeida Santos, a convite de Pinto Machado, que na próxina revisão da Constituição e o estatuto e Macau em particular».

No âmbito das comemorações do Dia de Portugal e das Comunidades foi ontem inaugurada naquele território uma exposição foto-biográfica sobre os 80 anos do escritor Miguel Torga, que hoje mesmo dará no Leal Senado uma conferência tendo Camões como assunto.

Foram ontem inauguradas, também, as primeiras jornadas jurídicas Coimbra-Macau, iniciativas de antigos elementos do Orfeão Académico de Coimbra eda Assemgleila Legislativa de Macau, tendo Manuel Porto e Fernando Marques Cordeiro abordado respectivamente os temas «Portugal, a CEE e o comércio mundial» e «Procriações artificiais no Direito português».

10 de Junho na África do Sul e Guiné-Bissau

O Dia de Portugal também será motivo de diversas cerimónias a realizar amanhã na Guiné-Bissau, nomeadamente com uma missa por alma dos portugueses falecidos em terra guineense na Sé catedral da capital.

A data será adinda assinalada com um jantar no Hotel 24 de Setembro dedicado aos portugueses residentes na Guiné-Bissau.

Por seu lado, a comunidade portuguesa residente na África do Sul começou a comemorar o Dia de Portugal descerrando domingo um painel alusivo a Luís de Camões no «Parque Portugal», em Joanesburgo, com a presença de Correia de Jesus, secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares.

As bandeiras nacionais e sul-africana foram içadas por escuteiros portugueses, desfilando de seguida representações escolares, culturais e desportivas das colectividades lusitanas

Foi concelebrada uma missa campal por padres portugueses e mais de dez ranchos de música e dança folclóricas exibiram-se no coreto daquele parque, o de La Rochelle, «rebaptizado» para o efeito.

Na Cidade do Cabo, o embaixador português na África do Sul, José Manuel Villas-Boas, e o cônsul-geral português, Ferreira Marques, com a presença do presidente do município local, depositaram uma coroa de flores no monumento ao navegador português Bartolomeu Dias.

À noite o embaixador presidiu a um jantar de convívio com a comunidade portuguesa, na Associação Portuguesa do Cabo da Boa Esperança.

Amanhã, um jantar de gala em Joanesburgo reunirá como convidados de honra os presidentes das câmaras municipais daquela cidade e de outras 11, incluindo o presidente negro do município de Soweto.

Também amanhã, serão inauguradas as novas instalações da Associação Portuguesa do Natal, sediada na cidade portuária de Durbanm

Na Namíbia celebrar-se-á igualmente o 10 de Junho, em Windhoek. O convidado de honra será o administrador-geral do território.

TRIBUNAL TRIBUTÁRIO DE 1.ª INSTÂNCIA DE BRAGANÇA

PROCESSO DE TRANSGRESSÃO N.º 3/85

Nos termos do art.º 129.º do Código do Imposto de Transacções faz-se público que ROGÉRIO PAULO FONTES GARRIDO, com estabelecimento na Rua da Rapadoura, concelho de Vila Flor e actualmente residente em Rua Bento de Jesus Caraça, 244 — S. Cosme — 4 420 Gondomar, por sentença de 6 de Abril de 1987, com trânsito em julgado, foi condenado no pagamento da multa única de 22 140 000$00 e nas custas do processo, porque, estando registado na Repartição de Finanças do concelho de Vila Flor para efeitos de Imposto de Transacções, sob o n.º 56/85 (definitivo), pelo exercício da actividade de «Comércio por grosso de artigos de ourivesaria», praticou a seguinte infracção dolosa, prevista e punível pelos art.ºs 26.º, al. a), 41.º al. a) e 105.º (2.ª parte) e § 1.º al. a), todos do Código do Imposto de Transacções.

Omitiu no livro modelo n.º 9 referido no art.º 75.º, n.º 3, do Código do Imposto de Transacções, vendas, no valor global de 36 851 454$30, de que resultou a não liquidação de Imposto de Transacções os meses de Dezembro de 1983 e Janeiro e Fevereiro de 1984, no valor respectivamente de 3 685 146$00, 3 685 146$00, e 3 685 146$00.

Bragança, 4 de Junho de 1987

O Escrivão,
(assin. ilegível)

«DL» 9/6/1987

Casa da Comédia
2.º Mês
ELECTRA
ou a queda das mascaras
de Marguerite Yourcenar, um espectáculo de Filipe La Féria
de terça a sábado, às 21.45 h — domingos, 17.00 h

Marque o seu bilhete pelos telefs.: 60 72 99 — 67 74 81

"Toute Yourcenar est jouée, entendue, dechiffrée dans cette mise en scène de La Féria à Lisbonne" — "Le Monde"

MANÓMETROS • TERMÓMETROS • HIGRÓMETROS

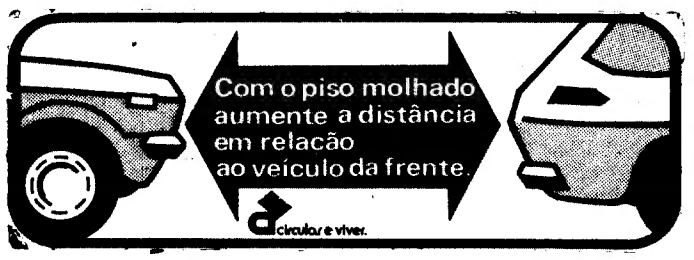
TERMO-HIGRÓGRAFOS E ANEMÓMETROS

Para controlo de instalações de climatização, de ar condicionado, ou de frio em salas de computadores, museus, bibliotecas, centros de documentação, escritórios, câmaras frigoríficas, armazéns, supermercados, etc., etc.

DESCONTOS ESPECIAIS PARA INSTALADORES

AZIMUTE – APRESTOS MARÍTIMOS, LDA.

C. Combro, 2 (ao Calhariz) – 1200 LISBOA
Tels.: 32 79 00 / 32 71 29 / 36 62 65 – Tlx. 15472 AZICOR P



Eanes-Constâncio

Uma polémica que sobe de tom

Se estalou uma guerra entre o PS e o PRD, entre Vítor Constâncio e Ramalho Eanes, ou se apenas se trata de uma escaramuça eleitoral sem consequências, só o futuro o poderá dizer. Mas um facto é que o PS levou muito a mal as declarações de Ramalho Eanes na Televisão, designadamente ter posto em causa a «seriedade» do seu secretário-geral. Estas declarações cairam como uma bomba no Largo do Rato. Menos de 24 horas depois Constâncio reagia. Aproveitando uma conferência de imprensa, já programada, mas com outro objectivo, Constâncio fez aos jornalistas uma curta declaração em que se misturavam doses equilibradas de uma serena indignação e de uma cáustica ironia.

«O general Eanes procurou ontem, perante a Televisão, pôr em causa a minha seriedade, começou por afirmar o líder socialista. Todos os portugueses leram em vários jornais a afirmação do sr. general de que a hipótese de coligação do PRD com o PSD «não estava fechada à chave». Não houve qualquer desmentido imediato do próprio general Eanes. O eng. Hermínio Martinho, no dia seguinte, veio afirmar que a frase correcta era que a hipótese estava fechada, mas não à chave - o que é a confirmação do essencial da afirmação.

É assim legítimo que eu tenha manifestado a minha surpresa e o meu espanto perante tal posição - o líder do partido que derrubou o governo do PSD a admitir que não exclui totalmente coligar-se com o PSD. Estou certo que isso também causou perplexidade na opinião pública.

Quero dizer ao general Eanes que na vida política e em matéria de seriedade de processos eu não tenho telhados de vidro. Lamento profundamente que o general Eanes no seu descontrole venha agora recorrer a insultos pessoais. E porque isto para mim está muito para além da política nem sequer me regozijo que este episódio venha acentuar o descrédito crescente do general Eanes como líder partidário».

Com este incidente parece estar aberta uma guerra verbal que ultrapassa os limites da boa gestão do confronto entre os dois partidos. Ao que parece, neste início de pré-campanha, nenhuma das partes parecia interessada em ultrapassar certos limites. Afinal tudo se precipitou e os «mísseis» de longo alcance já estão a ser disparados.

GOVERNO E CÂMARA DE LISBOA IMPEDEM O PCP DE REALIZAR "FESTA DO AVANTE"

— *revelou esta manhã Álvaro Cunhal*

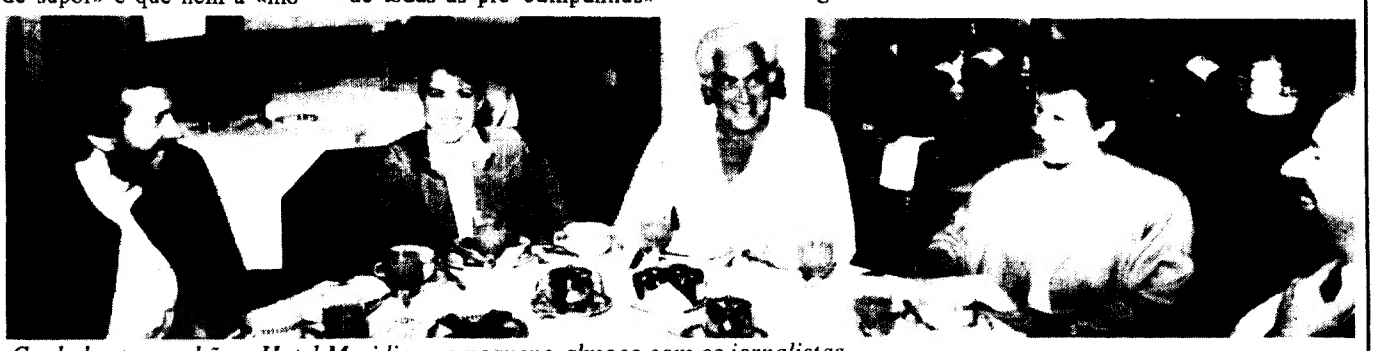
O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, revelou hoje no hotel Meridien a um grupo de jornalistas com quem tomou o pequeno-almoço, que o seu partido foi impedido pelo Governo e Câmara Municipal de Lisboa de utilizar os terrenos do Alto da Ajuda para a realização da tradicional «Festa do Avante!». Devido a este facto, o Partido Comunista decidiu não promover este ano, por falta de tempo e de local apropriado, a sua mais importante iniciativa cultural.

Acerca deste assunto, Álvaro Cunhal limitou-se a dizer que a direcção do seu partido iria hoje mesmo distribuir uma nota. O líder comunista, demonstrando uma saudável disposição e bom humor, preferiu falar de outros assuntos que têm a ver directamente com as próximas eleições legislativas. Começou aliás por dizer que a pré-campanha da CDU «vai muito melhor do que era de supor» e que nem a «modificação» apressada da sigla tem impedido que se crie em redor da nova coligação um «bom acolhimento». Reconhecendo embora que nem todos os eleitores da defunta APU estejam ainda em condições de conhecer a nova imagem gráfica atribuída à CDU, Álvaro Cunhal considerou que isso não constituirá qualquer problema.

Esclareceu que esta está a ser «a melhor pré-campanha de todas as pré-campanhas» em que o PCP participou. Disse, de resto, que tem aparecido «muita gente nas iniciatias da CDU para participar, ouvir e falar».

Sobre a relação entre os partidos de esquerda, o dirigente comunista afirmou que os mesmos «não estão, manifestamente, a entender-se». Fez algumas críticas, moderadas embora, ao PS, afirmando, a propósito, que este «sonha com ladrões» («como se diz em linguagem popular») se pensa que vai «hegemonizar a esquerda». Álvaro Cunhal contrariou entretanto os observadores políticos que dizem ser impossível o entendimento na área da esquerda portuguesa, chamando por isso a atenção para o que se passou na Assembleia da República, nas dus últimas sessões legislativas: o notório entendimento e a convergência entre os partidos da oposição.

O secretário-geral do PCP dedicou portanto parte da sua atenção às relações entre as organizações democráticas por si consideradas, afirmando, por exemplo, que o seu partido ainda não examinou convenientemente o apelo lançado ontem em Lisboa por um movimento de opinião pública designado «Coragem», o qual recomenda aos eleitores o voto na esquerda. Cunhal abordou também questões relacionadas com a juventude e a participação desta nas manifestações de carácter político-partidário, na militância comunista e na realização da cimeira em Lisboa dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países africanos de lingua oficial portuguesa, que discordou por ocorrer numa altura de campanha eleitoral.



Cunhal esta manhã no Hotel Meridien no pequeno-almoço com os jornalistas

Num prazo máximo de cinco anos

PS quer eliminar "numerus clausus"

O PS considera que é possível, num prazo de cinco anos, acabar ou reduzir à ínfima expressão o «numerus clausus», e que é possível também, até ao fim do século, conseguir 85 a 100 por cento de frequência dos estqbelecimentos infantis e pré-escolares, actualmente só frequentadas por 30 por cento das crianças. Afirmam também os socialistas que numa década se pode atingir o cumprimento pleno da escolaridade obrigatória de nove anos, que actualmente 20 por cento dos alunos não terminam.

Estes dados foram divulgados ontem pelo Gabinete de Estudos do PS, no final de um encontro sobre «A democratização do Ensino», no qual se salientaram, entre outras, intervenções de António Barreto, que apresentou as conclusões, Joaquim Mestre, Ana Maria Bettencourt, Odete Valente, Maria José Rau, Maria José Martins, Maria Filomena Mónica, José Joaquim Antunes, Cândida Hespanha, Teresa Gaspar e Ana Cristina Costa.

Destas conclusões e das análises feitas resultaram numerosas propostas que o PS apresentará publicamente nos próximos meses e que incluirá desde já no programa eleitoral do seu Governo.

Através desta iniciativa dos socialistas ficou a saber-se que o ensino primário em Portugal tem uma taxa de reprovação de 41 por cento na segunda classe e de 27 por cento na quarta classe ,c que oito por cento dos alunos abandonam os estudos no fim da quarta classe.

Na segunda classe as taxas de reprovação têm um máximo de 49 por cento no distrito de Viana do Castelo e mínimos de 31 por cento em Lisboa e Setúbal, enquanto as taxas de repetência da quarta classe atingem 34 por cento em Vila Real e mínimos de 20 por cento em Lisboa e Setúbal.

Estes dados do Gabinete de Estudos do PS revelam ainda que 24 por cento dos alunos abandonam os estudos no fim do ciclo preparatório, sendo as reprovações no fim deste ciclo de 17 por cento.

No ensino secundário as taxas de reprovação no sétimo ano são de 36 por cento, com o máximo de 42 por cento em Portalegre e mínimo de 27 por cento em Setúbal, 34 por cento no oitavo ano (40 por cento em Faro e 28 por cento em Beja) e de 32 por cento no nono ano, com máximos de 36 por cento em Braga e Viana do Castelo e mínimo de 27 por cento em Viseu.

Perante estes dados o PS aponta, entre outras medidas, a necessidade absoluta de democratização do acesso a todos os graus de ensino, incluindo a eliminação gradual do «numerus clausus», criação de esquemas de apoio social e económico às famílias de menores recursos a fim de combater as profunfads desigualdades sociais no acesso à educação secundária e superior, alargamento da rede de estabelecimentos infantis, reorganização do ensino primário, que é actualmente o nível de educação mais degradado e desprezado, lançamento de programas «enérgicos» contra o insucesso e o abandono escolares, reorganização do níveis do ensino, etc.

Mas o PS salienta que, ao contrário do Governo e do seu partido, «nunca fez nem fará demagogia com a juventude e os problemas dos jóvens. Antes considera, com preocupação, que é este o mais grave e mais sério problema da sociedade portuguesa. Por isso, só se reolverá com políticas sérias e programas responsáveis, da educação infantil até à Universidade».

Por ocasião da visita a Portugal, a convite do Conselho Português para a Paz e Cooperação, de

ABDULLAH HOURANI

MEMBRO DO COMITÉ EXECUTIVO DA ORGANIZAÇÃO DA LIBERTAÇÃO DA PALESTINA

COLÓQUIO

Sobre «A recente sessão do Conselho Nacional Palestiniano e as novas perspectivas de luta do povo da Palestina e da realização de uma Conferência Internacional por uma Paz justa no Médio Oriente».

— Presidido pelo Dr. Rui Grácio —

Quinta-feira, 11 de Junho, 21 horas

HOTEL ROMA — Sala Milão

ASSOCIAÇÕES PROMOTORAS:

Associação dos Amigos dos Países Árabes; Associação para a Cooperação com as Nações Unidas em Portugal; Associação dos Inquilinos Lisbonenses; Associação Portugal Angola; Conselho Português para a Paz e Cooperação; Comissão de Paz de Lisboa; Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses; Movimento Ecologista Português — Partido Os Verdes; Movimento Democrático de Mulheres; Sindicato dos Professores da Grande Lisboa; SITAVA — Sindicato dos Trabalhadores da Aviação e Aeroportos; União dos Resistentes Antifascistas Portugueses; Associação Portuguesa de Deficientes; Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio; União dos Sindicatos de Lisboa; Comité para a Defesa dos Direitos Humanos do Povo Palestiniano.

ENTRADA LIVRE

Presidente de câmara

Criticada participação nas listas de deputados

A participação dos presidentes de municípios nas listas de candidatos a deputados foi criticada pelo renovador Alípio de Melo que defendeu a alteração da legislação no sentido de esclarecer essa participação.

Alípio de Melo, que falava na sessão de apresentação dos candidatos do PRD pelo círculo da Guarda onde é o cabeça de lista, acrescentou que os edis só podem estar na Assembleia da República 45 dias por força do estipulado na lei, sendo forçados à substituição.

«O voto nos presidentes de câmara como candidatos a deputados é um logro e o eleitorado sentir-se-á frustrado», afirmou aquele dirigente político para considerar de seguida que os deputados que têm sido eleitos por este círculo «não têm servido os interesses do distrito da Guarda».

«Muitas vezes os partidos elegem pessoas apenas para resolverem problemas dos próprios partidos e, no caso desta região, há deputados e candidatos que nem sequer conhecem a Guarda», comentou. A propósito, referiu a inserção de António Vitorino, do Governo de Macau, nas listas do Partido Socialista e de Dias Loureiro, secretário-geral do PSD nas listas do distrito. Sobre este dirigente social-democrata, o candidato renovador disse que «apesar de ser natural de Aguiar da Beira, no distrito da Guarda, está desenraizado das realidades regionais e concretas da Guarda».

Os candidatos renovadores democráticos pela Guarda

Adriano Moreira aos coordenadores da campanha

CDS PENSA ULTRAPASSAR OS 12 POR CENTO

O presidente do CDS, Adriano Moreira, disse que as metas de crescimento definidas pelo CDS não são «utópicas», porque basta os resultados obtidos nas últimas eleições autárquicas para as alcançar.

Falando domingo no encerramento do seminário de coordenadores da campanha eleitoral do CDS, Adriano Moreira afirmou que se está face a uma «ocasião única para onseguir uma modificação da composição da Assembleia da República». O líder do CDS considerou que não pode haver ma Europa unida que exceda as preocupações económicas sem que no Sul da Europa, em Portugal e Espanha a Democracia Cristã tenha uma representação forte.

Disse esperar que nas eleições haja uma «modificação qualitativa» da Assembleia da República, pela qual o CDS luta, e considerou que se não houver essa mudança a situação será pior do que antes, mas a responsabilidade não será do CDS.

Adriano Moreira sublinhou que a maioria que interessa ao País depende do CDS e assinalou que é preciso «explicar que esta crise política se traduziu em evitar que saísse da Assembleia da República um frentismo de esquerda, que foi derrotado na rua».

O presidente do CDS insistiu na necessidade da revisão constitucional, objectivo que «está a ser posto de lado» por outras forças políticas, declarando que o CDS tanto é «adversário da organização estatal marxista como de um Estado puramente tecnocrático».

Uma fonte da organização disse à agência Lusa que o seminário se destinou a explicar os objectivos eleitorais do CDS aos coordenadores da campanha e responsabiliza-os pelas metas distritais e concelhias de crescimento eleitoral, visando ou eleger mais um deputado ou aumentar a votação global nacional.

Assinalou que as metas correspondem a recuperar a votação estimada das últimas autárquicas, em que nalguns municípios concorreu com o PSD, e que o CDS calcula ultrapassar os 12 por cento.

Não a um Governo minoritário

«A mudança estrutural mais importante que decooorrerá das próximas eleições traduz-se na impossibilidae política de formação de um Governo minoritário no quadro da futura Assembleia da República» — afirmou Basílio Hort no decorrer da reunião dos coordenadores da campanha do CDS, realizada no Porto.

Basílio Horta especificou que se uma maioria absoluta não for conseguida com o PSD e o CDS, «o Governo será necessariamente substituído por um executivo liderado pelo PS e apoiado na Assembleia por este partido em conjunto com o PRD e o PCP. Tal situação — adiantou — significaria a reentrada dos comunistas na área do poder com todas as inevitáveis consequências daí decorrentes para a revisão constitucional, para as indispensáveis reformas internas, para a imagem de Portugal na Europa onde está integrado. O País entraria em perda acelerada de confiança a todos os níveis e teríamos novamente a crise económica e social num clima de permanente instabilidade política».

Basílio Horta mostra-se convicto de que o chamado voto útil só beneficiaria o PRD e o PCP e prejudicaria gravemente o PSD, já que «o CDS se compromete perante o eleitorado e perante o País na construção de um projecto político em que ele é uma peça imprescindível. O voto no CDS é a certeza de estar a participar na construção daquele projecto e a dar voz a uma maioria sociológica que desde 1983 deixou de ter representação política».

Para Basílio Horta, «a harmonia institucional e a estabilidade política, a mudança reformista, os mais profundos e verdadeiros interesses da base sociológica onde o PSD se insere e o actual Governo se apoia, impõem e pressupõem um CDS fortalecido».

Acolhendo a iniciativa 'com respeito'

MDP teme que "Coragem" privilegie algumas forças

O MDP/CDE alertou para o «perigo» do apelo do grupo «Coragem», a concentração do voto nos partidos de esquerda com possibilidades de elegerem deputados ser interpretado como tendo o objectivo de privilegiar algumas forças políticas.

«A esquerda é plural e dessa natureza deriva uma das suas maiores forças», defende o MDP/CDE em comunicado do seu departamento de informação, referindo embora que o partido acolheu «com respeito» a iniciativa do grupo «Coragem».

O comunicado salienta que, por essa razão, o MDP/CDE chama a atenção «contra o perigo de que tal iniciativa possa, decerto erradamente, ser interpretada como visando privilegiar algumas forças políticas em detrimento de outras igualmente válidas e legítimas da esquerda».

«Coragem» é a sigla da «Comissão para Racionalizar e Garantir a Esquerda Maioritária», que ontem se apresentou como movimento, integrado por universitários, sindicalistas e militares, que tem por objectivo levar a que uma maioria de votos de esquerda tenha a correspondente representação parlamentar.

Na sua primeira conferência de Imprensa, o «Coragem», através do ex-conselheiro da Revolução brigadeiro Pezarat Correia, apelou para o voto apenas nos partidos de esquerda com possibilidades de elegerem deputados e para a desistência dos que verificarem não terem hipóteses de obter representação parlamentar.

O MDP/CDE salienta, no seu comunicado sobre a posição do grupo «Coragem», que «são de afastar completamente quaisquer ideias que, mesmo longinquamente, possam ter o risco de confundir-se com a bipolarização defendida por Cavaco Silva e Vítor Constâncio».

O comunicado acrescenta que o MDP/CDE «não considera a possibilidade de desistências unilaterais das suas candidaturas, mas está aberto a negociações com outros pártidos com vista, nomeadamente, a estudar a melhor forma de evitar hostilizações entre as forças de esquerda».

PSD começou campanha fora da Europa

O cabeça de lista do PSD pelo círculo Fora da Europa partiu este fim de semana para Caracas tendo em vista o início da sua campanha eleitoral.

À chegada, Luís Geraldes foi obsequiado com um jantar na associação desportiva luso-venezuelana ao qual estiveram presentes mais de uma centena de portugueses que, depois de ouvirem o candidato, com ele mantiveram um prolongado diálogo.

De acordo com informação divulgada pelo departamento de Comunicação Social do PSD, foi muito comentada a contradição da afirmação de José Gama, candidato pelo CDS, segundo o qual «Cavaco Silva é o melhor Primeiro Ministro a seguir a Sá Carneiro, depois do 25 de Abril, mas o seu Governo é o pior de todos».

No domingo, o candidato social-democrata assistiu ao jogo em que o clube Maritimo se sagrou campeão da Venezuela e acompanhou o director de Negócios Políticos de Portugal na entrega do troféu.

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

AVISO

CONCURSO PARA VENDA DE VIATURAS REMOVIDAS POR ABANDONO NA VIA PÚBLICA

Informam-se todos os interessados que se aceitam propostas, em envelope fechado e lacrado, para a venda das viaturas removidas por abandono na via pública que se encontram em depósito municipal e que constam de lista existente nos respectivos Serviços desta Câmara.

Para efeitos de consulta e observação deverão os interessados contactar a Divisão de Higiene e Salubridade durante as horas normais de expediente.

As propostas deverão ser entregues contra recibo até ao próximo dia 15 de Junho de 1987 na Divisão de Higiene e Salubridade.

Amadora, 27 de Maio de 1987

Por delegação de competência do Sr. Presidente
O VEREADOR
Armando Romão

SIRP — SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS
Gabinete de Imprensa ☎ 94 29 30 — Ext. 320/321

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

AVISO

DESRATIZAÇÃO E DESINSECTIZAÇÃO NO CONCELHO

Encontra-se aberto concurso público para adjudicação da empreitada de desratização e desinsectização do Concelho de Amadora nas seguintes condições:

1 — exame do processo e informações — Divisão de Higiene e Salubridade nas horas normais de expediente;
2 — entrega das propostas — Divisão de Higiene e Salubridade até 20 (vinte) dias após a publicação deste aviso no «Diário da República»;
3 — acto público do concurso — no início da primeira reunião pública da Câmara que se seguir ao termo do prazo fixado para a entrega das propostas.

Amadora, 2 de Junho de 1987

O Presidente da CMA
Orlando Gaspar Guerreiro de Almeida

SIRP — SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS
Gabinete de Imprensa ☎ 94 29 30 — Ext. 320/321

CIDAC e SJ em 16 de Junho

Mesa-redonda sobre a África Austral

O CIDAC, em colaboração com o Sindicato dos Jornalistas, efectua no próximo dia 16 do corrente, às 21 e 30, na Sala de Bridge do Hotel Altis, uma mesa redonda sobre a África Austral.

São intervenientes Jil Jolliffe («The Guardian» e «Sunday Times»), Jorge Heitor (Lusa), Mário Crespo (RTP) e Xavier de Figueiredo («África Confidencial»).

São moderadores Joaquim Letria e Luis Moita, respectivamente presidente da Direcção do SJ e director do CIDAC.

Quatro são os temas propostos:

I — A África Austral vive uma situação instável e, portanto, mutável. É possível detectar-se alguma linha geral de evolução? Em que sentido? II — Como se pode definir essa evolução nos domínios específicos do político, do social, do militar e do diplomático? III — O regime do **apartheid** na África do Sul está «por pouco» ou está «para durar»? Quais as principais influências internas e externas na sua transformação? IV — Os casos especiais de Angola e Moçambique: que avaliação se pode fazer das respectivas situações internas?

Entrada livre.

NÍNGUEM QUER PAGAR LIMPEZA DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS

Quem deve custear as despesas com a limpeza das escolas do Ensino Primário? Esta é uma pergunta que desde 1979 aguarda resposta, obrigando na prática os professores do Ensino Primário de muitas escolas do País a pagarem do seu bolso aquelas despesas.

Como foi divulgado no I Congresso dos Professores do Centro só naquela região os professores do Ensino Primário gastaram do seu bolso mais de 60 000 000 escudos, enquanto as entidades responsáveis nesta matéria despenderam cerca de 27 000 000 escudos.

Em ofício dirigido em Abril passado ao presidente do Sindicato dos Professores da Região Centro, a Secretaria de Estado da Administração Escolar do Ministério da Educação e Cultura desvinculando-se da responsabilidade do pagamento, historiava os antecedentes: desde a revogação do Artigo 751 do Código Administrativo que várias entidades têm posto a questão de quem deverá pagar as despesas referidas.

Em Setembro de 84, aquela Secretaria de Estado emitiu um parecer no sentido de que tais encargos continuassem a ser suportados pelas Câmaras Municipais, solicitando simultaneamente orientação superior sobre a forma de actuar, visto que algumas câmaras insistiam em não satisfazer as despesas.

No mesmo mês, um despacho do secretário de Estado do Ensino Básico e Secundário solicitava parecer à Procuradoria-Geral da República sobre quem se devia responsabilizar pelo pagamento da limpeza das escolas em questão.

Com base nesse parecer, a Secretaria de Estado da Administração Escolar entende que as razões nele apontadas para que as despesas de manutenção e conservação dos edifícios das escolas primárias sejam suportadas pelas Câmaras Municipais, são também válidas para as despesas com o expediente das escolas.

Mas em Agosto de 86 a Direcção-Geral da Administração Autárquica do Ministério do Plano e da Administração do Território respondera a algumas escolas que «nos termos do Art.º 48 do Código Administrativo, às Câmaras Municipais apenas compete a construção, conservação, reparação ou arrendamento de edifícios escolares e aquisição de mobiliário e material didáctico».

Em que ficamos?

Aulas suspensas na preparatória Damião de Góis

A Escola Preparatória Damião de Góis interrompeu ontem o funcionamento das aulas como «medida preventiva» por terem sido detectados índices de cloro demasiado baixos na água daquele estabelecimento de ensino.

Segundo a agência Lusa, com base em informações do presidente do Conselho Directivo, Vítor Henriques, as aulas estão suspensas em princípio até serem conhecidos os resultados da análise bacteriológica da água pedida aos Serviços de Saúde.

Os resultados deverão ser conhecidos na próxima sexta-feira, data que não pudemos confirmar na escola por a única pessoa que presta informações à Imprensa, precisamente o presidente do CD, se encontrar ausente esta manhã «talvez para tratar de qualquer coisa de serviço no MEC», como nos disseram por telefone.

Ainda segundo a Lusa, aquele professor disse que não são conhecidos casos de doença devido à baixa percentagem de cloro na água, mas explicou que as análises foram pedidas porque «alguns miúdos sentiam enjoos e dores de cabeça, passavam um dia em casa, ficavam bons e quando regressavam à escola voltavam a sentir o mesmo, o que nos fez pensar que poderia haver qualquer coisa na água».

Comissão da UNESCO cria secções

A Comissão Nacional da UNESCO decidiu criar seis secções especializadas.

As secções — nas áreas da Educação, das Ciências, da Cultura, da Comunicação Social, da Condição Feminina e dos Direitos do Homem — pretendem dar «maior dinamismo» à comissão e enriquecer a sua acção com uma maior reflexão sobre os temas respectivos, que «materializam a cooperação», de Portugal com a UNESCO.

NOVA AGÊNCIA
AGORA EM
OLIVEIRA DO HOSPITAL

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Rua do Colégio, 14
3400 Oliveira do Hospital

Com a abertura desta nova agência o Banco Pinto & Sotto Mayor satisfaz uma velha aspiração da população da região de Oliveira do Hospital, ao mesmo tempo que contribui para impulsionar o desenvolvimento das suas actividades económicas.

Cofre de Recepção de Depósitos — Para maior segurança das suas receitas diárias.

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Acusação provocou controvérsia em Santa Clara

OTELO, VASCO LOURENÇO E MÁRIO TOMÉ AFASTADOS DO JULGAMENTO DOS "COMANDOS"

Manuel Geraldo

OS tenentes-coronéis Otelo Saraiva de Carvalho e Vasco Lourenço e o major Mário Tomé, foram ontem à tarde «afastados» do julgamento dos 20 ex-militares do Regimento de Comandos da Amadora, ao serem preteridos pelo promotor de Justiça do 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), coronel Mário Cabedo, numa decisão vivamente contestada pela bancada da defesa que a considerou como estando a colocar em causa a possibilidade de vir a ser apurado «o princípio da verdade material dos factos» que rodearam a tentativa de afastamento do coronel Jaime Neves da liderança da unidade, em 31 de Julho de 1975.

Otelo, Vasco Lourenço e Mário Tomé: o afastamento de três testemunhas incómodas

De referir que os três militares agora dispensados pelo acusador público, prestaram declarações no primeiro julgamento deste processo, o qual terminou, como se sabe, com a absolição de todos os réus, tendo o acórdão sido posteriormente anulado por decisão do Supremo Tribunal Militar (STM), na sequência de um recurso apresentado pelo comandante da Região Militar de Lisboa, general Ricardo Durão.

Tanto Otelo, então comandante do COPCON e da Região Militar de Lisboa, como Vasco Lourenço, membro do Conselho d Revolução e figura preponderante do MFA, como Mário Tomé, comandante operacioal do Regimento de Polícia Militar, foram ontem considerados pela defesa como «peças fundamentais» para o aclarar dos factos, pelo que acoheu com natural surpresa a atitude do coronel Cabedo, o qual, desde que substituiu o anterior promotor de Justiça, coronel Nuno Vilares de Cepeda, tem pautado a sua presença em Santa Clara por declarações eivadas de um certo revanchismo político de Direita, para além de ter confessado com uma certa sobranceria nada perceber de Direito.

Loff Barreto, Levy Baptista, Jerónimo Martins e João Godinho, em nome da defesa, questionaram o tribunal sobre a decisão de Mário Cabedo, tendo Levy Baptista afirmado, dirigindo-se ao juiz-presidente do 2.º TMT, coronel Xavier Coelho, também ele substituto do coronel Clodomiro Alvarenga: «Nós, senhor juiz-presidente, temos sobre Vossas Excelências a vantagem de conhecermos a importância detas três testemunhas, pois estivemos presentes no primeiro julgamento».

Loff Barreto, por sua vez, considerou que o «general Otelo» pela intervenção directa que teve nos acontecimentos era uma peça fulcral para o acarar da verdade, pelo que a defesa se continuaria a bater pela sua presença em Santa Clara, tal como o faria em relação a Vasco Lourenço e Mário Tomé. Na oportunidade, a defesa mostrou a sua perplexidade pelo facto do promotor de Justiça ter preterido o depoimento de Otelo, quando afinal ainda numa das audiências anteriores convocara o tenente-coronel Silva Carvalho, a data 2.º comandante da Região Militar de Lisboa, e sem qualquer interferência no que se passou no Regimento de Comandos.

Frank Carlucci e oficial alemão

Mas na sessão de ontem um outro elemento polémico seria levantado por dois dos declarantes (alferes Alegre Jorge e Trindade) que se referiram à presença de oficiais estrangeiros na unidade, na manhã de 30 de Julho de 1975. O capitão Apolinário, um dos arguidos, chegou a admitir a hipótese de entre eles se encontrar Frank Carlucci, embaixador dos EUA em Portugal, mas os declarantes não confirmaram esta presença. No entanto, e ao que ficou apurado, nessa manhã pelo menos um oficial alemão-federal (agente da CIA na óptica da defesa) esteve no Regimento de Comandos, em conferência com Jaime Neves, tendo-se deslocado à Amadora num «ercedes» preto.

De reter igualmente o depoimento ontem prestado pelo major Matos Gomes, oficial do MFA na unidade, que referiu «o carácter essencialmente político» que levou à movimentação dos réus, já que na altura, disse, «na unidade não existiam divergências de índole militar». O julgamento prossegue na próxima segunda-feira, a partir das 14 e 30.

Pescador ferido na Nazaré e criança atropelada mortalmente

Um pequenito de dois anos e meio, Telmo Miguel, morreu ontem atropelado por um automóvel que acorria ao encontro de um helicóptero da Força Aérea Portuguesa (FAP), destacado para recolher um tripulante do arrastão «Mar Belo», vítima de acidente, ao largo da Nazaré. Carlos Estrelinha Alexandre, de 29 anos, que foi levado para o Hospital de Coimbra, ficou ferido ao ser atingido por um cabo de aço que rebentou.

O helicóptero, pertencente à Base Aérea n.º 5, em Monte Real, fora chamado, via rádio, pela Capitania do Porto da Nazaré.

Acidente em Campolide

Um carro blindado, que estava a ser transportado num camião do Exército, caiu do veículo e ficou bastante danificado ao embater ontem na ponte metálica do caminho-de-ferro junto ao Aqueduto das Águas Livres, na Avenida de Ceuta, Campolide, em Lisboa.

O blindado, um M-577 de doze toneladas, estava a ser levado do cais de Alcântara-Norte para o Depósito Geral de Material de Guerra, em Beirolas. Não se registaram vítimas.

Seis mortos na estrada no fim-de-semana

Dos 207 acidentes de viação registados durante o último fim-de-semana resultaram seis mortos e 175 feridos dos quais 48 em estado grave, segundo números fornecidos pela Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana e Polícia de Segurança Pública.

Dos seis casos mortais, quatro verificaram-se nas estradas sob vigilância da GNR enquanto os restantes ocorreram em área urbanas da jurisdição da PSP, sendo o número de acidentes em cada uma daquelas áreas de 111 e 96 de que resultaram 109 e 66 feridos respectivamente.

Aconteceu há meses em Azeitão e só agora foram detidos

Mataram um companheiro de trabalho e enterraram-no na vivenda que construíam

Quatro operários da construção civil foram detidos sob a acusação de tere morto no Verão passado em Azeitão, Setúbal, um companheiro de trabalho cujo cadáver depois enterraram sob o pavimento de uma vivenda que andavam a construir.

Refere a Polícia Judiciária que «ao comemorarem o aniversário de um de cinco elementos que trabalhavam na construção de uma vivenda em Azeitão, um deles, de apelido Caetano, embriagou-se e os seus colegas ao regressarem para a camarata atiraram-no violentamente para a cama». O comunicado da PJ afirma que «depois de embrulharem o corpo com roupas velhas e colchões, e ao verificarem no dia seguinte que estava morto, resolveram enterrá-lo dentro do pavimento da vivenda que estavam a construir».

A PJ acrescenta que «passado cerca de um ano, um dos intervenientes revelou pormenores do desaparecimento do colega e a PJ identificou e deteve os quatro indivíduos que tomaram parte n acção criminosa, os quais confessaram e indicaram logo onde se encontrava o cadáver, debaixo de um dos quartos da vivenda já habitada, cujos proprietários desconheciam o sucedido».

A PJ termina revelando que «trabalhadores da Câmara Municipal de Setúbal desenterraram o corpo, rebentando o soalho de um quarto de dormir, a metro e meio de profundidade, tendo sido encontrado o cadáver apenas com a sua estrutura óssea e objectos pessoais, entre os quais o relógio».

Mário Raposo participa numa reunião em Helsínquia

O ministro da Justiça encontra-se desde ontem em Helsínquia a fim de participar na reunião plenária da Conferência dos Ministros Europeus da Justiça, consagrada a dois temas centrais: » A Actividade legislativa e as mutações sociais» e «Medidas substitutivas da pena de prisão».

Em relação ao primeiro tema Mário Raposo irá defender a necessidade de simplificar o processo de intervenção do Estado na vida social. No que se refere ao segundo tema, o ministro português fará uma exposição sobre o sistema no nosso país de medidas alternativas à prisão.

ARTIGO DE FUNDO

Mário Castrim

O cardeal Cereja, com um gesto amável, franqueou-me a entrada do seu belo apartamento, decorado a fumos de alcatrão e labaredas sanguíneas: — Entra, entra, amado filho meu. Ah, nem tu imaginas quanto a tua visita me reconforta!

Tinha um ar fatigado, agitado. Recomendei-lhe que vigiasse a tensão e que, entretanto, evitasse sal, azar, **stress,** *gorduras e açúcar.*

— Meu único mal é a solidão — respondeu — todos me esqueceram, estou prisioneiro do passado.

Confortei-o. Que talvez não fosse bem assim. Talvez estivesse mais vivo do que pensava. Todos os seus amigos estavam de boa saúde e continuavam a seguir-lhe as pisadas.

— Mas os cravos, meu jovem, os cravos afligem-me.
Lembrei que também por causa dos cravos Cristo muito sofrera na Cruz. O cardeal Cereja sorriu com aquele jeito comedido e sereno:

— Ora, ora, meu filho, sabes bem que não é a esses que me refiro. Enfim, o que lá vai, lá vai. Lá que tenho saudades, isso tenho. Das grandes cerimónias públicas, das pequenas e saborosas intimidades. Saudades das audiências, reverências, excelências. Especialmente dos lindos rituais — a missa em latim, as mulheres de cabeça coberta, os casamentos para a eternidade.
Suspirou:

— Isto agora é uma bagunça. Bom, mas não penses, meu filho, que sou um bota de elástico, um desses hipopótamos cabeçudos. Não. Soube adaptar-me. Por exemplo, nas eleições que agora se usam.
Atalhei:

— Era por causa disso que eu queria falar-lhe. Precisava de um conselho. Em quem devo votar?
— No centro, meu filho, no centro.

— Centro-esquerda?
— E por que não? Claro que pode ser nesse. Ou melhor ainda no centro-direita. Ou no centro propriamente dito. Seja onde for, desde que não seja nos extremos.
— Nem na extrema-direita?
— Nessa muito menos.
— Agora sim, vejo bem como evoluiu.
O cardeal Cereja fungou uma pitada de rapé:
— Não é por isso, meu filho, é porque todos os meus amigos estão lá.
— Na extrema-direita?
— Não, rapaz. No centro!

Espanhóis passam ao ataque

ALDEADÁVILA TEM CONDIÇÕES PARA "LABORATÓRIO NUCLEAR"

●*Não faz sentido gastar seis milhões numa simples experiência, declarou ao "DL" assessor da Secretaria de Estado do Ambiente*

Tomando uma vez mais a iniciativa, as autoridades espanholas, em relatório com a chancela do Conselho de Segurança Nuclear, pronunciaram-se pela construção de um «laboratório experimental» de resíduos radiocativos em Aldeadávila de La Ribera, junto à fronteira portuguesa. Em Lisboa, perante o parecer, um assessor da secretaria de Estado do Ambiente declarou ao «DL» não fazer sentido gastar seis milhões numa simples experiência...

«Esta não é uma guerra fácil», declarou esta manhã ao «DL» Nuno Ribeiro da Silva, comentando o relatório do Conselho de Segurança Nuclear Espanhol.

De acordo com o texto, aquele organismo pronunciou-se pela construção do laboratório experimental de resíduos radiocativos em Aldeadávila de La Ribera. O estudo enviado ao Congresso dos Deputados sublinha que aquele local tem a vantagem adicional, do ponto de vista económico, de poder apoiar-se na especial configuração geográfica do terreno, que permite atingir grandes profundidades a partir do leito dos rios.

O documento, depois de afirmar que na Península Ibérica existem extensas formações graníticas em regiões com actividade tectónica e grau de sismicidade muito baixos e com excelentes condições geotécnicas, sublinha que o local em causa fica numa dessas formações graníticas. O Conselho explica, ainda, que os trabalhos de investigação não permitem julgar que o laboratório venha a transformar-se em cemitério de resíduos nucleares.

A publicacão do relatório, a escassas 48 horas de eleições locais em Espanha, é também prova de que as autoridades de Madrid, apesar da contestação que se tem verificado, estão dispostas a avançar com uma das componentes da Plano Energético Nacional que passa pela criação de um depósito de resíduos radiocativos, que dê vazão ao lixo das suas oito centrais nucleares..

Apesar desta tomada de posição, Enrique Mugica, dirigente nacional do PSOE, declarou que os socialistas respeitarão o compromisso ético dos candidatos municipais, que decidiram demitir-se dos cargos se se instalar o laboratório na província.

Plano Nacional com uso comunitário?

O desenvolvimento da campanha eleitoral levou que, em Salamanca, o comissário europeu Manuel Marin, tenha declarado que o projecto do laboratório faz parte de um programa comunitário, e que a decisão será tomada em Bruxelas e não em Madrid.

Se a publicação do relatório vem demonstrar que nem tudo se passará como o comissário Marin indica, não é menos verdade que, no seio da Comunidade, o Plano Energético Comum avança e, como declarou ao «DL» Nuno Ribeiro da Silva, assessor da secretaria de Estado do Ambiente, «não temos a certeza que venham outros resíduos, mas tal poderá acontecer».

Se, o adiamento da decisão comunitária de Junho para Setembro tem a ver com as pressões desenvolvidas junto da comunidade, e os meses de intervalo vão agora permitir a Portugal «desenvolver argumentos e continuar as pressões», no entanto, como Nuno Ribeiro da Silva reconhece «existe um problema grave». «A legislação não tem sido um grander suporte, uma vez que os tratados estão desactualizados, os acordos do EURATOM não prevêem clausulado relativamente a este tipo de instalações, e como os espanhóis apresentaram o projecto como unidade experimental, ele não está abrangido pelos tratados luso-espanhóis», subinhou. «Há, no entanto, um parecer do Parlamento Europeu aconselhando que estações até 100 quilómetros da fronteira, só poderão ser instaladas de comum acordo, embora tal recomendação não tenha força de Lei».

O vazio legislativo, que dimunui a força da posição portuguesa, não exclui a hipótese do nosso país recorrer a tribunais internacionais, embora o assessor da secretaria de Estado do Ambiente tema que se desenvolva «um processo de inércia».

No sentido de inverter esta situação, as autoridades portuguesas, os autarcas e ecologistas que, de um e de outro lado da fronteira têm unido a sua voz contra o projecto, aguardam a presença em Lisboa, no final desta semana, de disersos ministros do Parlamento Europeu.

Segundo o «DL» conseguiu apurar, associações ecologistas vão entregar aos ministros do Ambiente uma garrafa de vinho do Porto, colheita de 1999, com o símbolo da radioactividade colado. Por outro lado, a Comissão de Coordenação da Região Norte vai promover uma subida do Douro para sensibilizar a população da bacia para o problema, estando igualmente previsto que se ponha a funcionar um comboio fantasma, como símbolo do que poderá acontecer se Aldeadávila se converter em cemitério nuclear.

Se o uso comunitário do maciço granítico ainda não está decidido, embora não possa ser excluído, não restam dúvidas que as instalações têm muito pouco de laboratório.

É um projecto industrial

«Os próprios serviços da Comunidade chamaram a atenção para o facto do projecto ser mais industrial que experimental, tendo pedido uma série de esclarecimentos nesse sentido», sublinhou Nuno Ribeiro da Silva.

«Por outro lado», continuou, «não faz sentido que se estejam a fazer experiências que vão decorrer até 1999, ano em que se vai decidir o local definitivo para a implantação do depósito, e que não seja aproveitado o investimento de seis milhões que vai ser feito naquele local».

Aliás, uma declaração do presidente da ENRESA, Empresa Nacional de Resíduos Radioactivos, de 30 de Junho, salienta a existência de dificuldades na gestão de resíduos já existentes, e sublinha a necessidade de uma solução intermédia até ser encontrada uma decisão final. «Para já, Aldeadávila será a solução intermédia, mas também poderá vir a ser a solução final», observou o assessor da secretaria de Estado do Ambiente.

Para Carlos Pimenta, secretário de Estado do Ambiente com as funções suspensas devido à campanha eleitoral, «é fácil que o Conselho de Segurança Nuclear se pronuncie sobre um projecto, cujos riscos para a segurança são para Portugal». «Uma atitude responsável seria a consulta formal a Portugal», declarou ao «DL», sublinhando que «não há um assunto onde se tenha registado uma unanimidade tão grande, das autarquias aos organismos profissionais, dos partidos políticos às Confederações empresariais».

Unanimidade que choca com uma posição dura do Governo de Madrid uma vez que, como salienta Nuno Ribeiro da Silva, a Espanha «tem oito reactores a funcionar, a produzirem resíduos, e o que está em causa é um projecto e os «lobbys» a ele associados».

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS

AVISO

CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA EMPREITADA DE FORNECIMENTO E MONTAGEM DE EQUIPAMENTO E OBRAS ASSOCIADAS À TELEGESTÃO DA REDE DE ÁGUA POTÁVEL DOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE OEIRAS.

Faz-se público que, por despacho do presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados de Oeiras, de 1/6/87 a ratificar na próxima reunião, foi prorrogado o prazo por 21 dias, da abertura do concurso acima referenciado e publicado no «DR» III Série n.º 83, de 9/4/87.

Assim as propostas serão abertas no dia 30 de Junho de 1987, pelas 14 horas.

Oeiras, 2 de Junho de 1987

Pel'O Presidente do Conselho de Administração
O Administrador
Luís Manuel Amaral Paço Simões

Cursos

FUNDO SOCIAL EUROPEU
(CEE)
1987

No próximo mês vão iniciar-se neste Centro, Cursos Subsidiados pelo Fundo Social Europeu e pelo Estado Português destinados a jovens dos 18 aos 24 anos.

Serralheiros de Arte
Desenhadores Artísticos
Desenhadores Gráficos
Pintores
Escultores
Ceramistas (Opção Design)
Vidreiros (Opção Design)
Canteiros de Arte

Os interessados devem fazer a sua inscrição pessoalmente acompanhados do «port-folio» até dia 19 de Junho.
Horário das 10 às 12 e das 15 às 17 horas.

Habilitações Mínimas — 9.º Ano de Escolaridade (Excepto para o Curso de Serralheiro de Arte)
Prática de pelo menos 1 ano em Estabelecimento de ensino especializado, ou experiência de Trabalho.

Regalias: Os jovens seleccionados para a frequência destes cursos receberão um subsídio mensal.

AR-CO Centro de Arte e Comunicação Visual
Rua de Santiago, 18 — 1100 LISBOA — Portugal

Grande Sessão CDU

Encerramento do Encontro Nacional de Candidatos

ORADORES:

ÁLVARO CUNHAL
HERBERTO GOULART
MARIA SANTOS
ÂNGELO VELOSO
MARIA DO CARMO RAMOS
ROGÉRIO MOREIRA
LUISA AMORIM
INÊS FONTINHA

10 de junho - 21h. • coliseu • lisboa

Aumenta a lista a favor da extinção das portagens de Sacavém e Alverca

É cada vez maior o número de pessoas e órgãos que se manifestam a favor da extinção das portagens de Sacavém e Alverca, na Auto-Estrada do Norte. O último órgão a deliberar nesse sentido foi a Assembleia Distrital de Lisboa, que, como a sua própria designação indica, agrupa autarcas de todo o distrito.

A Assembleia Distrital de Lisboa veio juntar a sua voz à da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, pela abolição das portagens de Sacavém e Alverca, em plena Auto-Estrada do Norte, entre si separadas por cerca de quinze quilómetros.

Na sua última reunião, na passada sexta-feira, a Assembleia Distrital de Lisboa deliberou reivindicar junto do Governo a extinção das portagens de Sacavém e Alverca do Ribatejo. Na mesma ocasião, aquele órgão deliberou reivindicar a criação de novos nós de ligação na Estrada Nacional n.º 10, em Santa Iria de Azóia e Alhandra.

A Assembleia Distrital de Lisboa manifestou também estranheza pelo facto da «Brisa» ter entretanto iniciado obras destinadas ao aumento da capacidade de escoamento do tráfego daquelas portagens, com vista a aumentar de nove para dezasseis o seu número de cabinas.

Isso acontece «quando a solução passa pela sua extinção», segundo comunicado da Assembleia Distrital de Lisboa. Tal intenção havia sido manifestada, há dias, pelo presidente do Cnselho de Gerência da «Brisa», Carlos Pardal, ao «Diário de Lisboa». As obras, essas, centram-se, por ora, na terraplenagem e alargamento da área destinada às futuras cabinas de portagem.

Protocolo de cooperação entre Universidades de Évora e Trás-os-Montes

As Universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro e de Évora assinaram um protocolo de cooperação em diversos sectores, com vista à sua «integração e participação na vida do País».

O convénio considera de grande interesse o aproveitamento de recursos conjuntos e a implementação de actividades de investigação.

No sector da informação, as acções vão da permuta de planos anuais de actividade à troca de informações sobre meios de acção disponíveis, em especial de documentação técnica.

O acordo abrange as áreas de formação, especialização e investigação, prevendo a difusão de conhecimentos que interessem a cada uma das instituições, nomeadamente a divulgação de assuntos tratados em reuniões nacionais e internacionais.

ENSINO SECUNDÁRIO

CURSO GERAL

- UNIFICADO (7.º, 8.º e 9.º Anos)
- PLANOS PRÓPRIOS (2 Anos lectivos)
- NOCTURNO — Intensivo

O Curso Geral de planos próprios pode ser frequentado em regime de UNIDADES CAPITALIZÁVEIS, regime especialmente concebido para alunos com condições particulares de aprendizagem.

CURSO COMPLEMENTAR

- 10.º ANO (Área A, C e D)
- 12.º ANO (1.º, 2.º, 3.º e 4.º Cursos) com reforço de preparação tendo em vista as condições de acesso ao ENSINO SUPERIOR
- NOCTURNO — Intensivo

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES NAS SECRETARIAS

EXTERNATOS

MARQUÊS DE POMBAL
RUA MORAIS SOARES, 93 (CHILE)
TELEF. 83 46 58/83 14 16

ÁLVARES CABRAL
AV. GRÃO VASCO, 1 (BENFICA)
TELEF. 70 69 74/70 67 51

A partir de hoje, em todo o País

CARTEIROS DO CTT DISTRIBUEM MILHÕES DE FOLHETOS CONTRA A SIDA

Restaurantes, piscinas e sanitários não constituem ameaças de contágio

Os carteiros dos CTT começam hoje a distribuir em todo o País, porta a porta, três milhões e meio de folhetos com esclarecimentos sobre a SIDA (Síndroma de Imunodeficiência Adquirida). Editados pelo Ministério da Saúde, respondem a quatro grupos de questões que a SIDA coloca: o que é, como se transmite, como se podem as pessoas proteger e quais as situações em que não correm perigo. Espera-se que todas as pessoas sejam abrangidas por esta campanha de esclarecimento em massa, uma iniciativa prevista para a passada semana que a partir de hoje mobiliza Portugal.

Mas ão só: constitui preocupação de todos e de todo o Mundo, desde o Brasil e a Guiné-Bissau aos EUA. A atestá-lo está o facto da própria Cimeira dos Sete Países Mais Ricos do Mundo, que desde ontem decorre em Veneza, ter agendado este tema para os trabalhos.

O folheto que hoje começou a ser distribuído em todo o País, no arranque de uma operação que demorará mais alguns dias, não é alarmista, segundo uma fonte do Instituto Nacional de Saúde. Laura Ayres disse que procura, antes de tudo, transmitir uma mensagem de esperança, «além de fornecer às pessoas a informação mínima necessária para evitar o alastramento da doença».

De acordo com Laura Ayres, que chefia o grupo de trabalho especialmente criado no âmbito do Instituto Nacional de Saúde para tratar da SIDA, «seria injusto pensar-se que até aagoraa nada foi feito para esclarecer o público. O grupo de trabalho já elaborou e publicou catorze documentos com informações, estatísticas e conselhos, os quais foram postos à disposição do pessoal de saúde, e, também, dos órgãos de Comunicação Social. Médicos ligados a este grupo têm, de resto, dado várias entrevistas e aparecido na RTP a explicar o que é a SIDA e o que se passa quanto a essa doença, em Portugal.

O folheto do Ministério da Saúde responde a quatro grupos de quuuuuuuuuuuestões sobre a SIDA, como acima se diz, para evitar a divulgação de ideias erradas e atitudes de medo injustificado Fundamentalmente, sublinha que não se corre perigo de contágio nos contactos sociais e de trabalho, ao cumprimentar as pessoas, nos transportes públicos, nas piscinas, nos restaurantes e nos sanitários.

As medidas essenciais de protecção, como noutro local se informa, consistem em evitar ter mais de um parceiro sexual, usar preservativos com parceiros (sexuais) de ocasião, não partilhar seringas com outras pessoas, não partilhar escovas de dentes, navalhas ou lâminas de barbear.

Tropas da NATO: grupos de alto risco

O comissário europeu para os Assuntos Sociais, Manuel Marin, considerou as tropas da NATO como um grupo de «alto risco» na propagação do vírus da SIDA devido à sua mobilidade.

Numa conferência de Imprensa ontem realizada em Valdepenas, no centro de Espanha, onde participou num comício, Marin afirmou «que um dos grupos de alto risco na propagação da SIDA são as tropas da Aliança Atlântica pela sua mobilidade».

O comissário comunitfio mostrou-se contrário à exigência nas fronteiras europeias de um certificado médico que comprove que o seu possuidor não está afectado pela Síndroma de Imunodeficiência Adquirida.

Marin disse também não concordar com a posição de alguns países que tentam impor aos africanos exames médicos antes de eles passarem as suas fronteiras.

«SIDA: inimigo a combater»

SIDA, inimigo a combater» será o tema de um concurso nacional de canções a ser promovido pelo Ministério guineense de Saúde Pública e a Organização Mundial de Saúde (OMS).

O concurso, que se insere no programa de luta contra a Síndroma de Imunodeficiência Adquirida, tem por finalidade «reduzir e controlar» a expansão da SIDA na Guiné-Bissau, alertando a população para a importância do uso de preservatios nas relações seuais, da esterilização das seringas e agulhas, bem como dos materiais utilizados nas cerimónias de circuncisão tradicional (fanado) e tatuagens.

Os concorrentes podem apresentar um número ilimitado de canções, referindo-se a um ou vários temas, nomeadamente os perigos de se ter mais de um parceiro sexual, do uso de escovas de dentes e navalhas de barbear emprestadas, das transfusões de sangue e da infecção das mulheres grávidas, para além dos já citados.

As canções, ligeiras ou tradicionais, poderão ter letras em português, crioulo ou qualquer outra língua étnica.

Os prémios totalizam 350 mil pesos, sendo de 200 mil para o primeiro classificado, 100 000 e 50 000, respectivamente, para o segundo e terceiro lugares.

Brasil: o pior depois dos EUA

O Brasil (o segundo País em casos de SIDA, depois dos Estados Unidos da América, segundo os últimos dados divulgados pela OMS), onde poderá haver cerca de meio milhão de pessoas portadores do vírus, corre o risco de atingir o dobro dos 1695 casos actualmente reconhecidos pelas autoridades, segundo o especialista norte-americano Mansel.

Peter Mansel, que participa em Campinas (Estado de S. Paulo) no V Congresso Brasileiro de Oncologia, disse que «os 1695 casos de SIDA registados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) no Brasil, são a ponta de um iceberg».

O especialista norte-americano alertou para a gravidade do problema e afirmou que «os programas preventivos e o tratamento de doentes no Brasil estão muito atrasados».

Criticou as autoridades sanitárias do País por não considerarem prioritário o combate à SIDA e pediu aos seus colegas brasileiros que formem grupos independentes de médicos e cientistas para contrariar a falta de interesse oficial.

Peter Mansel, que trabalha no hospital de Andersen, Houston (nos Estados Unidos), concordou que as campanhas educativas preventivas são a melhor arma para evitar o avanço da doença, que no Brasil já provocou mais de 800 mortos.

Dez "mandamentos" contra a SIDA

O Instituto Nacional de Saúde elaborou uma lista de dez conselhos para protecção individual contra a SIDA. São uma espécie de dez «mandamentos» que deixamos aos nossos letores, tal qual o (INS) os alinhou.

1 — Tenha sempre presente que a SIDA não é um adoença exclusiva de homossexuais, tóxico-dependentes ou prostitutas.

2 — Tenha sempre presente que a maioria dos portadores do vírus não tem sinais de doença.

3 — A situação ideal é manter relações sexuais apenas com um único parceiro sexual e em que nenhum membro do casal tome drogas, por via endovenosa.

4 — Quando não tiver absoluta certeza se o seu parceiro sexual é ou não portador de vírus use preservativos em qualquer tipo de relação sexual. Use correctamente o preservativo — desde o início da relação sexual, bem ajustado, mas com espaço suficiente na ponta para não romper com o esperma. Os espermicidas não são protectores em si mesmos, mas podem diminuir o risco quando usados com o preservativo. Mesmo que ambos os parceiros estejam infectados, os preservativos são essenciais para evitar reinfecções, que pioram o prognóstico.

5 — Se tiver razões para pensar que está infectado, diga-o ao seu parceiro sexual e peça-lhe a mesma honestidade em relação a si. Os indivíduos infectados não necessitam de se abster de ter relações sexuais, mas devem tomar precauções para evitar a difusão da infecção.

6 — Se pensa que está infectado não dê sangue para ter a confirmação. Procure o seu médico, que lhe indicará um serviço onde o exame pode ser feito com segurança e confidencialidade.

7 — Se é tóxico-dependente, não compartilhe seringas seja com quem for.

8 — Se um membro da sua família tem SIDA, não receie o seu contacto.

9 — Se é mulher e tem razões para pensar que pode estar infectada (porque é tóxico-dependente, ou teve relações sexuais com um indivíduo pertencente a um grupo de risco, ou sofreu alguma transfusão no passado), deve fazer a pesquisa de anticorpos contra a SIDA, antes de engravidar. Se a pesquisa for positiva, não engravide.

10 — Converse com os seus filhos, diga-lhes o que é a SIDA e que a doença mata, mas que pode evitar-se seguindo estes conselhos.-

Hospital de empresas com menos procura

A melhoria generalizada da economia nacional é apontada pelos responsáveis da Parempresa como factor determinante do número progressivamente menor de empresas que recorrem aos seus serviços.

A Parempresa foi constituida para ser, na prática, uma clínica de empresás a que recorriam as sociedades em débil estado económico--financeiro e carentes de recuperação. Segundo o Relatório e Contas do ano passado, o número de empresas que recorreram aos seus serviços baixou de 63, em 1965, para 36 no ano passado.

O Conselho de Administração desta sociedade para-bancária para a recuperação de empresas apontou, também, o progressivo estreitamento das condições de acesso aos seus serviços como elemento importante da diminuição do número de empresas que solicitaram a sua intervenção e ajuda.

No ano passado, a Parempresa teve um lucro de 4.400 contos, ou seja, 69,2 mais que em 1985. Durante o último exercício, 17 empresas celebraram acordos de assistência com a Parempresa.

Garantiu Silva Lopes

MERCADO UNICO NAO REDUZIRA ASSIMETRIAS REGIONAIS

O mercado interno europeu, decorrente do Acto Único a que se vincularam os Doze membros da Comunidade, vai ser «essencialmente vantajoso para as indústrias de grande escala produtiva e ter, por isso, efeitos positivos nas regiões mais desenvolvidas, onde essas indústrias já estão instaladas».

A afirmação é do economista Silva Lopes e foi, ontem, tornada pública na mesa-redonda realizada no Instituto de Defesa Nacional para debater os reflexos do Acto Único Europeu no conceito de defesa nacional. Em função do que afirmou o deputado do PRD e antigo ministro das Finanças, o Acto Único não vai contribuir para diminuir as assimetrias regionais hoje existentes na Europa dos Doze.

Silva Lopes vai mais longe, garantindo que «os precedentes históricos admitem interrogações inquietantes para Portugal»:

«A CEE existe há mais de 30 anos-acentuou-e apesar dos esforços de correcção das assimetrias regionais, verifica-se que as disparidades não diminuiram de maneira significativa, até há dez anos, e desde essa altura agravaram-se».

Segundo acrescentou, a liberalização da circulação de capitais é o ponto que pode levantar maiores apreensões pois, para minorar os seus efeitos negativos nos países de economia mais fraca, «implicará aumentos das taxas de juro que criarão dificuldades aos investidores portugueses«. Silva Lopes reconheceu, no entanto, que a existência de um mercado único «permitirá à Comunidade poupar 40 milhões de ECU's nas compras governamentais e 12 milhões nos controlos alfandegários».

«O problema vai ser, depois, a distribuição destes ganhos», concluiu Silva Lopes.

Maior democraticidade às decisões da CEE

O jurista Fausto Quadros, outro dos participantes na mesa-redonda do Instituto de Defesa Nacional, manifestou uma opinião genericamente favorável à implantação do Acto Único Europeu dizendo que um dos seus objectivos é «dar maior eficácia e democraticidade ao poder de decisão da CEE».

«Aquilo que o Acto Único nos pode dar não é muito, mas já é alguma coisa», disse Fausto Quadros, que acrescentou ser mais importante «criarmos a mentalidade e predisposição necessárias para o cumprirmos e fazermos cumprir» do que discutirmos «o que ele nos propõe no seu texto».

Falou também Jaime Gama, membro da Direcção do Partido Socialista, versando a futura formulacão da política externa portuguesa, em função da entrada em vigor do Acto Único Europeu, em 1992. Gama, ele próprio antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, defendeu que Portugal deve organizar a sua posição nacional específica, «de forma a que anteceda a posição europeia conjunta e contribua para ela».

«A política externa da Europa não pode substituir-se à política externa de cada Estado», disse Jaime Gama.

Segundo o PRD de Viseu

Viabilidade dos Fornos Eléctricos passa pela vontade política

A Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos é viável sem os pesados custos sociais previstos, não havendo vontade política governamental de a manter, denuncia a Comissão Distrital de Viseu do Partido Renovador Democrático.

Na opinião deste partido, e corroborando o Relatório do Administrador Judicial, a viabilidade da empresa é possível no sistema de preços internacionais, sendo apenas necessário que os débitos à Banca se transformem em capital social com um ajustamento da tarifa de energia eléctrica praticada.

O PRD acusa o Governo de se manter «num escandaloso silêncio», quando a ele lhe cabem as responsabilidades de «definição e concretização das políticas e orientações que permitam enquadrar o processo de reestruturação», traduzindo-se a sua inércia «na efectiva impossibilidade da actuação coerente dos credores» que não conseguiram ainda chegar a acordo.

Acordo de empresa em causa

Petroquímica e Gás de Portugal na iminência de conflito

Os trabalhadores da Petroquímica e Gás de Portugal acusam o Conselho de Gerência e a tutela de apostar na radicalização do processo negocial de revisão do Acordo de Empresa, com consequências ainda imprevisíveis.

Segundo um porta-voz da Federação dos Sindicatos das Indústrias Químicas, já se realizaram 14 reuniões com a administração para discussão do clausulado, tendo os seus representantes se mantido irredutíveis nas últimas quatro, justificando não ter autorização da tutela para alterar a sua posição.

Até ao momento, os sindicatos defendem uma alteração salarial de 13,5 por cento, depois de no início se terem batido por um acréscimo de 18 por cento, enquanto o Conselho de Gerência subiu a sua proposta de 7,5 para 9 por cento.

Segundo Delfim Mendes daquela federação, os trabalhadores tentaram reunir-se com o presidente e com o ministro da Indústria, ambas as tentativas em vão. «Temos procurado tudo para negociar», disse aquele sindicalista ao «DL». «Se alguém está interessado na radicalização, não faremos o seu jogo, mas não prescindimos das nossas posições», não se excluindo, como nos disse, a realização de greve como forma de pressão.

Acusa a UGT

Estatísticas do desemprego são cor-de-rosa

O Instituto Nacional de Estatística (INE) está a traçar um«quadro cor-de-rosa» sobre a evolução do emprego e do desemprego a nível nacional que não corresponde à realidade, acusa a UGT.

Os dados do INE indicam ter havido, entre os primeiros trimestres de 1986 e 1987, um acréscimo de 136,5 mil na criação de postos de trabalho e em consequência um decréscimo da taxa de desemprego de de 11,1 para 9,6 por cento, números contestados por aquela central sindical.

A UGT duvida que o «desemprego restrito» abranges-se apenas 360,3 milhares de trabalhadores no primeiro trimestre de 1987 quando, para o mesmo indicador, o Instituto de Emprego e Formação Profissional no primeiro mês deste ano já contabilizara 390,9 milhares de pessoas.

Aquela central sindical contesta ainda que a população activa no sector primário tenha sido acrescida de 41,5 mil postos de trabalho, bem como o emprego na indústria aumentado mais rapidamente que nos serviços.

«Se considerarmos as previsões sobre o crescimento do emprego do Programa de Correcção Estrutural do Comércio Externo e do Desemprego(PCEDED) e da comissão ds Comunidades Europeias referentes a 1987, que apontam para 0,66 por cento e os 0,4 por cento respectivamente», acrescenta a UGT, «podemos concluir que no contexto actual da política económica não se afigura possível que o emprego possa ter crescido 3,4 por cento», e que os dados do INE se encontram por essa razão sobreavaliados.

A UGT assinala ainda que, no tocante à decomposição do emprego pela sua situação na profissão, a análise permite concluir que o aumento se verificou nos trabalhadores por conta própria, contrariamente aos por conta de outrém cujo número se reduziu em 29,2 mil postos de trabalho.

A situação é agravada, segundo aquela central, com o aumento da precaridade do trabalho, assistindo-se a acréscimo da contratação a prazo e da economia paralela.

Ferroviários exigem intervenção do Ministério do Trabalho

Os sindicatos dos trabalhadores ferroviários portugueses integrados na estrutura vertical da CGTP exigiram do Ministério do Trabalho o cumprimento da «sua obrigação legal» de intervir para desbloquear as negociações com a administração da CP.

Nos plenários de delegados sindicais que se realizaram em Lisboa, Porto, Coimbra, Santarém e Setúbal, mais de duas centenas de trabalhadores da empresa ferroviária aprovaram uma resolução on de se reclama a intervenção do Ministério na ultrapassagem do «impasse para onde a intransigência e má-fé negocial do Conselho de Gerência arrastou as negociações».

No comunicado distribuído, os trabalhadores manifestaram ainda a disposição de «prosseguir a luta pelo direito á negociação colectiva» e voltaram a sublinhar a sua opinião contrária ao encerramento de linhas e estações

Pós-licenciatura em Análise Financeira na Faculdade de Economia do Porto

Um curso de pós-licenciatura em análise financeira vai ser criado na Faculdade de Economia do Porto através de um protocolo celebrado por esta Faculdade, pela Associação Portuguesa de Analistas Financeiros e pela Associação dos Antigos Alunos de Economia do Porto.

O curso deverá ser sobretudo frequentado por licenciados em Economia ou Gestão de Empesas, mas também por licenciados em Direito e Engenharia, disse um responsável universitário.

O curso poderá ser também aberto a pessoas sem grau de licenciatura, desde que tenham obtido o bacharelato concedido pelos actuais institutos superiores de Contabilidade e Administração, ou grau equivalente concedido pelos institutos que os antecederam.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43$00	49$00
ALEMANHA FED. (marco)	77$30	78$50
ÁUSTRIA (xelim)	10$80	11$00
BÉLGICA (franco)	3$527	3$777
BRASIL (cruzado)	3$000	5$500
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	103$45	105$95
(notas de 5 a 1000)	103$95	106$45
DINAMARCA (coroa)	20$55	20$95
ESPANHA (peseta)	1$079	1$199
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139$25	142$75
(notas de 5 a 1000)	139$75	143$25
FINLÂNDIA (marka)	31$70	32$30
FRANÇA (franco)	23$10	23$80
HOLANDA (florim)	68$60	69$70
IRLANDA (libra)	208$70	212$70
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$930	$985
NORUEGA (coroa)	20$80	21$30
REINO UNIDO (libra)	229$65	234$15
SUÉCIA (coroa)	22$10	22$60
SUÍÇA (franco)	93$10	94$60
VENEZUELA (bolívar)	4$40	5$40

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 0 por mil.

A Plaza Mayor de Madrid foi ontem palco de um encontro a alto nível da extrema- direita Jean- Marie Le Pen, à esquerda, e Nuno Tripodi, à direita, foram os convidados de Blas Pinar (no comício de encerramento da sua campanha eleitoral. Os espanhóis elegem amanhã os municipais, assembleias regionais e os deputados ao Parlamento Europeu

Mais de 50 jovens detidos em Berlim Leste

Concerto "rock" em Berlim Oeste na origem de confrontos com a Polícia

Alguns milhares de jovens alemães orientais, arremessando garrafas e gritando «o muro tem que acabar» e «Gorbatchev, Gorbatchev», confrontaram-se ontem com a Polícia em Berlim, pela terceira noite consecutiva, tendo sido detidos mais de cinco dezenas. A Polícia alemã oriental impediu cerca de quatro mil jovens de tentar saltar o muro de cimento que divide a cidade, de quatro metros de altura, a fim de assistirem a um concerto ao ar livre do grupo «rock» britânico «Genesis», a decorrer do outro lado, em Berlim Ocidental.

Agentes fardados e à paisana formaram um cordão humano ao longo de dois quarteirões, tentando manter os jovens à distância de cerca de 400 metros do muro.

A música dos «Genesis» foi rapidamente abafada pelos gritos cada vez mais intensos dos jovens, alguns com penteados «punk» e blusões de cabedal, que diziam «Polícias, porcos» e «o muro tem de acabar».

Muitos dos jovens arremessaram garrafas, pedras e bombas incendiárias contra a Polícia, que respondeu à bastonada e deteve mais de 50 manifestantes.

Em várias ocasiões dos confrontos, que se prolongaram pela madrugada de hoje, os jovens entoaram a «Internacional». o hino comunista.

A dado momento, uma parte dos jovens manifestantes separou-se da concentração e desfilou junto á embaixada da União Soviética, na avenida histórica «Unter den Linden», que se encontrava fortemente guardada, onde pararam entoando a palavra de ordem «Gorbatchev, Gorbatchev».

A televisão alemã federal afirmou que um operador de câmara foi espancado durante os confrontos, enquanto outro foi detido.

Vários jornalistas disseram que os confrontos da noite de ontem foram mais violentos e prolongados do que os registados no domingo, quando foram detidas pela Polícia várias dezenas de jovens.

Embora os jovens de Berlim Leste se reúnam frequentemente para escutar o som dos concertos de «rock» que se realizam do outro lado do muro, em Berlim Ocidental, são raros os confrontos com a Polícia.

Os confrontos tiveram início no sábado à noite, quando centenas de jovens de Berlim Leste tentavam passar para o lado Ocidental do muro de Berlim, para se aproximarem mais do local do concerto ao ar livre, em que actuava David Bowie.

No sábado a Polícia conseguiu afastar o grupo do muro e mandou os jovens dispersar, sem que tivessem sido observadas detenções ou danos pessoas.

Mas no domingo e ontem os ânimos exaltaram-se e, segundo testemunhas oculares, cerca de uma centena de jovens, muitos deles parecendo intoxicados, empurraram as barreiras policiais colocadas pelos guardas fronteiriços para os afastar da zona do muro.

Um terceiro concerto pelo grupo «Genesis» está marcado para esta noite.

O muro de Berlim, que passa junto das traseiras do edifício do Reichtag, está a cerca de 200 metros do local dos concertos.

HOJE

9 JUNHO 21.30H
PAV. CARLOS LOPES
(PAV. DESPORTOS)

COMÍCIO
Partido Socialista

PORTUGAL
para TODOS

Crise governamental na Noruega

Uma crise governamental foi lançada na noite de ontem na Noruega, após três partidos não socialistas terem divulgado uma plataforma comum com vista ao derrube do executivo minoritário trabalhista de Gro Harlem Brundtland. A primeira-ministra Brundtland, que participa em Nairobi numa conferência das Nações Unidas sobre o ambiente, disse à agência noticiosa norueguesa NTB que não fazia de imediato comentários sobre a crise. Após vários dias de negociações difíceis, responsáveis dos partidos Conservador, Cristão e do Centro, anunciaram terem concordado com uma proposta de aumento dos subsídios estatais aos agricultores, entre 200 e 300 milhões de coroas (entre cerca de 4,2 e 6,3 milhões de contos). Os dirigentes partidários disseram ainda ter também sido acordado o texto de uma moção que pode ser considerada de desconfiança na actuação do Governo.

O Governo trabalhista chefiado por Brundtland, formado há cerca de um ano, afirmou que não aumentaria os subsídios aos agricultores no quadro da revisão orçamental, a ser apresentada na próxima sexta-feira, e que não aceitaria uma moção de desconfiança.

Esta ofensiva contra o Governo de Brundtland é considerada por observadores em Oslo como tendo sido lançada pelos partidos não socialistas com vista a recuperar o executivo durante um período longo até às próximas eleições gerais, previstas para 1980. Nos termos da Constituição norueguesa, não podem ser realizadas eleições durante o período de quatro anos de uma legislatura, mas os Governos podem alternar entre si.

Cimeira da "fome" em Pequim

A décima terceira sessão do Conselho Mundial da ONU para a Alimentação, que ontem se iniciou em Pequim, apelou à redução dos excedentes alimentares internacionais e ao aumento dos preços agrícolas como forma de erradicar a fome. Na cimeira será discutido o alastramentgo da fome num mundo onde 40 000 crianças morrem diariamente de fome ou subnutrição. Representando 34 países, os delegados presentes na reunião, que se prolongará por quatro dias, vão analisar o impacto da dívida externa dos países do Terceiro Mundo no desenvolvimento da agricultura e a necessidade de estreitar a cooperação entre as nações do Hemisfério Sul. A sessão inaugural foi presidida pelo vice-primeiro-ministro chinês, Wan Li, que, no seu discurso, abordou os problemas da fome no mundo e o desequilíbrio nas relações Norte-Sul. Wan disse que, «num clima económico desfavorável, muitos países em vias de desenvolvimento estão a obter cada vez menos divisas procedentes do seu comércio exterior e sofrem cargas económicas provocadas pela dívida externa, cada vez mais pesadas».

Portugal, tal como a Bolívia, Cuba, Chile e Nicarágua, assistem a esta cimeira na qualidade de observadores, uma vez que não são membros do Conselho Mundial das Nações Unidas para a Alimentação.

Procedimento eleitoral na CE

O organismo legislativo da Comunidade Europeia está a estudar a elaboração de uma lei uniforme para as eleiçções para o Parlamento Europeu, que em Espanha se realizam amanhã e, em Portugal, em 19 de Julho. Serão as últimas eleições que se efectuam de acordo com leis nacionais; já que a referida legislação comunitária pretende eliminar as diferenças entre os 12 Estados membros na hora de eleger os seus representantes europeus. Até agora, o tipo de procedimento eleitoral competia aos diversos países integrados no Mercado Comum, que, exceptuando o Reino Unido — que se baseia no sistema de escrutínio maioritário — aplicam um sistema de representação proporcional.

Em sete dos 12 países da CEE, o conjunto de território nacional constitui uma circunscrição eleitoral única, enquanto a Bélgica, Irlanda, Itália e Reino Unido estão divididos em círculos eleitorais.

Situação no golfo Pé

DECLAR ALARM

O presidente Ronald R nar os aliados dos Estados U na cimeira dos «Sete Mais» apoiem um embargo de arm que. Reagan salientou, entr ministração não está a faz sos ao Irão por causa de ev navios norte-americanos n entanto, as declarações do p Unidos não foram bem aco europeus, que parecem não comprometer-se com Wash posição de força no Golfo.

Os pedidos dos Estados Unidos para um «apoio diplomático» ao reforço da presença militar norte-americana no Golfo foram ontem analisados nos encontros bilaterais que dominaram o início da 13ª cimeira dos sete países mais industrializados do Ocidente.

Fontes da cimeira referiram,entretanto, que Ronald Reagan irá propor o embargo de armas ao Irão e ao Iraque durante os encontros bilaterais a as reuniões conjuntas que mantiver em Veneza com os líderes da RFA, Ca-

Na sua terceira visit

Papa desloca-s

As autoridades polacas ordenaram hoje que Lublin fosse isolada antes da chegada do Papa João Paulo II a esta cidade do Sul da Polónia, que não pode visitar há quatro anos.

As entradas da cidade, de 350 mil habitantes, foram bloqueadas durante a noite, antes da chegada do Pontífice esta manhã.

Alterando o que tinha sido combinado com as autoridades eclesiásticas, a Polícia recusou-se a permitir a entrada de

europeia.
ao centro)
conselhos

Centenas de tamiles estão a fugir de península de Jafna, no Norte do Sri Lanka, por receio de mais ataques das forças de segurança, disseram residentes da cidade de Vavuniya. Os residentes adiantaram que cerca de 400 tamiles, incluindo mulheres e crianças, chegaram a Vavuniya - uma área tamil no continente, 140 quilómetros a Sul de Jafna - em cinco autocarros em busca de refúgio. Os refugiados que chegaram à cidade contaram que centenas de outros aguardam autocarro para abandonarem a península, onde o Governo lançou uma grande ofensiva militar para pôr fim ao poder dos guerrilheiros tamiles que lutam por uma pátria independente. O êxodo começou quando os militares impuseram no domingo o recolher obrigatório em algumas zonas e lançaram uma operação em redor do porto de Kankesantu-rai, na costa Norte.

Fawn Hall, secretáia do coronel Oliver North, declarou ontem, perante a comissão de investigação do escândalo Irangate, que destruiu umma lista de telefonemas recebidos pelo ex-acessor do presidente Reagan. Os documentos destru;idos e outros que foram viciados, poderiam conter matéria prejudicvial para Ronald Reagan

rsico debatida em Veneza

RAÇÕES DE REAGAN AM ALIADOS EUROPEUS

eagan deverá pressio- Unidos que participam em Veneza para que as ao Irão e ao Ira- etanto, que a sua ad- «bluff» com os avi- entuais ataques contra o Golfo Pérsico. No presidente dos Estados lhidas pelos aliados estar dispostos a ington numa eventual

nadá, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão.

Segundo as mesmas fontes, Washington aposta num «princípio de um consenso» que lhe permita avançar com um projecto a apresentar nas Nações Unidas e que deverá incluir uma proposta de cessar-fogo, o regresso das tropas às fronteiras internacionalmente reconhecidas dos dois Estados e sanções obrigatórias para o Estado infractor.

Em declaracões aos jornalistas, o conselheiro nacional da Casa Branca, Frank Carlucci, afirmou que será «desaconselhável» que o Irão tente impedir que navios norte-americanos escoltem petroleiros do Kuwait no Golfo. A partir deste mês, os EUA darão a protecção do seu pavilhão e escolta a 11 petroleiros do Kuwait, aliado do Iraque na guerra do Golfo.

O chefe de gabinete da Casa Branca, Howard Baker, fez, por seu lado, um aviso sobre medidas retaliatórias por parte dos Estados Unidos caso o Irão instale baterias de mísseis chineses «Silkworm» no esterito de Ormuz.

No entanto, e conforme se previa, os Estados Unidos debatem-se com dificuldades para obter o apoio dos aliados europeus à sua política no Golfo. As declarações de Reagan e dos seus conselheiros alarmaram os europeus presentes em Veneza que temem uma eventual posição de força de Washington em relação ao Golfo.

A Grã-Bretanha, a França, a Itália e a Alemanha Federal opõem-se firmemente a qualquer ataque preventivo norte-americano contra as baterias de mísseis «Silkworm», caso estas sejam instaladas.

«Os iranianos poderiam facilmente fazer reféns europeus por vingança», disse um porta-voz britânico, e um funcionário francês comentou que a França «já tem os seus problemas» com o Irão.

Desarmamento

O primeiro dia de trabalhos da cimeira de Veneza foi assim,e como se previa, marcado pela análise de questões não-económicas. Para além da situação no Golfo, um dos temas analisados nos encontros bilaterais foi a redução do armamento nuclear na Europa. Para já, os participantes da cimeira apoiaram a posição da Alemanha Federal considerando que a «dupla opção zero» (retirada dos mísseis de médio e curto alcance soviéticos e norte-americanos) não deve incluir os Pershing 1-A instalados no seu território.

Explosões

Duas bombas foram hoje lançadas para os terrenos das Embaixadas norte-americana e britânica em Roma e dois carros armadilhados explodiram perto da Embaixada dos EUA sem causar feridos, informaram fontes policiais. Os ataques foram perpetrados com uma hora de intervalo e fontes policiais disseram que uma reivindicação foi encontrada perto do local de uma das explosões, mas que não se sabe ainda se os ataques estão relacionados com a cimeira de Veneza.

Entretanto, cerca de 600 polícias italianos parecem não estar contentes com a falta de condições do ferry onde têm de dormir durante a cimeira de Veneza e terão afimado, a este respeito, aos seus superiores que não são bestas. Os agentes da ordem deixaram o ferry e foram dormir ao relento. As autoridades de Veneza dizem que os relatos da imprensa são exagerados e que apenas 60 polícias decidiram abandonar o ferry.

à Polónia

se hoje à sepultura do padre Popielusko

milhares de peregrinos da cidade e remeteu-os para a área de Czuby, nos arredores, onde seré celebrada mais tarde uma missa.

Carros particulares, táxis e mesmo autocarros não podem circular e observadores contaram pelo menos 60 veículos da Polícia numa rua paralela a outra que será usada pelo cortejo papal.

O Papa partiu para Lublin às 8 e 50 locais, como estava previsto, apesar de indícios de que se deslocaria ainda hoje à sepultura do padre Jerzy Popielusko, um sacerdote pró-Solidariedade assassinado em Outubro de 1984 por elementos da Polícia secreta.

O padre Popielusko tinha 37 anos quando foi raptado por três agentes da Polícia secreta, depois de um sermão na cidade de Bygodzcz, metido na mala de um automóvel, levado para uma floresta, espancado e depois atirado amarrado a um lago.

Os três agentes foram julgados, mas a homenagem do Papa junto da sepultura de Popielusko é um acto «não oficial» que não consta dos programas governamentais desta terceira visita de João Paulo II ao seu país natal.

A favor da reconciliação

Durante a visita que efectuou em 1984, o Pontífice foi impedido de se deslocar a Lublin, situada a cerca de 80 quilómetros da fronteira com a União Soviética.

O facto de esta vez lhe ter sido permitida a deslocação é interpretado como um indício de que, apesar das divergências, tanto João Paulo II como o Presidente polaco, Wojciech Jaruzelski, estão decididos a trabalhar a favor da reconciliação nacional entre o Governo e o povo.

No início da sua viisita, o Papa advertiu ontem Jaruzelski de que «todas as violações e todas as faltas de respeito pelos direitos humanos constituem uma ameaça à paz».

24 HORAS

Remodelação no governo de Luanda

O Governo de Luanda vai ser em breve remodelado com o objectivo de dar maior articulação ao executivo, diz o jornal «África» na sua última edição. Segundo o número deste quinzenário, posto hoje à venda, a remodelação envolve «quase toda a estrutura do Governo de Luanda», prevendo-se a nomeação de um Primeiro-Ministro, cargo que será ocupado por Pedro de Castro Van-Dunen (Loy), actual ministro de Estado para a esfera produtiva e responsável pelos petróleos. Desta remodelação, que não foi confirmada pela embaixada de Angola em Lisboa, nem por fontes diplomáticas ocidentais em Luanda, consta, segundo o jornal «África», a nomeação de Hermínio Escórcio, director-geral da Sonangol, para a pasta dos petróleos, e de Augusto Teixeira de Matos, actual ministro das Finanças, para o Comércio Externo.

Forças da Namíbia perseguem Swapo

Forças militares da Namíbia, apoiadas pela África do Sul, abateram um número não especificado de troipas angolanas, ao perseguir nacionalistas negros para além da fronteira com Angola, anunciou um porta-voz oficial. Vinte guerrilheiros da Organização do Povo do Sudoeste Africano (Swapo) morreram no combate em Anhanca, Sul de Angola, disse o comandante das tropas, major Willie Meyer. É a segunda vez este ano que a força territorial do Sudoeste da África anunciou recontros com tropas angolanas em acções de perseguição da Swapo, que está a desenvolver uma guerra de emboscadas contra as forças sul-africanas na Namíbia.

Alterações em embaixada dos EUA

A nova embaixada dos EUA em Moscovo, que Washington afirma estar sob escuta soviética, precisa de sofrer uma importante reestruturação antes de ser utilizada por diplomatas, disse um perito de segurança norte-americano, que efectuou um estudo «in loco» ao edifício. A Casa Branca acusou Moscovo de ter colocado diversos aparelhos de escuta nas futuras instalações da embaixada norte-americana e, pouco depois, um escândalo sexual envolvendo fuzileiros dos EUA de serviço à embaixada e três mulheres, supostamente a trabalhar para os serviços soviéticos de espionagem, comprometeu Moscovo.

Detenções da Coreia do Sul

A Polícia sul-coreana disse ter detido mais de dois mil activistas políticos em todo o país, antes de uma grande manifestação anti-governamental prevista para amanhã em Seul. Muitos dos detidos foram mais tarde libertados, mais mais de mil vão ser alvo de acusações relacionadas com alegadas violações de segurança pública, informou um porta-voz.

Na foto, Nancy Reagan dança com um cantor sueco.

Nancy Reagan aplaudida e vaiada

A primeira dama dos Estados Unidos, Nancy Reagan, foi ontem aplaudida em Estocolmo, por pais e alunos ao valsar durante um concerto contra a droga, mas foi vaiada à saída por manifestantes que entoavam «slogans| anti-americanos. A mulher do Presidente norte-americano deslocou-se à Suécia para estudar programas de reabilitação de toxicómanos. A Polícia sueca revelou ter detido 90 dos manifestantes anti-americanos.

"A Bola-Magazine" aí está

A promessa tinha longos anos, mas acaba de ser cumprida. Nos escaparates e nas bancas dos nossos amigos ardinas já se encontra o n.º1 de «A Bola-Magazinne». Trata-se de uma revista desportiva de superior qualidade, o que não espanta dado os «bonecos» pertencerem aos talentosos Nuno Ferrari e Simão, o grafismo ter a assinatura do verdadeiro artista que é o nosso Ribeiro da Silva e os diversos artigos terem como autores: Carlos Miranda, Alfredo Farinha, Aurélio Márcio, Carlos Pinhão, Joaquim Rita, Santos Neves, Vítor Serpa e João Alves da Costa. Como director-executivo está o Mestre Vítor Santos (velho e respeitado tratadista da ciência futebolística que um dia, na cidade mexicana de Guadalajara, orgulhosamente escutámos ser considerado, por Pedro Escartin, como figura cimeira do jornalismo desportivo mundial) e como «adjunto» esse prestigioso e honrado companheiro da arte, Homero Serpa. Está transformado o velho sonho de Vítor Santos e o desporto mais enriquecido. Nós queremos ser leitores, para sempre.

Queen Park Rangers muda de relva

O Queens Park Rangers, o primeiro clube inglês a introduzir a relva artificial no seu estádio de futebol, anunciou que vai regressar à forma inicial, de relva natural.

O clube decidiu há cinco anos implantar o piso sintético no seu estádio, de forma a poder jogar-se todo o ano, e recentemente três clubes seguiram o seu exemplo, mas a Associação Inglesa de Futebol decidiu não permitir a instalação de mails relvados artificiais nos próximos três anos, devido às críticas de que o futebol praticado em piso artificial perde qualidade.

Voeller no Roma...

O internacional alemão-federal Rudi Voeller assinou um contrato por três anos com o Roma, da Primeira Divisão italiana.

Voeller, que actuava no Werder Bremen, firmou o acordo domingo à noite, depois de se submeter durante dois dias a testes médicos no departamento clínico da ex-equipa do sueco Sven Goran Eriksson.

O Roma pagou ao Werder Bremen 3,8 milhões de dólares (cerca de 550 mil contos) pela transferência de Voeller, que receberá do clube italiano o equivalente a 70 mil contos por cada temporada.

Voeller (27 anos) é uma das armas com que o novo técnico do Roma, o sueco Nils Liedholm, conta para fazer regressar o clube às vitórias depois do desaire sofrido na última temporada, em que ficou arredado das competições europeias.

...E Vercauteren no Nantes

O futebolista internacional Frankie Vercauteren, do Anderlecht, assinou um contrato com o Nantes, da Primeira Divisão francesa de futebol, ao qual ficará vinculado por um período de três anos.

Não foram mencionadas as verbas envolvidas na transferência do jogador.

Futebol

SERRANOS VENCERAM SADINOS

O Vitória de Setúbal perdeu, no Bonfim, por 1-0 com o Sporting da Covilhã, em partida da segunda jornada do torneio de apuramento do campeão nacional de futebol da segunda divisão.

O golo do triunfo do Sporting da Covilhã, vencedor da Zona Centro, foi apontado por **Celso Maciel** no primeiro minuto do ncontro.

Na jornada inaugural do torneio, disputada sábado, o Vitória de Setúbal, primeiro classificado da Zona Sul, tinha ganho ao Sporting de Espinho, vencedor da Zona Norte, por concludente 4-2.

SOB A ARBITRAGEM DE Francisco Silva (Faro), que foi auxiliado por Rui Silva e Trindade Rocha e que mostrou o cartão amarelo a Mota (aos 65m), Meszaros (aos 85m), as equipas alinharam:

VITÓRIA DE SETÚBAL — Meszaros; Crisanto, Mota (Fernando Cruz, 77m), Jesus e Quim; Miguel Ângelo, Hernâni, Maside (Formosinho, aos 52m) e Aparício; Ras e Vítor Madeira.

SPORTING DA COVILHÃ — Balseiro; Pocho, Juanito, João Gouveia e Marcelino; Carlos Alberto, Paulo Roberto e Craveiro; Cavaleiro (Babá, aos 88m), Celso Maciel e Jorge Coutinho (Inácio, aos 86m).

Após este encontro a classificação está assim ordenada:

	J	V	E	D	G	P
Covilhã	1	1	-	-	1-0	2
Setúbal	2	1	-	1	4-3	2
Espinho	1	-	-	1	2-4	0

A competição prossegue sábado com o encontro Espinho-Covilhã.

Torneio de Toulon: Brasil, 0-Portugal, 0

Na sua apresentação no torneio internacional de Toulon, as equipas de «Esperanças» (sub-21) de Portugal e Brasil empataram (0-0) em confronto ontem realizado no Estádio Mayol.

A «ficha» do encontro:

Árbitro: Harrel, da França, auxiliado por Hirtz, da França, e por Langenhove, da Bélgica.

PORTUGAL: Sérgio (Portimonense); Rui Manuel (Portimonense), Festas (FC Porto), Jorge Ferreira (Barreirense) e Basílio (V. Guimarães); Marito (Académica), Soeiro (Fafe), Chico Nelo (Famalicão) e Pacheco (Portimonense); Júlio Sérgio (cap.) (Chaves) e Reinaldo (Académico).

Substituições: aos 55 minutos, Rui Neves (Estarreja) rendeu Reinaldo e, aos 67, Eurico (Bragança) entrou para o lugar de Júlio Sergio.

Suplentes não utilizados: Lopes, Nelo Couto, Nelinho e Parreira.

BRASIL: Tafarrel (Internacional); Luciano (Portuguesa), Sandro (Grémio), André (Ponte Preta) e Nascimento (Vasco da Gama); Óscar Sampaio (Santos), Gerson (cap.) (Palmeiras) e João dos Santos (Fluminense); Tato (Internacional de Limeira), Wallace (Flamengo) e Bismark (Vasco da Gama).

Substituições: na segunda parte, Alcido (Flamengo) entrou para o lugar de Bismark e, aos 70 minutos, Dacroce (Internacional) rendeu Tato.

Acção disciplinar: cartão amarelo para Basílio, Sandro, Gerson e Alcido.

No outro encontro a contar para o grupo B a Bulgária derrotou a Itália por 1-0.

O programa que se segue: **hoje:** Inglaterra-URSS e França-Marrocos (grupo A); **amanhã:** Brasil-Bulgária e Itália-Portugal (grupo B).

FC Porto: mais um triunfo

Os novos campeões europeus na sua rápida deslocação a França e ao Luxemburgo averbaram, ontem, novo triunfo, desta vez perante o campeão luxemburguês (Jeunesse d'Esch) por concludente 3-0, cabendo a Casagrande a obtenção de dois golos e Paulo Ricardo o restante. Eis a ficha do jogo:

Estádio La Frontière, no Luxemburgo. Espectadores: nove mil, (na quase totalidade emigrantes portuugeses). Árbitro: Lemmer (Luxemburgo), auxiliado por Scuaark e Werer.

JEUNESSE — Vanyrswik; Blasi (Schimtz, aos 61 m), Welchers, Miller e Ontano; Senazini, Strotz (Theiss, aos 61 m) e Schulten; Magenotti, Parvoni e Guillot.

FC PORTO — Mlynarczyk (Zé Beto, aos 75 m); João Pinto, Eduardo Luís, Celso e Inácio (Semedo, aos 75 m); Frasco (Jaime Pacheco, aos 34 m), Jaime Magalhães e Sousa (Quim, aos 60 m); Juary (Paulo Ricardo, aos 60 m), Casagrande e Futre (Rui Barros, aos 34 m).

Ao intervalo: 0-1. Marcadores: Casagrande (aos 4 e 70 m) e Paulo Ricardo (aos 72 m).

Sporting parte quinta-feira para o Norte de África

Com encontros «agendados» na Mauritânia, Senegal e Mali, a equipa futebolística do Sporting partirá na próxima quinta-feira para terras de África. Segundo informa o Departamento Clínico do clube «leonino» não incluirão a comitiva os futebolistas Virgílio e Venâncio devido a lesões contraídas no encontro de domingo. O retorno está previsto para o dia 20.

Rodolfo recorre aos tribunais

Segundo refere o nosso colega «O Jogo», na sua edição de hoje, o treinador Rodolfo Reis, que recentemente foi afastado pelos dirigentes do Salgueiros, está na disposição de recorrer ao Tribunal de Trabalho por considerar ilegal o seu despedimento.

São Vicente arrecada título

A Associação Desportiva de São Vicente venceu pela primeira vez o campeonato da Madeira em futebol, ao vencer por 1-0 o Caniçal, na última jornada do campeonato regional madeirense.

A formação do Norte da Madeira, que já havia assegurado o título na penúltima jornada, totalizou 30 pontos, mais quatro que o Câmara de Lobos, segundo classificado, e mais seis pontos que o Portosantense, campeão regional da primeira divisão madeirense nas últimas três épocas.

O São Vicente representará a Região Autónoma da Madeira na primeira eliminatória da Taça de Portugal em Futebol 87/88.

Marítimo reforça-se

O defesa António Andrade (ex-Farense) assinou, no Funchal, um contrato com o Marítimo válido por duas épocas, constituindo o quarto reforço assegurado pela turma de Manuel Oliveira para a próxima temporada, depois das contratações de Jorge Silva (ex-Chaves), Paulo Ricardo (ex-FC Porto) e Oliveira (ex-Benfica).

Suíça: Young Boys vence Taça

O Young Boys conquistou a Taça da Suíça em futebol, ao vencer na final o Servette de Genebra por 4-2, após prolongamento.

Holanda: fim do campeonato

O campeonato holandês de futebol teve o seu epílogo com a disputa dos derradeiros cinco jogos, sem a participação do PSV Eindhoven, campeão desde há várias semanas.

A maior surpresa do dia foi a derrota sofrida pelo Ajax de Amesterdão, vice-campeão holandês, no Estádio do Twente Enschede, pela margem mínima de 2-1.

O PSV Eindhoven totalizou 59 pontos nas 34 jornadas, deixando o Ajax a 6 pontos e o Feyenoord (3.º classificado) a 17.

O desporto nas festas da cidade

Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa

E pronto. Os I Jogos Desportivos da Cidade de Lisboa estão a atingir o seu termo, restando conhecer quais os clubes e os atletas que irão subir ao podio de honra, quando, no próximo domingo, terminarem as finais das quatro disciplinas que preencheram esta I edição.

Durante seis meses houve intensa movimentação de milhares de jovens dos 13 aos 15 anos em representação de centenas de colectividades de desporto existentes em todos os bairros lisboetas. Andebol, basquetebol, atletismo e futebol de salão foram as modalidades escolhidas pelo pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa (liderao pelo seu vereador dr. Vítor Gonçalves) para integrar os «Jogos», mas sabemos que no próximo ano será incluída a natação e ténis de mesa. De resto cabe aqui uma referência para o facto de no próximo sábado estarem montadas no Terreiro do Paço (palco de encerramento da «grande festa do desporto lisboeta») 11 mesas de ténis de mesa para a realização do «I Convívio» da modalidade no qual participarão tenistas em representação de 54 colectividades da cidade.

Resultados do fim-de-semana

No último fim-de-semana tiveram lugar os seguintes confrontos: **Futebol de salão (masc.)** — quartos de final: Os Catitas, 4 - SC Intendente, 1; Socorro, 0 - Maiúsculas, 7; Viva a Graça, 2 - MJS Vicente Paulo, 0 e Cruzeirense, 2 - Olivais e Moscavide, 3.

Amanhã terão lugar as meias finais entre as equipas de Os Catitas - Maiúsculas e Viva a Graça - Olivais e Moscavide, com ambos os jogos marcados para o Pavilhão Carlos Lopes e começo do grande espectáculo pelas 10 horas.

Feminino: meias finais: Escola Secundária da Ameixoeira, 1 - Oriental, 3 e S.U. Fontesantense, 4 - G.D. Valentes, 1.

Basquetebol (masc.) — meias finais: Kola Kao, 30 - Escola Secundária Padre António Vieira, 27 e Ala Marujo D. Dinis, 47 - Escola Secundária Pedro Nunes, 37.

Femininos: As Panteras, 5 - Troféu, 20 e Escola Secundária Pedro Nunes, 26 - Escola Alemã, 13

Andebol (fem.) — meias-finais: Passos Manuel, 15 - Liceu Camões, 0 e Luisinhas, 1 - Escola Alemã, 11. **Masculino:** Escola Alemã, 12 - Pedro Nunes, 13

Equipa feminina do Oriental Recreativo Clube que disputava no domingo, a final com o Sporting União Fontesantense

O "DL" com o Benfica, em Toronto

PARA SUCEDER A MORTIMORE FALA-SE (TAMBÉM) EM JAVIER CLEMENTE

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Aqui estamos. Com tempo magnífico e um acolhimento caloroso dos nossos compatriotas que por aqui labutam aos milhares, a comitiva benfiquista encontra-se nesta maravilhosa cidade de Toronto, após uma viagem longa e calma, com muita conversa lá nas alturas, sendo tema dominante da «agenda comum», a enigmática despedida do técnico inglês John Mortimore, que foi «forçado» a sair depois de haver conquistado o título mais cobiçado e o troféu mais prestigioso, ambos a constituírem mais um marco de «felicidade, brilho e glória» para as gentes da colectividade fundada por Cosme Damião e Felix Bermudes, no longínquo ano de 1904.

Naturalmente que as opiniões não são coincidentes: para uns, Mortimore não tem espírito ganhador e porque o objectivo da equipa executiva de João Santos é ter um «Benfica europeu» impunha-se a substituição, mas para outros, Mortimore teve a virtude de cozinhar uma dupla omeleta com ovos de perdiz e não só por isso, mas também pela dignidade er aprumo com que sempre exerceu funções, deveria continuar no seu posto.

Refira-se que para além de Carlos Alberto Parreira e Telé Santana, surge como hipótese Javier Clemente. Vamos aguardar, provavelmente a decisão não tardará em nos ser anunciada e não cremos que Gaspar Ramos cometa aqui qualquer atitude semelhante àquela em que desmentiu a já programada rescisão com Mortimore.

Na comitiva encontra-se o brasileiro Elzo que muito provavelmente fará amanhã a sua estreia com o emblema benfiquista, quando a sua actual equipa defrontar, no Varsyti Stadium, o Toronto Brizzard que (recorde-se) venceu na época passada o quadro benfiquista, então também orientado por Toni, por 2-0.

Entre os «descontentes», figura o dinamarquês Manniche que tudo indica faça por estas bandas os derradeiros jogos com a camisola da águia, isto porque é tido como certo o seu retorno às origens, sobretudo porque nas últimas jornadas a dupla Mortimore/Toni não o incluiu no «team»-base.

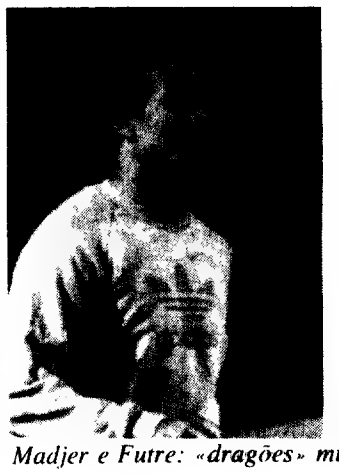
Sete mil contos para o Benfica

Sobre o encontro de amanhã, soubemos que o «cachet» benfiquista rondará os 7 mil contos e, porque estão chegando aqui portugueses aos «magotes», é bem certo que a lotação do estádio se esgotará e ao Benfica não faltará calorosa plateia.

Uma nota de certo desencanto: queixam-se os portugueses, aqui residentes, de que o Consulado luso nada ajuda que até para assistirem à transmissão da final da Taça de Portugal tiveram que desembolsar 15 dólares (o mesmo que pagarão amanhã pelo direito ao acesso ao Varsyti Stadium). Fica registado o desabafo que, com muita constância, nos vai sendo revelado.

E pronto. São estas as minhas primeiras notas de mais esta reportagem para o seu «DL», desde Toronto.

Duas novidades: Toni no banco e Elzo na equipa



Madjer e Futre: «dragões» muita badalados

Diz-se mas não se confirma

Madjer assina pelo Ascoli e Futre na agenda romana

A notícia surge nas colunas do «Corriere Dello Sport» na sua edição de ontem: **Madjer assinou um contrato-promessa com o Ascoli** (clube a 1.ª divisão italiana) **válido até 15 de Junho de 1988.**

O jornal desportivo italiano dá como praticamente assegurada a transferência do internacional argelino para o Ascoli, que conseguiu manter-se na primeira divisão do «calcio» graças a um empate a uma bola frente ao Nápoles (de Maradona) na última jornada do campeonato transalpino.

Segundo o «Corriere Dello Sport», o presidente do Ascoli, Constantino Rozzi, poderá chegar a acordo com o jogador nas próximas 48 horas.

Recorde-se que o Ascoli assinou também um contrato-promessa com o jugoslavo Basdarevic, do Zelieznicar.

Resta acrescentar que no contrato existente entre o futebolista argelino e o FC Porto existe uma cláusula que concede ao clube das Antas o direito de opção, pelo que qualquer negociação com Madjer terá que passar pela colectividade portista.

●

O treinador do Roma, o sueco Nils Liedholm declarou que pretende os serviços do futebolista do FC Porto, Futre, numa entrevista ao jornal italiano «Il Messaggero». **Quero Futre agora ou no próximo ano,** disse Liedholm — antecessor e substituto de Eriksson como treinador do Roma.

Futre é muito bom, é um dos poucos verdadeiros talentos do futebol de hoje, possui bons pés e boa cabeça, referiu o técnico, de 64 anos, que se sagrou campeão de Itália em 1979 com o Milão e em 1983 com o Roma. **Gosto muito dele, mas tudo depende do que o presidente do Roma, Dino Viola, está disposto a investir,** sublinhou Liedholm que adianta conhecer e seguir Futre desde o «Mundial» do México. **É jovem e pode esperar, mas custa relativamente pouco, o que quer dizer que a sua aquisição poderá ser também um excelente negócio,** ponderou.

Com a compra do atacante alemão Rudi Voeller — que chegou no domingo à capital italiana — o Roma passou a dispor de três jogadores estgrangeiros, mas entretanto é dada como certa a cedência do dinamarquês Klaus Bergreen e o Avellino — antigo clube de Juary — está interessado no polaco Zibgniew Boniek.

Clubes da Madeira com "cinto apertado"

O Governo Regional da Madeira anunciou uma redução de 25 por cento no apoio oficial ao futebol profissional na região, para a época 1987-88, o que corresponde a um «corte» de 50 mil contos.

A medida, anunciada quinta-feira pelo Conselho do Governo, surpreendeu as três equipas madeirenses (Marítimo, Nacional e União) que disputam os campeonatos nacionais de futebol.

O Marítimo anunciou já a sua intenção de convocar uma assembleia geral, a fim de encontrar alternativas, que poderão passar pelo aumento das quotas.

●

Através de um acordo estabelecido entre o Governo Regional e as três colectividades regionais, no âmbito da publicidade inserta nas camisolas dos jogadores, o orçamento regional atribuiu, na época 1986/1987 cerca de 200 mil contos ao futebol profissional, cabendo ao Marítimo a «fatia» mais importante (110 mil contos). No entanto os maus resultados obtidos esta temporada pelas três equipas foi determinante para a resolução governamental, que optou pela redução em 25 por cento dos apoios ao futebol profissional, ao mesmo tempo que aumentou em 100 por cento o orçamento destinado às modalidades amadoras, cujos resultados contrastam claramente com os do futebol, e em 300 por cento as verbas consignadas à construção de infra-estruturas desportivas.

Na realidade, não fosse a resolução, a seu favor, do «caso Mapuata», e o Marítimo teria sido despromovido automaticamente à segunda divisão.

●

O União, segundo classificado na Zona Sul da segunda divisão (84/85 e 85/86), não foi além de um modesto 8.º lugar, apesar de se ter afirmado como candidato ao título, e o Nacional, que apostou na rentabilização dos 30 pontos da época passada, apenas na última jornada conseguiu assegurar agora a manutenção na segunda divisão.

A temporada futebolística que acabou foi unanimemente considerada como um «desastre» para as equipas madeirenses, no plano desportivo.

Os apoios financeiros do Governo Regional da Madeira, através da publicidade nos equipamentos ou da utilização regular de jogadores madeirenses, foram sempre justificados pelo facto das receitas próprias dos três clubes serem insignificantes, face ao crescente volume das despesas.

●

O futebol profissional madeirense é acusado de se encontrar completamente descaracterizado.

O Marítimo, que continua na primeira divisão, actuou várias jornadas sem um dos futebolistas madeirenses que possui na equipa-base, situação igualmente sentida, embora em menor escala, no União.

O Nacional, que há três épocas optou por uma política de contenção de despesas, apostou na constituição de um plantel maioritariamente constituído por futebolistas regionais (15), mas os resultados obtidos nas duas épocas não têm correspondido às aspirações dos responsáveis do clube.

Os erros praticados pelos três clubes nos últimos anos, relativamente às camadas mais jovens de futebolistas (iniciados, juvenis e juniores), implicou o recurso, constante, à «importação» de jogadores do Continente, Brasil e ultimamente do estrangeiro, opção que tem implicado uma autêntica inflação salarial dificilmente suportada pelos clubes, se estes não contassem com os apoios financeiros do Governo Regional. Se a situação tendia a inverter-se progressivamente, com a decisão agora tomada pelo gabinete de João Jardim (aplaudida pela generalidade da opinião pública), ela terá de passar a merecer outra prioridade.

Curiosamente, o «corte» dos 50 mil contos vai afectar as três equipas numa altura em que o Marítimo se afirma disposto a lutar por uma presença europeia na próxima época, enquanto o Nacional e União procuram congregar forças para fazer esquecer esta época desportiva.

Os verde-rubros dispensaram praticamente metade do plantel, com destaque para alguns nomes conhecidos do futebol português como Eldon, Gregório Freixo, Valério, Paquito, Bobó, Quim, etc., mas simultaneamente apostam em novos reforços, alguns dos quais já confirmados, como Jorge Silva, Paulo Ricardo e Oliveira.

Na «dança das transferências» estão também envolvidas as duas equipas madeirenses na segunda divisão nacional, não sendo possível prever, de momento, as repercussões da medida governamental nos respectivos orçamentos e, consequentemente, nas opções em matéria de contratação de reforços. Mesmo assim, Marítimo, Nacional e União serão contemplados na próxima época com cerca de 150 mil contos, dos quais aproximadamente 90 mil contos serão para o primodivisionário Marítimo.

Microscópio

Ciclismo: amanhá é dia da «clássica»

O 57.º Porto-Lisboa em ciclismo, a disputar amanhã, terá a participação de 12 equipas portuguesas e 105 corredores, anunciou a empresa do «Jornal de Notícias», organizadora da prova.

Entre os ciclistas das 12 equipas inscritos contam-se Marco Chagas, Serafim Vieira, Manuel Cunha, Carlos Santos, Alexandre Rua, Venceslau Fernandes, Manuel Neves, Eduardo Correia, Cayn Theakhston, entre outros considerados como favoritos da «clássica» do calendário nacional.

Câmara de Sintra fomenta o futebol juvenil

Nos próximos dias 10, 13, 20 e 21 do corrente mês, terá lugar em Sintra no campo do Sport União Sintrense, o encerramento da acção de formação do futebol juvenil, que o Pelouro do Desporto daquela Câmara vem movimentando junto de cerca de 1000 jovens com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos.

Estiveram em acção 14 escolas de futebol que no próximo sábado (dia 13) disputarão entre si as classificações finais das duas séries em que estiveram envolvidas.

Nos próximos dias 20 e 21 do corrente, no mesmo local terá lugar o quadrangular, com a presença das equipas do Sporting Clube de Portugal e do Clube de Futebol «Os Belenenses», em infantis, do Clube de Futebol Estrela da Amadora e Casa Pia Atlético Clube em iniciados, que defrontarão, no estilo da Taça Latina, iguais equipas do concelho de Sintra nas duas categorias.

«Jogos» de Benavente

A movimentação desportiva, devido à realização dos 1 Jogos Desportivos no concelho de Benavente, está a ter bom acolhimento dos participantes e espectadores, pois tem-se verificado uma participação interessada dos jogadores e do público nos desafios de futebol 5, ténis de mesa, no tiro aos pratos, saraus de ginástica, xadrez e atletismo, em qualquer localidade do concelho.

MANOEL DE OLIVEIRA ESTREIA-SE EM ITÁLIA COMO ENCENADOR

Aos 78 anos de idade, o cineasta português Manoel de Oliveira vai estrear-se como encenador com a peça «De Profundis», uma adaptação de um conto de Agustina Bessa-Luís, interpretada por Ruy Furtado, a ser levada à cena num Festival em Itália.

A presença do «patriarca do cinema português» — como lhe chama o jornal «Corriere Della Sera», que deu a notícia — é apresentada como o «prato forte» do Festival «Cidadela do Teatro» que decorrerá de 1 a 5 de Julho em Santarcangelo di Romagna, perto de Rimini.

Neste Festival de Teatro participam cerca de 30 grupos, representando 15 países de todo o mundo.

Manoel de Oliveira, considerado uma das maiores figuras do cinema europeu, começou já, em Lisboa, a trabalhar com Ruy Furtado nos ensaios da peça. Ambos devem seguir para Itália na última semana do mês, disse um familiar do actor.

Questionado sobre o que faz um realizador de cinema num Festival de Teatro, o organizador do certame, Roberto Bacci, afirmou ao «Corriere Della Sera»: «Foi um como desafio e um pouco por jogo que decidimos pôr em prática a ideia de levar um realizador de cinema a dirigir um espectáculo teatral».

«Inicialmente, pensamos em três nomes — Teodoros Angelopopoulos, Alain Tanner e Manoel de Oliveira — mas os dois primeiros tinham compromissos para o início de Julho», explicou.

«Fui expressamente a casa de Manoel de Oliveira expor o nosso projecto», contou Bacci, adiantando que o realizador de «O Meu Caso», um filme baseado numa peça de José Régio, «ficou muito contente e cheio de entusiasmo, apesar da idade, aceitou imediatamente a proposta».

Bacci disse que «De Profundis» abrirá a edição de 1987 da «Cidadela do Teatro» e que, logo após a estreia, o realizador regressará a Portugal para rodar um filme com base na peça.

A encenação e passagem a filme do texto de Agustina é um projecto «já muito antigo» de Manoel de Oliveira, que inclusivamente recusou uma versão que a escritora julgava mais cinematográfica, preferindo o original, disse à Lusa a escritora.

«De Profundis» é um monólogo dito por «um viajante que cai no fundo de um poço numa região desabitada», resumiu a escritora. A fala do homem passa «da angústia à imprecação para se relacionar com supostas personagens que julga próximas, mas afinal não há ninguém».

O texto faz parte de uma das poucas e mais antigas colectâneas de contos de Agustina Bessa-Luís.

«Manoel de Oliveira foi admirável — afirma o director do festival — até porque aceitou trabalhar connosco com um orçamento muito modesto: cinco mil e quinhentos contos».

Segundo Bacci, a «Cidadela do Teatro» dispõe de cerca de 30 mil contos para financiar as mais de cem manifestações teatrais que terão lugar durante o Festival, que teve um público de 30 000 pessoas na edição do ano passado.

Uma outra atracção do festival será o actor polaco Jerzy Sthur, intérprete de muitos filmes do seu compatriota Andrei Wadja, que apresentará um espectáculo intitulado «Contrabaixista», em que participa a cantora soviética Zanna Bicewska, considerada «a Joan Baez do Leste Europeu».

Nesta edição da «Cidadela do Teatro» será feita uma homenagem a Julian Beck, fundador do grupo norte-americano «Living Theatre», falecido há um ano, que será recordado pelo uso que fez do teatro como instrumento de protesto político.

Na homenagem participarão algumas mães de «desaparecidos» argentinos que habitualmente se reúnem na Plaza de Mayo, em Buenos Aires.

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	6	5	0,0	P. nub.
V. Castelo	9	8	0,0	Neblina
Vila Real	5	5	0,0	P. nub.
Porto	10	10	0,0	Neblina
Coimbra	10	9	0,0	M. nub.
C.Carvoeiro	15	14	0,0	M. nub.
C. Branco	—	—	—	—
Portalegre	8	7	0,0	P. nub.
Lisboa	13	12	0,0	M. nub.
Évora	10	10	0,0	M. nub.
Beja	8	8	0,0	P. nub.
Faro	11	11	0,0	P. nub.
Sagres	15	13	0,0	M. nub.
P. Delgada	14	14	0,0	P. nub.
Funchal	20	20	0,0	Encob.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 21, Porto 17, Faro 25, Ponta Delgada 21, Funchal 24.

Temperatura do ar em °C e Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	10	9	Muito nub.
Londres	10	10	Chuva
Paris	9	8	Muito nub.
Bruxelas	10	8	Pouco nub.
Amesterdão.	10	10	Aguaceiros
Genebra	10	9	Chuva
Roma	20	19	Chuvisco
Oslo	11	10	Encoberto
Copenhaga	11	10	Muito nub.
Estocolmo	12	10	Muito nub.
Berlim	12	9	Pouco nub.
Viena	13	13	Encoberto
Varsóvia	13	12	Muito nub.
Atenas	24	19	Limpo
Moscovo	22	17	Limpo

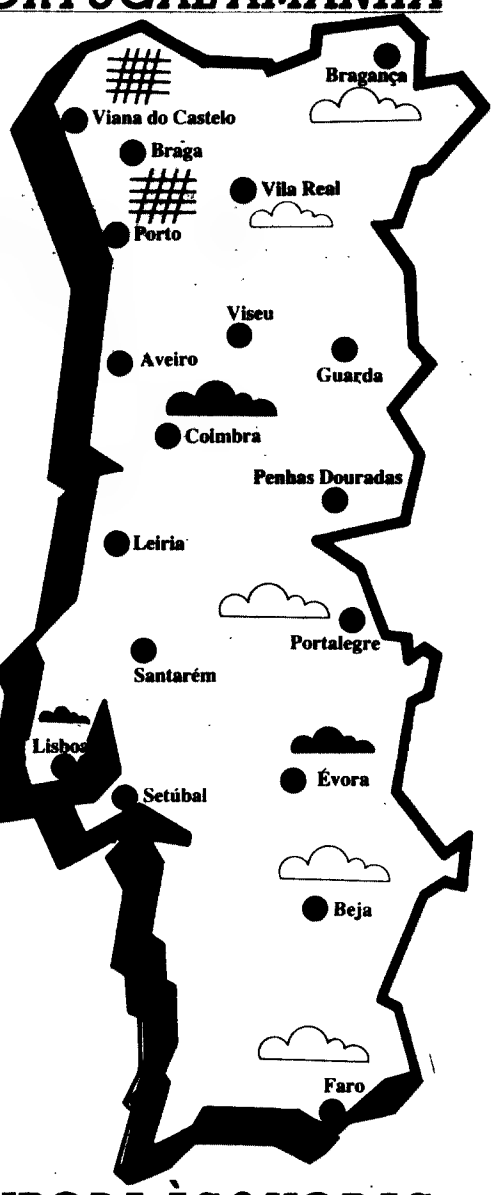
Temperatura do ar em °C e Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	20	27	Nublado
Joanesburgo	10	17	Limpo
Los Angeles	17	24	Nublado
Montreal	8	21	Nublado
Nova Deli	29	45	Limpo
Nova Iorque	16	22	Nublado
R. de Janeiro	19	24	Nublado
S. Francisco	11	17	Nublado
São Paulo	13	17	Chuva
Tóquio	24	31	Limpo

Temperatura do ar em °C e Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No Continente:

Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã nas regiões do Litoral Norte e Centro. Vento fraco a moderado de nordeste. Neblina matinal. Pequena descida da temperatura.

Estado do mar:

***Costa ocidental:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois a três metros.**

***Costa Sul:* Mar de pequena vaga. Ondulação fraca inferior a um metro.**

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento bonançoso ou moderado de noroeste. Aguaceiros fracos no Grupo Oriental.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de dois metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco de nordeste.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação noroeste de dois metros.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento moderado de norte.

DEPOIS

Céu muito nublado por vezes com abertas. Vento fraco ou moderado de noroeste. Aguaceiros nas regiões de Norte e Centro e pequena descida de temperatura.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
1.36	3.6 m	7.28	1,2 m
14.04	3,7 m	19.53	1,1 m

Amanhã

2.28	3,7 m	8.14	1,0 m
14.53	3,8 m	20.41	0,9 m

● Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

EUROPA ÀS 6 HORAS

● Informação da agência Lusa

As novidades do mercado discográfico português

Álbuns novos de Tom Petty, Diana Ross, Suzanne Vega, o álbum de estreia dos Curiosity Killed the Cat e a banda sonora do filme «Stand By Me» foram esta semana editados em Portugal.

A nível de importações, destaque para a obra completa dos Tangerine Dream e King Crimson, para o primeiro álbum dos Timbuk 3 e para as colectâneas com o melhor de Melanie, Bread e Culture Club.

O álbum de Tom Petty and the Heartbreakers, intitulado «Let Me Up (I've Had Enough)», inclui o actual single «Jammin' Me», da autoria de Tom Petty e Bob Dylan.

«Red Hot» é o título do novo disco de Diana Ross. Entre as suas 12 faixas conta-se o clássico «There Goes My Baby» e «Summertime», de Leonard Cohen.

O álbum de estreia dos Curiosity Killed the Cat (com entrada directa para o primeiro lugar de Londres) chama-se «Keep Your Distance»». Tem 9 temas entre os quais os singles «Misfit», «Down to Earth» e «Ordinary Man».

O segundo álbum de Suzanne Vega, uma cantora branca de Nova Iorque que poderá vir a Portugal nos próximos meses, tem por título «Solitude Standing». É composto por 11 temas, todos da autoria da cantora.

A banda sonora do filme «Stand By Me» inclui, entre outros, «Everyday» (Buddy Holly), «Lollipop» (Chordettes), «Yakety Yak» (Coasters), «Great Balls of Fire» (Jerry Lee Lewis) e «Stand By Me» (Ben. B. King).

Esta semana também foram editados em Portugal os álbuns «Life, Love and Pain» (Club Nouveau), «Live» (Manhattan Transfer) e «Saint Julian» (Julian Cope).

«Greetings from Timbuk 3» é o título do álbum de estreia do duo norte-americano Timbuk 3 que foi importado esta semana.

A capa representa um burro com uma televisão às costas e o álbum tem 10 temas incluindo o single de apresentação «The Future's so Bright, I Gotta Wear Shades».

Esta semana foi igualmente importado o último disco de Patxi Andion, que assim regressa aos discos. «El Balcon Abierto» é o título do álbum que inclui nove temas na maioria da sua autoria.

Além da obra dos Tangerine Dream e dos King Crimson foram também importados outros títulos como «Hopeless Cases» (Anne Clark), «Wonderland» (Erasure), «Crooked Mile»/(Microdisney), «Dreams of Reason Produce Monsters» (Mick Karn), «Taj» (Taj Mahal), «Kicking Against the Pricks» e «Your Funeral» (Nick Kave and the Bad Seeds), «Outland» (Spear of Destiny), «Primitive Guitars» (Phil Manzenera) e «Vaudeville» (In Tua Nua).

A colectânea importada de Melanie inclui, entre outros, «What Have they Done to My Song, Ma?», «Lay Down (Clandes in the Rain)», «Beautiful People», «Mr. Tambourine Man», «Ruby Tuesday» e «Peace Will Come (According to Plan)».

A dos Bread inclui «Make it With You», «If», «Everything I Own», «Baby I'm a Want You» e «Mother Freedom», enquanto a dos Culture Club regista «Karma Chameleon», «Time», «Do You Really Want to Hurt Me», «Move Away» e «The War Song».

Uma cena de «Em Bizango de Bizangongo» pelo Grupo de Teatro de Inhambane

PEÇA DE MANUEL GERALDO REPRESENTADA EM MOÇAMBIQUE

A peça do nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo, «Em Bizango de Bizangongo», baseada na experiência do autor na guerra colonial, está neste momento a ser levada à cena em Moçambique pelo Grupo de Teatro de Inhambane.

Com encenação de Adriano Alcântara e integrada por músicas sobre poemas do próprio Manuel Geraldo, de Carlos de Oliveira, de José Carlos Ary dos Santos e de Sophia de Melo Breyner e com a leitura de um excerto do livro «Nó Cego», de Carlos Ferraz, a peça, estreada em Inhambane, irá agora ser representada em vários palcos do país, com passagem por Maputo.

«Em Bizango de Bizangongo», que foi levada ao palco em Inglaterra, França, Brasil e Angola, permanece em cena em Portugal pelo Grupo Teatro Construção, de Joane, que ainda recentemente a trouxe a Lisboa, no espaço de «A Barraca» e à Amadora no âmbito do 3.º Ciclo de Teatro de Autores Portugueses.

Produções João Martins em "maré alta"

As produções João Martins acabam de obter a concessão de publicidade da Rádio Comercial num vasto espaço do território nacional que, grosso modo, se situa de Leiria para Norte. Um acontecimento que é marco importante quer para as Produções João Martins quer para a Rádio Comercial.

Toda a gente com mais de... 25 anos se lembra de João Martins e do, nomeadamente, programa «23.ª Hora». Os tempos passaram, evoluíram, e as Produções João Martins são hoje responsáveis por 10 horas do Espaço de 42 horas diárias da Rádio Comercial, quer em Onda Média quer em Frequência Modelada.

Detentores de programas como «24.ª Hora» em Onda Média e «Som da Frente», «Rock em Stock», «Espaço Lubritex», «Nova Geração», «Sabor da Música», «Mil e Uma Noites» e «Morrison Hotel», em Frequência Modelada, e ainda concessionários de todos os programas desportivos da Rádio Comercial e das reportagens nacionais e internacionais do mundo automóvel, as Produções João Martins, ao ficarem agora com a incumbência da publicidade a Norte de Leiria, prosseguem assim uma escalada iniciada há muitos anos, direccionada pelo profissionalismo e em prol de uma Rádio de qualidade.

Dos tempos de «23.ª Hora» ao presente vão cerca de 30 anos. A presença do prestígio de um homem da Rádio ao serviço de uma Rádio que se deseja sempre melhor. Muitos milhares de horas de emissão, a consolidação da presença dinâmica da Rádio Comercial, Produções João Martins sabem de Rádio. Por isso, acreditam no futuro.

Encontrados apontamentos de Bella Bartok

O caderno onde Bella Bartok assentou, ao longo de numerosos anos, os seus apontamentos musicais e que permite observar o desenvolvimento do processo criativo do músico acaba de ser encontrado entre os papéis pessoais da falecida viúva do compositor húngaro.

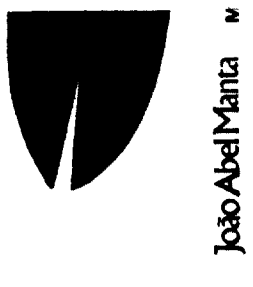
Trata-se de um bloco com capa de oleado do qual só a primeira página é indecifrável, devido a um borrão de tinta, e que encerra rascunhos de algumas das suas mais célebres obras assim como apontamentos relativos às melodias populares que recolheu por toda a Hungria assim como no Norte de Africa e na Turquia

Os especialistas consideram o achado um autêntico tesouro, uma vez que é o único artigo do género pertencente ao grande pianista e folclorista que durante várias décadas se dedicou exclusivamente à investigação da música folclórica do seu país.

Bella Bartok, que em 1906 realizou concertos em Lisboa e no Porto, nasceu na Hungria a 25 de Março de 1881. Morreu em Nova Iorque em 1945.

O «Diário de Lisboa» vai facultar a alguns dos seus leitores a possibilidade de adquirirem exemplares do «poster», da autoria de João Abel Manta e intitulado «SEM MÃOS A MEDIR», impresso em Maio de 1974, a cores, e em papel couché de 120 gramas.

Foi fixado um preço abaixo do valor comercial do «poster», que é uma forma de favorecer os leitores habituais do nosso jornal e apreciadores do grande artista que é João Abel Manta. Para além do valor histórico do «poster» e do interesse do tema tratado, João Abel Manta, correspondendo ao pedido do «Diário de Lisboa», valorizou-o, **assinando e datando (Maio de 1987)**



Os pedidos para a aquisição (e envio) dos «posters», de que só existem cerca de 200 exemplares, serão satisfeitos pela ordem da sua chegada, motivo pelo qual só aceitaremos inscrições pelo correio e utilizando o cupão inserido nesta página. **Não envie dinheiro agora:** o leitor deverá limitar-se a manifestar o seu interesse pela aquisição do «poster», e, logo que for atingido o limite das inscrições, o «Diário de Lisboa» comunicar-lhe-á se a sua inscrição está dentro do número limitado de leitores que ficarão de posse desta obra que fixou um momento histórico do pós-Abril.

SEM MÃOS A MEDIR

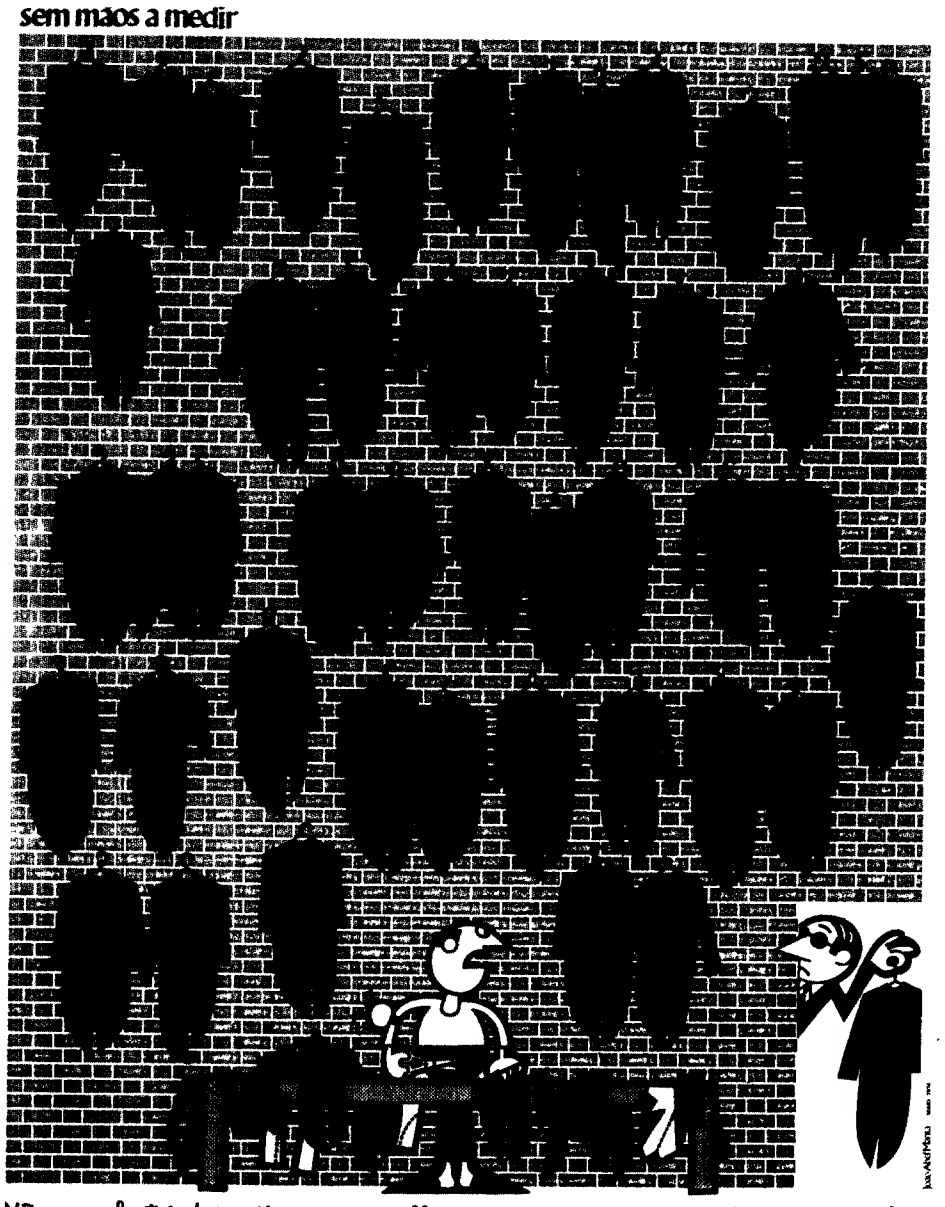
De 24 para 25 de Abril de 1974 virou-se uma página da História Portugal contemporâneo e não apenas a folhinha da agenda pessoal. Mas a transição, brevíssima no calendário, foi, para muitos, em suas vidas, uma radical transição. Os historiadores, os sociólogos, falarão de que os portugueses transitaram da situação de súbditos para a de cidadãos, e, assim, sublimarão, em termos teóricos, o expediente prático, de mudar de rosto e de posição, de «virar a casaca».

De súbito, e por milagre, de 24 de Abril para 25 de Abril, nesse ano revolucionário de 1974, a libertação de Portugal libertou todos os espertos e videirinhos dos brandos costumes, das piedosas venerações, do respeitinho necessário, da mitologia da ordem.

Foi uma explosão maravilhosa, e para maravilhar e repugnar aos atentos, um espectáculo de falta de vergonha.

De noite para o dia, de um dia para o outro, deixou de haver em Portugal salazaristas, marcelistas, membros do «partido único», servidores da situação, adeptos do totalitarismo, partidários do «Estado nacional corporativo». Os que eram, ou sempre tinham sido fascistas, descobriram-se, no fundo, bem fundo, bem oculto, das consciências, uma esmagada, humilhada, mas sinceríssima vocação democrática.

Com o 25 de Abril dera-se o milagre da multiplicação dos democratas. A falange dos resistentes foi submersa pela multidão apressada e ávida dos adesivos. Não houve mãos que chegassem para virar tanta casaca. O «poster» de João Abel Manta foi o comentário satírico dessa vaga de casacas viradas. Já lá vão 13 anos. Do talento do artista nada há a fazer. O seu comentário, além da beleza gráfica e da exactidão crítica, conserva a frescura, o humor, a força acerada. É actualíssimo. As casacas viradas estão aí. Nem sequer cheiram a naftalina. São usadas todos os dias.



Dimensões do «poster»: 74×59,5 cm; dimensões da mancha impressa: 41,5×54,5 cm.

SÓ ATÉ 12 DE JUNHO

O poster poderá ser levantado pessoalmente nas n/instalações na Rua Luz Soriano, n.º 15, em Lisboa, quando o leitor for avisado de que está na lista dos inscritos. Se desejar fazê-lo, por favor marque com uma cruz o quadrado seguinte ☐

Se preferir que o poster lhe seja enviado, o preço dos portes do correio, sob registo (a embalagem está incluída no preço do poster), varia conforme o Código Postal do leitor:

- Código Postal entre 1000 e 2000 ... 80$00
- Código Postal entre 2000 e 3000 ... 85$00
- Código Postal entre 3000 e 8000 ... 100$00
- Código Postal 9000 (Reg. Autónomas) . 120$00

Preencha com letra bem legível e envie para
«DIÁRIO DE LISBOA»/POSTER
RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA

DESEJO ADQUIRIR O POSTER «SEM MÃOS A MEDIR» DA AUTORIA DE JOÃO ABEL MANTA

(e enviarei cheque ou vale postal de 7500$00 + portes, se o poster for enviado pelo correio, quando para tal for avisado)

NOME: _____

MORADA: _____

(Não esquecer o Código Postal)

X FITEI

FALTA DE SOL, FALTA DE SAL

Carlos Porto

Abertura do Décimo Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica, mais conhecido por FITEI, no chamado Auditório Nacional de Carlos Alberto — já que o Porto não tem um bom teatro (aquele São João...), tem um auditório, ainda por cima nacional... Pois foi, nesse na quinta-feira, quatro, como estava combinado, era por volta das dezoito e trinta quando um senhor parece que locutor iniciou com confessada atrapalhação a cerimónia. Assim subiram ao palco três entidades, a saber, o presidente da Câmara Municipal do Porto, que eu não sabia quem era a não ser de nome e assim fiquei a saber, o dr. Pedro Támen que tenho gosto em conhecer e que aliás é um poeta de quem gosto, e que estava lá por ser administrador da Gulbenkian, não por ser poeta, o que é pena (na assistência estava, pelo menos, um, o Luís Veiga Leitão, pescador à linha como sabem os leitores do «DL»); o dr. Flávio Ferreira, que eu creio que é um juiz justo porque é humano, velho amigo dos tempos da «divulgação» (onde isso vai) e pai de um músico de jazz, isto é, pouca gente saberá, e que foi ao palco na qualidade de presidentge da Assembleia Geral do FITEI, o que não admira porque empre esteve ligado a associações culturais.

Pois no palco as três individualidades para proceder à entrega dos prémios do concurso de fotografia de teatro, mais uma vez organizado pelo FITEI. Os premiados foram ilustres fotógrafos da cidade, caso de Peres Sanchez, Valter Gonçalves e Carlos Soares, com uma menção honrosa para Rui de Sousa. Júri de confiança: Abel Roldão, Fernando Aroso e Luís Ferreira Alves. Quem quiser julgar dos critérios do júri e da qualidade dos bonecos pode ver os premiados e ooooooutros, também escolhidos, em exposição nuuuuum corredor do Carlos Alberto (não haveria melhor local?).

Distribuídos os prémios, ditas mais umas graças, se assim se pode dizer, o presidente do FITEI sobe ao palco para ler o relatório do costume. Do costume, digo Júlio Cardoso, porque os problemas do teatro, e portanto os problemas do FITEI, são sempre os mesmos: falta de política teatral, falta de seriedade, falta de dinheiro. Agora com um cheirinho cosmopolita, o do mecenato. Sobre o qual declarou justamente Júlio Cardoso:

«Hoje, não podemos deixar de nos referir à tão falada e publicitada Lei do Mecenato. Nem de longe nem de perto estamos contra uma semelhante Lei. Mas consideramos que a actual Lei deverá ser repensada conjuntamente com os prrrrrincipais interventores, ou seja, os agentes culturais e económicos. Consideramos a existente exageradamente burocrática e sem grandes estímulos para os agentes económicos. Primeiramente há que ter em conta que a maioria dos agentes culturais ou são voluntários ou as suas profissões são de tal maneira absorventes que não lhes permitem minimamente andar atrás de um empresário tempos sem fim e quando acontece o almejado encontro esbarra com a impossibilidade de argumentar tecnicamente os possíveis benefícios de um investimento naquela Lei. Depois há que alterar significativamente os incentivos fiscais aumentando-os substancialmente. Caso contrário, continuaremos a encontraaar os agentes económicos comparticiparem com verbas a título de donativos ou publicitários.

Mas nunca poderemos admitir que esta Lei seja pretexto para que o Poder descalce a sua responsabilidade de promover uma autêntica política cultural. Esta Lei deve ser uma simples complementaridade dessa política. Chamamos a atenção para este ponto, porque já se está a verificar o que afirmamos, já se vai assistindo a esse absurdo, como aconteceu já este ano em relação a este Festival.»

Antes ou depois de Júlio Cardoso (para o caso a ordem é arbitrária), Estrela Novais leu, impreparadamentge, a mensagem ao Festival escrita pelo romancista José Saramago, mensagem que os leitores atentos conhecem pois foi publicada na íntegra neste jornal («DL«/4.6.1987). E na qual, aliás, e para espanto meu, Saramago se nega ser aquilo que a meu ver é e brilhantemente, dramaturgo.

E assim chegamos ao teatro: a memória dançada da guerra.

São espectáculos que se tornaram habituais em festivais de teatro, jogo um tanto híbrido, entre a dança e o teatro, às vezes com a participação de actores, além dos dançarinos, às vezes com palavras, com situações dramáticas (teatrais?). O FITEI abriu precisamente com um grupo espanhol do género: Ananda Dansa — Teatro del Baile de Valencia, que apresentou **Crónica Civil (V-36/9)**, criação e direcção de Edison Valls.

O espectáculo, como o título sublinha, é constituído pelo roteiro de uma memória, roteiro que se divide em três partes: «El meu promés», «Esperadme» e «Maria Sarmiento». Três partes distintas mas que se identificavam por situações e vivências semelhantes: tratava-se de levantar um retrato (ou três retratos) do universo dos ritos de iniciação, dos jogos, das brincadeiras, das guerrazinhas cruéis, da magia da infância e da adolescência. Era através dessa memória forte, invencível, da infância que o espectáculo se estruturava evocando uma outra realidade, a feia realidade dos adultos que não surgiam em cena, mas apenas os seus terríveis ecos, explosões, ruídos, sinais ameaçadores.

«Quero um menino que me conte que fui menino», diz um poema que serviu de fonte de inspiração, entre outros, da obra, do poeta José Ballester. Portanto é esse mundo do menino que o autor foi que o espectáculo nos fala, mas nesse mundo irrompe terrível a realidade da guerra, o que tornaria mais pungente o espectáculo se não surgisse, como é o caso, bastante diluída.

«Tio Vânia» de Tchekhov pela Seiva Trupe

Ideia bonita, já se disse ou diz-se agora, foi bastante prejudicada por uma sua excessiva exploração, o espectáculo prolonga-se desnecessariamente (pelo menos, não senti a necessidade dessa «durée»), debilitando-se. Poderia ser mais denso, conter uma maior energia cénica em condições de um maior depuramento. Parece-me ser isso o que torna o espectáculo relativamente débil, mais do que a simplicidade e até a modéstia dos seus intérpretes, mais do que a sua juventude, mais do que os sinais de experiências alheias que nele se notam (Bob Wilson, nomeadamente). Um bom cenário, em que a pintura das paredes vai caindo, como se também elas fossem a brincar, música em sintetizadores não muito original mas por vezes forte, alguns bons achados da coreografia, ajudaram a dar a este espectáculo alguma empatia, a que o público, que curiosamente não enchia a sala, correspondeu.

O direito de falhar: Tchekhov não se queixa

Todos os grupos, de teatro ou de futebol, todos os homens, políticos ou artistas (até os críticos), têm direito a não acertar no alvo, têm o direito a não marcar golo, têm o direito a falhar. Foi o que desta vez aconteceu com a Seiva Trupe, que estreou o seu novo espectáculo, com «O Tio Vânia», de Tchekhov, nesta edição do FITEI. Não estou a dizer com isto que a Seiva tem acertado sempre ao longo da sua já longa e por vezes brilhante carreira. Mas desta vez, parece-me, o falhanço é talvez mais grave, embora igualmente compreensível pelo que acima se disse, sobretudo para quem tenha por Tchekhov o amor que, a meu ver, não se pode deixar de ter.

Curioso, é a segunda vez que um grupo do Porto apresenta esta peça do autor russo, tendo sido a primeira nos idos de 60, num espectáculo do TEP com encenação de João Guedes, espectáculo que por sinal não foi um falhanço, ao contrário deste. Ainda mais curioso, que eu saiba, nenhuma outra peça grande do autor de «O Jardim das Cerejas» foi montada por um grupo portuense. E não me perguntem como é possível, culturalmente, que tal tenha acontecido numa cidade com as dimensões do Porto. Vejam-se os Tchekhov's do reportório do antigo Teatro Nacional D. Maria II, e perceber-se-á muita coisa do que se tem passado em teatro neste País.

Não estou a fugir, embora pareça, ao espectáculo da Seiva Trupe.

Espectáculo falhado, já foi dito, convém saber porquê. Já o escrevi noutro lado e repito-o aqui: este «Tio Vânia» só fará a sua carreira normal no princípio da próxima temporada, por isso o que aqui se diz é relativamente provisório já que se espera que a hibernação do espectáculo permita meditá-lo de maneira a fazer a sua revisão que tem de ser bem profunda para resultar.

Essa revisão deverá começar pelo próprio texto já que a versão de Armando Bacelar me parece absolutamente desactualizada, sob o ponto de vista de escrita literária e teatral. Aconteceu haver ainda um certo desprezo pela qualidade do texto representado embora já muitos grupos tenham compreendido que a qualidade de um espectáculo também depende disso. O trabalho a nível linguístico, a nível estético, como valor da palavra e dos seus jogos e significados, a nível dramático e teatral, é um dado cuja importância não pode ser discutida.

Imaginemos pois que a Seiva consegue um texto aceitável (porque não uma revisão feita por um português que saiba russo acompanhado por um português que saiba de teatro?) — deve passar a um trabalho dramatúrgico que permita a descoberta dos segredos que a peça na simplicidade que a marca esconde. É certo que o encenador deste espectáculo, o salvadorenho Fernando Umaña, procedeu a um exercício dramatúrgico, mas esse exercício só é visível nas palavras que escreveu para o programa não no levantamento das pistas possíveis que o texto integra. Depois é necessário optar por uma leitura do texto: poder-se-á admitir uma leitura polissémica da obra tchekhoviana, mas parece indispensável que haja uma articulação cuidadosa entre as várias propostas de leitura: cada segmento de comédia, de drama, de frsa, até, de melodrama, até, deve justificar-se na sua relação com os outros segmentos: sobretudo não se deve justificar que o público ache graça à possível graça do espectáculo (Tchekhov também é um autor cómico) mas não àquilo que possa pensar ser o ridículo do espectáculo. O ridículo mata, já se sabe. Pode pensar-se que uma personagem como o Tio Vânia é um Sancho Pança, o que aliás não me parece correcto, é um ser solitário e sem esperança e que por isso fala sozinho, mas é difícil admitir que possa ser visto como um idiota, que é o que acontece e não certamente por culpa do actor, Júlio Cardoso, cujo tipo de técnica teatral, aliás, não me parece o mais indicado para esta personagem de Tchekhov. Pode admitir-se uma leitura, aliás a meu ver muito forçada, de transformação da paixão do Dr. Astrov e de Helena Andreevna num amor louco, mas é inconvincente que o sinal desse amor seja comunicado apenas através de beijos arrebatados mais ou menos telenovelescos (aliás esta linha da interpertação da personagem não teria saído do desejo de Estrela Novais em dar um pouco de sal ao que lhe pareceria demasiado insosso?).

Helena Andreevna/Estrela Novais — como foi possível um tal desencontro entre personagem e actriz? Desencontro que começou, se é tão evidente porque é que ninguém viu?, na composição exterior da personagem — figurino dessa composição (fato, sapatos) e também o cabelo negro caído compõem um conjunto sem qualquer autenticidade tchekhoviana ou teatral, sem qualquer beleza. E não é disso que se trata. Mesmo que a ideia fosse por um lado dar uma certa pobreza das personagens, por outro, intemporalizá-las, não é verdade que Helena deveria ser a excepção, devia ser o elemento contrastante (não haveria um vestido antigo, um penteado capaz de sinalizar a sua própria psicologia?).

E depois alguns actores, nomeadamente Laura Perry, Luís Cunha, Olga Gandra — Tchekhov é incompatível com esta espécie de amadorismo que pode funcionar noutros lugares, não neste.

Seria ainda necessário retrabalhar outros actores porventura ainda recuperáveis para este espectáculo, caso de Júlio Cardoso e Estrela Novais, já citados, caso também de Carlos Lacerda, o Professor, de movimentos rígidos, sem expressão, enquanto Júlio Cardoso, igualmente inexpressivo mas de gestos demasiado largos (uma boa cena quando está no chão, entre as cadeiras), precisava de interiorizar a personagem. Alberto Quaresma, no Dr. Astrov, com uma composição facial que lembra Tchekhov (interpretação autobiográfica da personagem), parece mais próximo do tom tcheckhoviano, assim como, em menor grau, Glória Férias, em Sónia. Ambos, no entanto, e em especial a actriz, não escapam à pecha de por vezes debitarem discursos em vez de falarem os monólogos, em vez de usar o tom coloquial que as falas pedem.

Se o trabalho de Victor Erazo me pareceu como figurinista lamentável, já como cenógrafo conseguiu soluções engenhosas para o espaço, embora a simplicidade do espaço de José Manuel Castanheira (para «O Tio Vânia» de Rogério de Carvalho) fosse bastante mais prático e belo. De qualquer maneira, as paredes móveis, as várias secções espaciais são elementos bem achados. A luz verde inicial sinaliza bem a componente ecológica representada pelo Dr. Astrov. Só os elementos transparentes em plástico me pareceram chocar com os elementos em madeira.

Tenha-se em conta que este grupo saiu de um longo trabalho de anos em espectáculos musicais. Ainda há dias representava a adaptação de «O Motim», de Miguel Franco, como aqui disse, com algumas reservas. Ora, é outra a música de Tchekhov: isso sente-se demasiadamente no espectáculo. Além disso, depois de se ter visto os Tchekhov's de Rogério de Carvalho e de João Lourenço tornamo-nos mais exigentes em relação às nossas capacidades de leitura do grande autor. Este «Tio Vânia», da Seiva, é para esquecer — e naturalmente para recuperar. É isso que esperamos quando chegar a altura de o rever.

Grupo Guirigai

X FITEI

A Festa, três dias antes...

Algumas novidades nesta X edição do Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica: pela primeira vez em Junho (foi em Novembro até 1985, em 1986 foi em Maio); pela primeira vez com dez dias (era de quinze dias); pela primeira vez com início a meio da semana (a abertura costumava ser ao sábado); pela primeira vez com um espectáculo antecipado.

Foi na segunda-feira, dia 1, a pequena festa, três dias antes da festa grande: o grupo madrileno Guirigai apresentou um espectáculo de rua com o título «Enésimo Viaje a Eldorado». Este grupo apresentou no FITEI de 86 um espectáculo em estreia — «Metrofilia» — que foi um autêntico desastre, como aqui contei. Desastre de tal modo reconhecido pelos seus responsáveis que estes alteraram a cenografia, o próprio elenco, e o reduziram de quase quatro horas para pouco mais de hora e meia.

Na segunda, o grupo, com oito elementos, ocupou uma zona da cidade, da Escola de Belas-Artes até à Igreja de Santo Ildefonso, com pequenas instalações que sinalizavam o percurso que o espectáculo seguiria à noite. Às 21.30, o grupo saiu da ESBA, passou pelo belo jardim de S. Lázaro (mais uma recordação: aqui brinquei nos meus quatro anos), andou por Entreparedes, desceu à Batalha, até acabar na escadaria da Igreja de Santo Ildefonso.

Fatos, máscaras, cruzes, armas sinalizavam as personagens e a viagem de um grupo hispânico, soldados e religiosos, à conquista do Eldorado, como outrora, do México ou do Peru. Gestos, cerimónias (como a da missa), música, apitos que evocavam os pássaros tropicais ajudavam a essa sinalização. «Os elementos espalhados pelo itinerário metaforizavam essa viagem de conquista que era também uma viagem iniciática: a cruz que ardia no coreto, a gaze que representava o mar, a alta cadeira do Poder, os elementos que simbolizavam a floresta, os manequins; depois o caixão e dentro, dele as pombas que, libertas, tiveram dificuldade em voar. Depois, a chegada junto da igreja onde havia uma barraca; quando os actores chegavam à escadaria coberta por um pano, a barraca abria-se: dentro um homem olhava um aparelho de televisão.

Suprema ironia: eis como acaba a viagem iniciática, a conquista, a colonização, a evangelização, a morte — na televisão, na sociedade de consumo. Horror!

Não sendo um grande espectáculo de ar livre mas funcionando como projecto e como realização, até por se tratar de uma criação com dois anos de trabalho, «Enésio Viaje a Eldorado» interessou a um público vivo que pertencia aquela área da população que nunca vai ao teatro. A grande força de espectáculos como este consiste em atrair espectadores que nele se integram com grande intensidade, com calor e entusiasmo. De tal maneira, que os actores ficaram surpreendidos, habituados que estão a um público mais distanciado. Viam-se raparigas com os filhos ao colo, velhos casais que costumam apanhar o fresco no jardim, outros que trocaram a hora da televisão habitual (Beatles e Molière), crianças, gente que participava, dançava, batia palmas, brincava como se estivesse no Carnaval.

Este teatro, como outras festas, existe visceralmente em todos, ou na maioria de nós.

Carlos Porto

RESPOSTA DE "GUARDA-REPUBLICANO" OU DE COMO SE PASSA DE CAVALO P'RA BURRO

Carlos Madeira:

Lido o seu texto («DL«-1-06-87) verifico que V. não entendeu as razões, não explícitas, que me levaram a pegar no seu impagável artigo sobre o **Hamlet.** Passo a esclarecê-lo com aquele paternalismo de que V. (ainda) precisa:

1.ª razão — A leitura do seu artigo — no qual a «grandeza está para além da grandeza», para usar o seu estilo (cf. seu artigo sobre **Electra**...) —, constituiu para mim um momento muito divertido. Por isso, num gesto largo, liberal e moscovita, como dizia o outro, resolvi partilhar com os meus leitores esse prazer.

2.ª razão (esta de carácter mais pedagógico) — Optimista incurável, admiti a hipótese de que um tratamento de choque o levasse a reflectir sobre o que escreve, sobre a maneira como escreve — um acto de autocrítica fica sempre bem, mesmo a um jovem. Afinal, confirmei que ser jovem não é grave — sobretudo quando não se é burro (não foi V. que falou em cavalos?); verifiquei ainda que V. pertence ao número daqueles inefáveis portugueses que nunca apanharam porrada, para repetir o mesmo.

Numa coisa confesso a minha confusão: é naquela da crítica culta não ter gostado do **Hamlet.**

Não obstante tudo isto, estou convencido que V. não é um caso perdido: é tudo uma questão de estudo, trabalho, humor. Para já continue a divertir-nos.

Carlos Porto

Décima primeira edição do Cinanima é em Novembro

A décima primeira edição do Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho, Cinanima 87, realiza-se de 10 a 15 de Novembro, informou a comissão organizadora.

Filmes de animação italianos e espanhóis estarão em destaque nos programas retrospectivos do certame, que no sector competitivo contará com a participação prevista de centena e meia de filmes provenientes de diversos países.

Colóquios internacionais sobre cinema de animação, sessões especiais para crianças das escolas e «ateliers» de formação e desenvolvimento completam o programa do Cinanima 87.

Uma delegação do certame de Espinho, um dos cinco reconhecidos pela ASIFA (Associação Internacional de Cinema de Animação), encontra-se presentemente no Festival de Annecy, em França, a ultimar contactos para a edição do Cinanima 87, designadamente quanto à constituição do júri internacional.

A Câmara Municipal de Espinho, a concessionária local do casino (Solverde) e o Instituto Português de Cinema são os principais apoios financeiros do Festival, único do género na Península Ibérica.

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

2.º MÊS

«... Uma criação artística de elevada qualidade que seria imperdoável não ver»
Maria Helena Serôdio — «o diário»

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE BRAGA

ANÚNCIO

FAZ SABER que pela 1.ª secção do 2.º Juízo de Direito desta comarca correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada SOCIEDADE AGRÍCOLA e COMERCIAL DO NORTE, Ld.ª, com sede na Av.ª da Liberdade, 741, Braga, para no prazo de dez dias, posteriores ao dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na Execução movida por YUGOPORT-COMPANHIA LUSO YUGOSLAVA DE COMÉRCIO, Ld.ª, Rua Castilho, n.º 211-6.º, Lisboa.

Braga, 25 de Maio de 1987

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
Ass. ilegível

A Escriturária,
Ass. ilegível

«DL» 9/6/87 — 2.ª pub.

novo grupo de teatro

A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS

DE JOSÉ SARAMAGO

CENÁRIO E ENCENAÇÃO: NORBERTO BARROCA

ELENCO:
ADRIANO LUZ
AMILCAR BOTICA
ARGENTINA ROCHA
FRANCISCO PESTANA
ISABEL RIBAS
JOAG BAIÃO
JORGE GONÇALVES
JOSÉ GOMES
JOSÉ PEDRO GOMES
LAURA SOVERAL
MIGUEL MARTINS
MELIM TEIXEIRA
TERESA MOREAL

TEATRO ABERTO

ESTREIA DIA 16
ÀS 21.30 H
APOIO DO
«DIÁRIO DE LISBOA»

A BARRACA

R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA

RESERVAS: 686300

Descontos para estudantes às 3.as, 4.as e sáb. às 16 horas
3.º mês de exibição

O DIABINHO DA MÃO FURADA

versão e encenação de Helder Costa

com
Maria do Céu Guerra
João Maria Pinto
António Cardoso
António Gomes
João Azevedo
José Carretas
Luis Tomar
Maria João
Paula Sousa
Teresa Faria

4.ª a sábado às 21.45
Sáb. e domingos às 16 horas

cenografia: Roi Pimentel
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carretas

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

6.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da 2.ª publicação do anúncio, citando os réus para no prazo de 10 dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção que, em, extracto, é o seguinte: seja a Chamada condenada a pagar à autora, solidariamente a importância de 73 696$00 acrescida de juros legais desde a citação com custas e procuradoria.

Acção ESPECIAL DO CÓD. DA ESTRADA n.º 2222, 3.ª secção.

Autor: COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

CHAMADA: BERTO ALVES LDA, — com sede na última morada conhecida na Calçada do Lavra, n.º 34 – Lisboa e outros.

Lisboa 1 de Junho de 1987

O Juiz de Direito

a) Vítor Manuel Pinto Furtado Mesquita

O Escrivão de Direito

a) Maria Antonieta Tavares Bessa Soares

«DL» 9/6/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

4.º JUÍZO

ANÚNCIO

Faço saber que por este Tribunal correm éditos de vinte dias que começarão a contar da data de segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos da Executada — ROQUEDRIL — Sociedade Alugadora de Máquinas e Equipamentos Industrial, S.A. — com sede em Rua Óscar da Silva, 3060 a 3110 — Freixeiro — Perafita — Matosinhos, para no prazo de dez dias, após aquele dos éditos e na Execução Sumária registada sob o n.º 2342 que a exequente Companhia de Seguros Império, E.P. com sede em Rua Garrett, n.º 56 – Lisboa, move àquela reclamarem o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados.

Lisboa, 2 de Junho de 1987

O Juiz de Direito

a) Fernando José Matos Pinto Monteiro

A Escriturária Judicial

a) Emília Rosa Augusto Pontes Moreira

«DL» 9/6/87 — 2.ª Pub.

CINEMAS

Uma cena do filme português «REPÓRTER X», realizado por José Nascimento, em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

Alfas Triplex
— T. 806496

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.45 e 00.15 h

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

O MENINO DE OURO
(maiores 6 anos)
14.30 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Alfa Club
FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2
QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3
SALVADOR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 4
A COR DO DINHEIRO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5
EM DEFESA DA NAÇÃO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6
A LEI DE MURPHY
(maiores 16 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24 h

Apolo 70
TERROR NA PLATEIA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila
— T. 539930

STAND BY ME — CONTA COMIGO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis
— T. 547163

FRUTA MADURA
(Int. m. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna
— T. 776098

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Capitolio
— T. 372358

A INGÉNUA E OS GALIFÕES
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil
T. 530194

VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cineboiso
BURLONAS SEXUAIS
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45 e 19.00, 21.30 e 23.45 h

Cine Camões
T. 324194

MAUSOLÉU
(n/acons. m. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222
— T. 579460

A JÓIA DO NILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela
— T. 2524761

Estúdio Avenida
SEM PERDÃO
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Ideal
O REGRESSO DOS MORTOS VIVOS
(maiores 18 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine
— T. 549999

FANDANGO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes
— T. 322523

PROCURA-SE MORTO OU VIVO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden
— T. 320768

A VINGANÇA DOS MANETAS DE FERRO
(n/acons. m. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio
— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio AUS
— T. 887255

8 MILHÕES DE MANEIRAS PARA MORRER
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444
— T. 768078

IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova
— T. 7145109

Sala 1
AT CLOSE RANGE — HOMENS À QUEIMA-ROUPA
(maiores 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 2
O NOME DA ROSA
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 3
VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini
— T. 734009

FLORESTA ESMERALDA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood
— T. 806847

Sala 1
PLATOON – OS BRAVOS DO PELOTÃO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2
CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio
— T. 555134

JUSTIÇA IMPLACÁVEL
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas
— T. 631162

Sala 1
PROCURA-SE MORTO OU VIVO
(maiores 16 anos)
16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
UMA MULHER DOS DIABOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres
— T. 801313

UMA MULHER DOS DIABOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial
— T. 538743

Sala 1
BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2
A MANHÃ SEGUINTE
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3
SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas
— T. 574362

UMA MULHER DOS DIABOS
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon
— T. 326283

O ANO DO DRAGÃO
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia
T. 325309

GANGSTERS SEXUAIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé
— 821933

TESTEMUNHA DE UM CRIME
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama
T. 326305

JUSTIÇA IMPLACÁVEL
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto
T. 771378

Sala 1
MAXIE E A OUTRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

OS AMANTES DE MARIA
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 2
O REPÓRTER X
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

FOOTLOOSE
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3
CONTA COMIGO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

FINALMENTE DOMINGO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Roma
T. 889192

GELADO DE LIMÃO V
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy
T. 548560

UM MARIDO SEM... É COMO UM JARDIM SEM FLORES
(n/acons. m. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge
T. 579144

Sala 1
A LOJINHA DOS HORRORES
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2
CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3
FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte
— T. 730715

A LOJINHA DOS HORRORES
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star
— T. 804210

DUMA VEZ POR TODAS
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal
— T. 371573

CONTA COMIGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Tivoli
— T. 570595

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim
T. 706666

A DIFÍCIL ARTE DE AMAR
(maiores 12 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Voxmania
— T. 800008

PERIGOSAMENTE JUNTOS
(maiores 12 anos)
15.30, 18.15 e 21.00 h

Xenon
T. 368480

INFERNO EM DIRECTO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodiaco
— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Os Duros», às 21.00 h (maiores 12 anos)

AMADORA — Cinestúdio — «Crocodilo Dundee», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

AMADORA — Babilónia — «Fora dos Limites», às 15.15, 18.30, 21.30 e 23.45 h (maiores 12 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — Encerrado para descanso do pessoal

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «A Manhã Seguinte», às 21.30 h (maiores 12 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «Filhos de Um Deus Menor», às 21.30 h (maiores 12 anos).

ODIVELAS — Cineodivel — «O Massacre», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Os Duros», às 17.00 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000 — «A Cor do Dinheiro», às 15.30 e 21.300 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «Regresso à Escola», 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «Sem Perdão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «Matador», às 15.30 e 21.45 h (maiores 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine — «O Menino de Ouro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Procura-se Morto ou Vivo», às 15.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

Sala 2 — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.30 e 21.30 (maiores 6 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «O menino de Ouro», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Salvador», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (maiores 16 anos)

ALMADA — Incrível Almadense — «Comandos em Fúria», às 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense —«ET — O Extraterrestre», às 15.30 e 21.30 h (maiores 6 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «Salvador», às 15.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)

Sala 2 — «8 milhões de Maneiras para Morrer», às 16.15 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Invasão EUA», às 15.00 e 21.15 (maiores 18 anos)

PINTURA NO CASINO DO LUSO

No âmbito do Programa de Animação Termal Luso–Buçaco, continua patente, na Galeria do Casino do Luso, uma exposição de Pintura de Margarida Tenreiro, até ao dia 15 do corrente.

Maria Margarida Nazareth Sousa de Almeida Tenreiro, de seu nome completo, é natural de Coimbra. Fez a sua preparação básica de desenho com José Contente, de aguarela com A. Coelho Figueiredo, professor da Escola Soares dos Reis do Porto e de óleo com Waldemar da Costa no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

Em 1965 participa na Exposição Colectiva no Museu Machado de Castro, no mesmo ano na exposição «10 Pintores Pinturas 20» na Galeria Borges em Aveiro. Em 1980 na exposição «Artes Plásticas–Artistas de Coimbra», no Edifício Chiado e no ano seguinte na exposição «Mostra de Coimbra». Em 1983 participa na exposição individual de óleo, na Galeria do Turismo. No mesmo ano no Edifício Chiado, na exposição colectiva «Salão de Outono». Em 1984, Margarida Tenreiro toma parte na exposição «25 Anos de Vida do Círculo de Artes Plásticas» realizada no mesmo local, fazendo em 86 a sua primeira exposição individual de aguarelas, no Salão de Turismo.

Margarida Tenreiro, desde há muito vocacionada para a Pintura, frequentou o Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra e, de quando em vez, por necessidade interior, colectiva ou individualmente, vai–nos mostrando os seus trabalhos. Produções resultentes dos momentos roubados ao dia–a–dia de uma dona de casa, mãe de família, que acumula ainda actividades de decoração, como a tapeçaria.

Concretamente, no que diz respeito à exposição do Casino do Luso, escreve Telo de Morais no catálogo: «independentemente de conceitos e de predilecções bem pessoais, esta é uma exposição que merece ser visitada».

Pintura de Margarida Tenreiro

CULTURAL

EXPOSIÇÕES

ARTEX-GALERIA DE ARTE (R. Nova do Almada, 87): aguarelas de João Martins até 4 de Julho, nos dias úteis das 9 às 13 e das 15 às 19, sábados das 9 às 13.

CLUBE CINQUENTA (R. de S. Mamede ao Caldas,9-1º): colectiva de Pintura, Desenho, Escultura, Gravura e Fotografia, comemorativa dos 5 anos de actividade desta galeria. Até 27 de Junho, de terça a sexta das 17,30 às 20,30, sábados das 15 às 20.

ESBAL (R. Barata Salgueiro, 36): «Verde Muco», pintura e escultura de José Loureiro, Jorge Camões e Vera Velez. Até 19 de Junho, das 14 às 20.

SALA DE EXPOSIÇÕES DA BIBLIOTECA (Entroncamento):exposição colectiva de artes plásticas, com organização do Clube Badminton do Entroncamento e o apoio da Câmara Municipal, patente até 21 de Junho. Trabalhos de Felisberta Monteiro, Armindo Silva, Conceição Montalvão, Artr Silva e Mariline Alão.

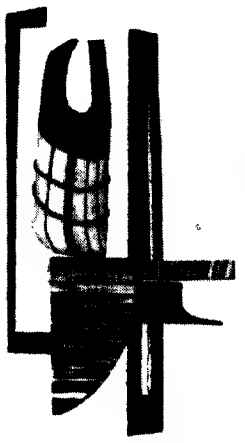
ARTEFACTO 3 (Tv. Água da Flor, 37): exposição de joias de Vítor Pomar, desde 11 de Junho, de segunda a sexta das 15 às 20.

ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca, 20): colectiva «Nem Bonecos nem Brinquedos», com pintura, desenhos e objectos de Armanda Duarte, Conceição Ramos, Hugo Ferrão, Isabel Marques, Leonor Serpa Branco, Maria Bela Garnel, Rui da Rosa e Teresa Vasconcelos. Até 24 de Junho, de segunda a sexta das 10 às 20.

GALERIA CONVÉS (Praia de Quiaios): pintura de Zé Penicheiro «Encontro com a Paisagem»

PALÁCIO POMBAL (R. do Alecrim, 70): exposição de projectos de design industrial promovida pelo IADE.

PAVILHÃO COMUNITÁRIO DE OEIRAS: Mostra de Artesanato promovida pela Câmara Municipal de



Trabalho de Teresa Vasconcelos

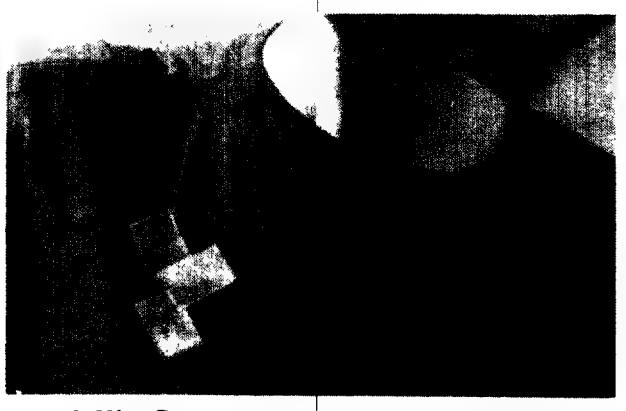
Oeiras.

ATELIER 2 (R. da Emenda, 66-3º): exposição de Romualdo com o título «Terrenos Intermédios», até 6 de Julho de segunda a sexta das 14 às 20.

INTERLIVRO-LISBOA: em colaboração com a Associação Portugal-URSS, uma exposição de livros científicos e técnicos da União Soviética, patente até 30 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 19, sábados das 9 às 13.

ARCADAS DO ESTORIL (Galeria de Arte da Junta de Turismo da Costa do Estoril): até 10 de Junho a exposição «Colagens no Vitral» de Erich Zander.

ESPAÇO MARIA LAMAS (Av. Duque de Loulé, 111-4º): exposição de Maria Clementina Carneiro de Moura até 21 de Junho, todos os dias excepto domingos das 10 às 13 e das 15 às 18.



Joias de Vítor Pomar

CENTRO DE ARTE MODERNA (Gulbenkian): até 11 de Junho, uma exposição de Alberto Lacerda sob o lema «O Mundo de um Poeta».

GALERIA TRIANGULO 48 (Av. Vasco da Gama, 48-A): Pintura, desenho e aguarelas de Felipa Lobato até 20 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 14 às 20.

GALERIA RESTAURAÇÃO (Av. Guerra Junqueiro, 18-C): Pintura de Christine Hélène até 20 de Junho.

PALÁCIO DOS CORUCHEUS (R. Alberto de Oliveira, Alvalade): Pintura de Nuno Henrique de Castro até 15 de Junho, de segunda a sexta das 15 às 18, sábados e domingos das 15 às 19.

ESPACE ALLIANCE (R. Braamcamp, 13-1º): Alliance Française apresenta «Mário Botas em Francês», aguarelas e desnhos a tinta de China legendados em francês.

CASA DE BOCAGE (Setúbal): caricaturas de Adelino Silva (Onileda) até 28 de Junho, de terça a sexta das 9 às 12 e das 14 às 17,30, sábados e domingos das 15 às 18.

GALERIA 111 (Campo Grande, 113-A): exposição de Fotografia de Sérgio Eloy, Luís Vasconcelos e Alfredo Cunha.

CETÁRIA-Galerias de Arte (Pousada de S. Filipe-Setúbal): Pintura de Ana Cristina Abreu Lima Klung e colectiva de Cerâmica de Ribeiro Farinha, Susana de Barros, Rui Pinheiro e Cremilde Pereira. Patente até 24 de Junho, diariamente das 10 às 22.

CASA DA CULTURA DAS CALDAS DA RAINHA: até 18 de Junho, uma exposição de Pintura de Mário Jorge Rodrigues, nos dias úteis das 10 às 12,30 e das 14,30 às 18,30, sábados e domingos das 15 às 18,30.

GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: cerâmica e desenho de Artur José até 21 de Junho, todos os dias das 15 às 24.GALERIA EMI (R. da Cruz dos Poiais, 111): pintura de Vítor Pomar até 27 de Junho, todos os dias excepto segundas-feiras das 15 às 19.

GULBENKIAN (Exposições Temporárias): exposição do artista suiço Albert Rouiller.

PALÁCIO D. MANUEL (Évora): exposição de Pintura «Um Olhar sobre a Cidade» de António José Couvinha, até 15 de Junho das 13 às 18, numa organização da Câmara Municipal de Évora.

COOPERATIVA OPERÁRIA «OS CORTICEIROS» (Barreiro): exposição sobre o 50º aniversário do abastecimento domiciliário de água ao Barreiro. Até 14 de Junho, nos dias úteis das 9,30 às 12, das 14,30 às 17 e das 21 às 23.

DIFERENÇA-COMUNICAÇÃO VISUAL (R. S. Filipe Neri, 42): litografias e serigrafias de Wolf Vostell até 14 de Junho, de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): exposição com trabalhos de Sobral Centeno «12 Pinturas-Estruturas-Pontes-Fragmentos» e de Miguel Yecco «Trabalhos Recentes».

O CORREDOR-ESPAÇO DE ARTE (Av. Miguel Bombarda, 133-A): colectiva com escultura de Marília Torres e pintura de Guilherme Parente, Paulo Ossião e Roberto Chichorro. De segunda a sexta das 10 às 19, sábados das 10 às 14.

ESCADA-CENTRO DE ARTE (R. da Bela Vista à Graça, 81-A): colectiva de pintura de Emília Nadal, Helena San Payo, Isabel Laginhas, Lourdes Leite, Maria Gabriel, Victor Belém e Pé-Curto, até 27 de Junho de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 14.

GALERIA MÓDULO (Av. Ant. Augusto de Aguiar, 56-5º-Dt.): pintura de João Jacinto, de segunda a sábado das 16 às 20.

GALERIA DA CERVEJARIA TRINDADE: exposição de bilhetes postais e cartazes de azulejos portugueses de Marianne Adelman. Patente até 13 de Junho, diariamente das 10 às 15 e das 19 às 22.

PALÁCIO FOZ (Restauradores): fotografias de Chester Brummel, sob o tema «Igrejas de Portugal», até 17 de Junho das 14,30 às 17.

CASINO DA PÓVOA DE VARZIM (Galeria de Arte): Desenho/Pintura de Margarida Tamegão até 20 de Junho, todos os dias das 17 às 21.

GALERIA ALVAREZ DOIS (Av. da Boavista, 707-Porto): escultura em tijolo da alemã Sigrid Siegele, até 12 de Junho das 16 às 20.

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA (Porto): pintura de Eugénio Côrte-Real até 13 de Junho, patente das 14,30 às 18,30.

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: objectos texteis de Teresa Segurado Pavão, até 21 de Junho.

CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): até 18 de Junho, gouaches de Boavida Amaro, de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.

IAM-GALERIA (R. da Misericórdia, 92-1º): em colaboração com o British Council, exposição do pintor britânico Patrick Protckor, com trabalhos executados durante a visita da rainha Isabel II a Portugal. Até 30 de Junho, das 11 às 13 e das 15 às 20.

GALERIA OLHARTE (Calçada do Cardeal, 18): Pintura de Francisco Gingeira com o título «Stand By» aberta ao público até 20 de Junho, das 116 às 20, todos os dias excepto segundas-feiras.

GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): Escultura de Noémia Cruz até 12 de Junho, de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13.

SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de homenagem ao arquitecto Francisco da Conceição Silva.

GALERIA DE ARTE DE TAVIRA: Pintura de José Passos até 12 de Junho, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 19.

POUSADA DO CASTELO DE PALMELA: Pintura de António Viana até 28 de Junho.

TEATRO MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO (Monte Estoril): Pintura de Emília Nadal organizada pela Câmara de Cascais, até 14 de Junho, todos os dias das 15 às 20 excepto segundas-feiras.

GALERIA LAPUB (Figueira da Foz): Pintura de Maria Gabriel até 7 de Junho, de segunda a sexta das 14 às 18 e das 21 às 23, sábados e domingos das 15 às 19.

GALERIA BAR (R. da Imprensa Nacional, 34): a «Entre Telas» apresenta uma exposição de Teresa Barbieri, patente até 13 de Junho, de segunda a sexta das 17 às 20, sábados das 22 às 2.

RITZ CLUBE (R. da Glória, 57): desenhos e esculturas de Rui F. Pimentel.

TEATRO

TEATRO DA TRINDADE: por iniciativa da Embaixada da França, o grupo de teatro francês «Le Theatre de Feu» apresenta esta noite, em sessão única, às 21,30, a peça «Britanicus» de Racine. Em língua francesa, com entrada gratuita.

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALFAMA: Costa, R. das Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO: Tapada**, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE: Sanex**, Av. da Igreja, 31-C (T. 897505); **ARCO DO CEGO: Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (T. 770324); **ARROIOS - CHILE: Brasil**, R. Alves Torgo, 29-33 (T. 546843); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA: Benfica**, E. de Benfica, 678-E (T. 702532); **CAMPO DE OURIQUE: Almeida**, R. Silva Carvalho, 136 (T. 681726); **FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN: Berne**, Av. de Berna, 44-A (T. 773568); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS: Matos Viegas**, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PENHA DE FRANÇA: Carrondo**, R. Padre Sena Freitas, 10-A (T. 842518); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTOS: Marcos Nascimento**, C. Marquês de Abrantes, 36-A (T. 664238); **CARNAXIDE: Central de Carnaxide**, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **CODIVEL - ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja E, Urbanização Codivel; **COLINA SOL - BRANDOA - AMADORA: Vidal Reis**, Urbanização Alfornelos, célula G, lote 35 (T. 996540); **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO — ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco Morais, 1 (T. 771469); **BAIXA: Cortez**, R. de São Nicolau, 93 (T. 325378); **BELÉM - ALTINHO: Gomes, Sucursal**, R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **ENCARNAÇÃO: zira**, P. das Casas Novas, 5-A (T. 311216); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 720969); **MADRE DE DEUS: Madre de Deus**, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bívar, 69-71 (T. 547213); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T. 2750337). Permanente; **MONTE DE CAPARICA: Guerreiro**, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higiénica**, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **SEIXIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Ferreira & Pilar**, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Aliança**, E. Nacional, 178-B (T. 2040302). Até às 19 horas; **CORROIOS: Abreu Cardoso**, B. Cidade de Setúbal 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Fonseca**, R. do Rebatejo, 2-A (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Godinho**, L. da Igreja, 51 (T. 2213580). Até às 22 horas; **MONTIJO: Giraldes**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310008). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Tavares da Silva**, R. das Gaivotas, 68 (T. 29316). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; **Lisboa**, R. Dr. Paulo Borba, 70 (T. 22248). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Cabrita, P. de Miraflores, lote 12 (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Moderna**, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Godinho**, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039). Permanente; **OEIRAS: Central**, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Mendes Junqeiro**, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Suíça**, Cruzeiro (T. 260087). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 282407). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019). Até às 22 horas; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, Casal de São Brás. Até às 22 horas; **DAMAIA: Nova**, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530). Permanente; **QUELUZ: Vasconcelos**, E. Particular Henrique Pousão (T. 4372649). Permanente; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM: Rico**, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade de Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Cargaleiro Lourenço**, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA: Misericórdia**, Pendoa, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Império, R. 1.º de Maio, 48-A (T. 2513234). Até às 22 horas; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente; **LOURES: Saraiva**, Av. da República, 86 (T. 9830027). Até às 22 horas. **AVEIRO: Alá**, R. Dr. Joaquim M. Feist, 5 (T. 23314). Permanente.

OS TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

Sala Experimental

«UMA NOITE EM CHEIO», de Stephen Poliakoff. Encenação de João de Ávila. Interpretação de Ângela Pinto, Isabel Bernardo e Durval Lucena.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De 3.ª a sábado, às 18.30; domingo, às 17.00

«QUEM TEM FARELOS» e **«O PRANTO DE MARIA PARDA»**, de Gil Vicente. Pelo Teatro Ibérico. Criação colectiva com a coordenação cénica de Blanco Xil.

Algés — Palácio dos Anjos

Sexta e sábado, às 21.30

«HUMILHADOS E OFENDIDOS», de Dostoievski. Pelo 1.º Acto, Clube de Teatro Autónomo. Encenação de Armando Caldas.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 2.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA». Nova versão de «Isto É Maria Vitória», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson e Rogério Bracinha, com a colaboração de Mário Zambujal.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 21.30; 6.ª, sábado e domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES». Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO», de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenaçao de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«AQUI HÁ FANTASMAS». Original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sábados e domingos, às 17.00

«ESPELHO», espectáculo sem palavras. Encenação: Pompeu José. Interpretação: Cristina Paiva e Helena Costa.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 4.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

«O DIABINHO DA MÃO FURADA», de António José da Silva, «O Judeu». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de João Maria Pinto e Maria do Céu Guerra.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro da Nova — Universidade Nova

Av. de Berna

De segunda a sábado, às 21.30

«ROQUE À PRESIDÊNCIA OU A QUEDA E O COICE», de Rui Costa Lopes. Ecenação: Carlos Fogaça.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação: Filipe La Féria. Intérpretes: Glicínia Quartin, João de Ávila, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e Zita Duarte.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e feriados, também às 17.00

«APARECEU A MARGARIDA». Texto e encenação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe. Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Porto — TUP — Anditorio do TUP

R. Jorge Viterbo, 120

Sextas e sábados, às 21.30; domignos, às 17.00

«LEÔNCIO E LENA», de George Buchner. Pelo Teatro Universitário do Porto. Encenação: António Capelo.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, ás 21.30; domingo, às 16.00

«O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO», de Frank Marcus. Pela Companhia de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

Setubal — Teatro de Bolso

R. Balneário Dr. Paula Borba — Tel. 2 91 30

5.ª, 6.ª, sábado e domingo, às 21.30

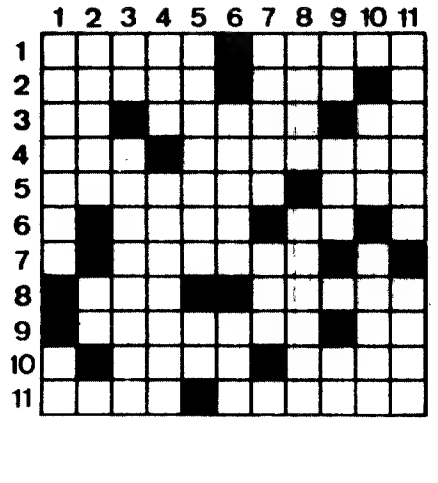
«BOAVIDA» e **«O DIPLOMA»**, de Luigi Pirandelo. Pelo Teatro de Animação de Setúbal. Encenação de Carlos César.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 15882

HORIZONTAIS:

1 Jamais. Falha.
2 Cantigas. Falda.
3 Vossa alteza. Cidade do Japão. Vossa senhoria.
4 Eia! Separou.
5 Bom pescador do rio (pl). Emprega.
6 Lavrar. Bário (s.q).
7 Espancara (fig).
8 Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. Detrás.
9 Arpoe (a baleia). Concede.
10 O mesmo que airo. Varredor de rua (Bras).
11 Suga o leite materno. Prenderes com elos.



VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho e distrito de Goa. Artigo indefinido.
2 Nome de planeta. Abreviatura de militermia.
3 Níquel (s.q). Cobriram de natas.
4 Calote. Substituíra.
5 Tostaras. Em a.
6 Limalha. Pronome relativo.
7 Corta papel (pl). Título honorífico na Índia.
8 Prover de abas. Chuvada.
9 Lantânio (s.q). Rio de Portugal. Brisa.
10 Pronome pessoal. Falar sem sentido (fig).
11 Cidade do Alto Egipto, nas margens do Nilo. Vais para fora.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15881**

HORIZONTAIS:

1 Cantar. Cama.
2 Alais. Gamem.
3 Olá. An. Ao.
4 Rs. Reitor.
5 Tristes.
6 Cr. Assim.
7 Chias. Oro.
8 Copo. Alisar.
9 Ratona.
10 Casota. ONDE.
11 Mm. Saloios.

VERTICAIS:

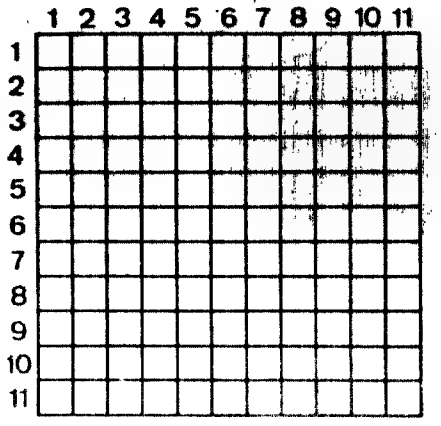
1 Carro. CC. Cm.
2 Al. CHORAM.
3 NÃO. Tripas.
4 Til. Aotos.
5 Asarias. Ota.
6 Es. Anal.
7 Gaita. Lá.
8 CANTES Oi!
9 Am. Ossos. Nó.
10 Mear. Ira.
11 Amo. Amornes.

PROVÉRBIO: Onde choram não cantes.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17052

HORIZONTAIS:

1 Nome de letra. Nome de fruto.
2 Tecido de algodão. Marcai o peso da tara em.
3 Clima. Letra grega. Caminhar.
4 Domesticar. Acerta.
5 Pertences. Nome de mulher.
6 Reis. Pronome possessivo. Ninho.
7 Rio do Estado da Baía (Brasil). Nesse lugar. Basta. Letra grega.
8 Borda de embarcação. Oceano
9 Cume. A Pérsia.
10 Prefixo de privação. Estarias obrigado a
11 Trapo com água. Causas amuo a



VERTICAIS:

1 Pequeno porto da Pérsia. Na Índia, negociante de cereais.
2 Espécie de lagosta. Medita (fig).
3 Carta de jogar. Espaço de trinta dias. Artigo indefinido.
4 Tempo do verbo ir. Charrua.
5 Paixão. Irmã da mãe.
6 Pronome pessoal. Deusa.
7 Antiga moda portugesa de Diu. Prenderem.
8 Nome de mulher. Sapo do Amazonas.
9 Sufixo que designa estado. Rio da Europa Central, afluente do Danúbio. Triturava
10 Rádio (s.q). Navalha de ponta e mola. Arsénio (s.q)
11 Oásis. Naipe das cartas de jogar

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17051**

HORIZONTAIS:

1 Antes. Malho.
2 Tail. Rio.
3 Laçaria.
4 Aba. Agitara.
5 Porosos.
6 Tl. Corajosa.
7 Aas. SN. Otão.
8 Marear. Dó.
9 Quili. Ar. Or.
10 Uça. Reimoso
11 Era. Sara

VERTICAIS:

1 Atlanta. Que.
2 Naab. Lamuca.
3 Tacão. Saia.
4 Ela. Rl.
5 Raposeira.
6 Bigorna. Er.
7 Ajra. Raia.
8 Ar. Tojo. Rm.
9 Li. Asoto. Os
10 Ho. Rosados.
11 Sasão. Rol.

Rádio

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; **18.00**: Regressos; **19.00**: Informação e música; **20.00**: No estúdio e no estádio; **20.15**: Música portuguesa; **20.30**: A voz da solidariedade; **21.00**: Musical; **21.30**: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

16.00: Concerto, em dó maior, de Haydn; **16.30**: Álbum musical; **17.00**: Cancioneiro popular português; **17.25**: Canções, de Georges Butterworth; **17.55**: «Sinfonia Espanhola», de Lalo; **18.40**: Cinco peças, para piano, de Tchaikovsky; **19.00**: Integrais; **19.23**: Tempo de ópera; **23.00**: Intercâmbio musical; **00.50**: Último andamento; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; **17.00**: Feira mágica; **20.00**: Peça que a gente passa; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Religiosos; **22.30**: Tempo e resultados; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: É de noite... já se vê: **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Rock em stock; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Ao fim e ao cabo; **20.00**: Nova geração; **21.00**: O sabor da música; **22.00**: As mil e uma noites; **23.00**: Em órbita; **01.00**: Morrison Hotel; **02.00**: O rock pode esperar; **03.00**: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Fim-de-tarde; **20.00**: Programa da LAR; **20.30**: Cidade nova; **21.00**: Luzes da ribalta; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Suplemento especial; **23.55**: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Sete colinas; **20.00**: Diálogo; **20.30**: Transmissão do terço; **21.00**: Música no espaço; **22.00**: Vamos aos fados; **23.00**: Bola branca; **23.30**: As canções da meia-noite; **23.57**: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; **18.00**: Bola branca; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Porto de abrigo; **20.30**: Meia de música; **21.00**: Palácio de Cristal; **23.00**: Bola branca; **23.30**: Porto final.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

09.00: Os cem mais; **20.00**: Serra de estrelas; **22.00**: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

RTP1

18.01 - Sumário
18.06 - Brinca Brincando

«Master of the World»

18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.01 - Bolsa do Dia
20.06 - Boletim Meteorológico
20.15 - Palavras Cruzadas

106º Episódio: Dioguinho faz dois anos, João prepara a festa com todo o carinho, feliz também por poder contar com a presença do irmão Francisco e de Joana, mais apaixonados do que nunca. Paulo e Teresa esperam o seu primeiro filho. Em casa dos Salgados, todos os mimos são poucos para o pequeno Diogo. Rui evidencia-se cada vez mais como fufebolista, e há quem o considere já um verdadeiro craque. Filipe e Sofia vão esperar Miguel, que regressa de Nova Iorque, onde esteve a estudar dança. Luis está para se despedir da Direcção da clínica, deixando o cargo para João e fala com Carlota, pedindo-lhe que dê todo o seu apoio ao filho na orientação da casa de saúde. Óscar começa a encarar a hipótese de trespassar a loja e de poder aproveitar o rendimento para viajar um pouco e visitar a filha, que continua no Porto. João acaba por ir visitar os tios, para cumprimentar Miguel, e fica a conversar um bocado com Marta. Na verdade, a jovem precisa da atenção de alguém, pois tem se sentido muito só.

20.55 - Portugal Sem Fim
22.05 - Dempsey e Makepeace

20º Episódio: Makepeace vê Dempsey salvar-se de morte certa, quando um criminoso. Crasy Joe, que está a guardar um armazém de produtos roubados, dispara sobre ele e a arma encrava. Perturbada pelo acidente e preocupada com os perigos que Dempsey corre, Makepeace, resolve abandonar a polícia e dedicar-se à leitura inexperiente, é gravemente ferida em acção.

Makepeace, não resiste a voltar para ajudar Dempsey e descobrir que ele também se preocupa, realmente com ela.

Realizaçâo de Michael Brandon e John Hough

23.05 - 24 Horas
23.40 - Remate

RTP2

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...

«Dr. Benvindo Justiça»: chefe do Serviço de Hematologia do Hospital Geral de Stº António do Porto.

17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Simon Show
20.05 - Hitchcock Apresenta

32º Episódio

20.30 - Uma Família às Direitas

Quando Edith convida uma antiga colega de escola para jantar, Archie fica cheio de medo que ela descubra o seu passado.

No 1º canal às 22.05, 0 20º episódio de «Dempsey e Makepeace»

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Cinema Dois

«Daniel Apanha o Comboio»: Budapeste, Dezembro de 1956. No rescaldo da invasão soviética, uma multidão junta-se na principal estação de caminho de ferro da cidade, procurando transporte nos comboios que partem para a fronteira com a Áustria. Daniel não está directamente envolvido nos acontecimentos. É, no entanto, atingido por eles, quando mais não seja porque os pais da namorada, Marianne, se contam entre os milhares de húngaros que estão a deixar o país. Daniel decide juntar-se ao seu amigo Gyuri, também um dos que querem partir. Mas Gyuri tem uma razão forte para o fazer: ele é um soldado cujo pelotão aderiu aos revoltosos...

Intérpretes: Péter Rudolf, Sándor Zsótér, Kati Szerb, Mari Torocsik, Dezso Garas.

Realização: Pál Sándor

Amanhã às 14.16 no 2º canal, «Os Imigrantes»

AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Sumário
10.05 - Música Portuguesa
10.15 - Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
12.00 - Festival Aeronautico
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Brinca Brincando
14.30 - Filme «Camões»
16.45 - Comemorações dos Descobrimentos Portugueses
18.30 - Vamos Jogar no Totobola
18.50 - Show Bis
19.30 - Telejornal
20.15 - Boletim Meteorológico
20.25 - Palavras Cruzadas
21.05 - Lotação Esgotada
23.15 - Mesa Redonda
23.45 - Fogo de Artifício

RTP-2

14.16 - Os Imigrantes
15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
21.20 - Jornal das Nove
21.50 - Montra de Livros
21.55 - Paródia
22.25 - Música na América

ESPECIAL FÉRIAS/87

NO HOTEL DO PARQUE

✧✧✧✧

VIANA DO CASTELO

1972-1987: 15.º ANIVERSÁRIO

No ano do seu 15.º aniversário, o Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou, para si, um programa especial «Férias 87» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre, no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

7 dias — 12 250$00 p. pessoa em quarto duplo nos meses de Junho e Outubro, ou 14 700$00 nos meses de Julho/Setembro. Pequeno suplemento no mês de Agosto e em ocup. single. Peça-nos programa detalhado «Especial Férias 87» por escrito Código Postal (C.P.) 4900 — Através dos telefs. 24151/5 — Telex 32511 ou no seu agente de viagens.

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 Dempsey e Makepeace

RTP2 Cinemadois

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

«Uma Família às Direitas»

PORTE PAGO

DL

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Tecnicos RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção: 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira. 40$00
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

ÚLTIMA HORA

O general António Maria Reymão Nogueira, antigo governador da Guiné e membro da equipa olímpica de equitação, morreu segunda-feira em Lisboa com 77 anos, informou hoje um familiar. Reymão Nogueira, oriundo da arma de Cavalaria, foi comandante da extinta polícia de viação e trânsito, comandante militar da região de Coimbra, director do Colégio Militar, e govermador militar de Lisboa. O funeral sai hoje à tarde para Marco de Canaveses.

"Sud-Express" chocou mas sem feridos

O «Sud Express», procedente de Paris, com destino ao Porto, chocou hoje de madrugada com dois vagões de mercadorias, perto de Cerdeiras, distrito da Guarda.

Um funcionário da CP disse que o acidente ocorreu cerca das 4.00 horas e que não se registaram feridos.

O funcionário disse que o comboio internacional seguia a «baixa velocidade».

O «Sud Express» retomou a marcha cerca das 7.00 horas. Nenhuma das composições descarrilou, acrescentou.

Amarraram as vítimas mas foram presos pela PJ

Dois dias depois da prática do crime de assalto a residência com violência sobre a locatária e sua empregada a Polícia Judiciária deteve os dois assaltantes, dois indivíduos já com cadastro um com 66 e outro com 34 anos de idade e cujas prisões viriam a ser confirmadas pela juíz de Instrução Criminal de Lisboa.

No caso que viria a dar origem às prisões, embora outros lhes possam vir a ser imputados, os assaltantes introduziram-se fraudulentamente numa residência da área do Saldanha em Lisboa e depois de amarrarem e amordaçarem a empregada doméstica fizeram o mesmo à locatária, senhora de 54 anos que entretanto regressara a casa. Fecharam as duas na despensa, após o que se apoderaram de valores avaliados em 200 contos, não conseguindo porém abrir o cofre monobloco.

Incaucionáveis os assassinos do jovem de Sintra

Os autores da morte do jovem Carlos Branco, cujo corpo foi encontrado na serra de Sintra há precisamente uma semana, foram no sábado presentes ao juiz de Instrução Criminal, que confirmou as prisões e as manteve sem admissão de caução.

Como já noticiámos os autores do homicídio foram o pai adoptivo, um estofador, Baltasar de seu nome, e o irmão deste, todos moradores no Bairro de Chelas em Lisboa.

Segundo os indiciados como homicidas, desentendimentos familiares terão estado na origem do crime praticado a tiro, nada menos de três disparos no rosto...

DL

Amanhã, dia 10 de Junho, é feriado nacional, motivo por que se encontram encerrados todos os nosssos serviços e não se publica o «Diário de Lisboa». Voltaremos ao contacto com os nossos leitores na quinta-feira, dia 11.

LOTARIA POPULAR

1º—169485	1000 000$00
2º—593716	250 000$00
3º—279236	150 000$00
4º—548658	100 000$00
Terminação em 485	50 000$00
Terminação em 716	10 000$00
Terminação em 236	2 500$00
Terminação em 658	1 000$00
Terminações em 76, 23 e 11	500$00

Nota— Esta informação não contempla a anulação de prémios nem dispensa a consulta da lista oficial.

DECLARAS

RAUL ALFONSIN promulgou ontem a lei de «Pacificação Nacional», e a que transfere a capital do país para a cidade de Viedma. O Presidente argentino também promolgou, no mesmo dia, a lei do divórcio. Os projectos de lei propostos pelo governo foram aprovados pelo Parlamento Nacional entre 28 de Maio e 5 de Junho.

SOFIA LOREN, actriz italiana, chegou ontem à Jugoslávia para rodar um telefilme para uma cadeia de televisão dos Estados Unidos, baseado numa novela de Mario Puzzo, o autor de «O padrinho». A película, com duas horas de duração, intitula-se «Mãe Lúcia» e conta a história da mãe de Puzzo. Sofia Loren interpreta o papel de «Mãe Lúcia», que chegou a Nova Iorque, proveniente de Itália, no príncipio do século. A rodagem do filme decorre em Pancevo, uma localidade de 50 mil habitantes perto de Belgrado que «faz» de Nova Iorque do início do século.

LUANDINO VIEIRA, secretário-geral da União dos Escritores Angolanos, chega hoje a Lisboa para contactos com editores portugueses, informou à agência Lusa uma fonte da embaixada de Angola em Lisboa. Luandino Vieira, que esteve durante o fim de semana em São Tomé e Príncipe, numa reunião preparatória da criação da Liga dos Escritores dos Cinco Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, programará em Lisboa a edição de obras de escritores angolanos. Durante a sua estada participará igualmente em palestras.

MARIO SOARES aceitou o convite feito pelo presidente da Madeira, Alberto João Jardim, para presidir à comissão de honra do festival «Marca/87». João Jardim deslocou-se a Lisboa com o secretário regional do Turismo e Cultura, João Carlos Abreu, para convidar o Presidente da República para presidente da comissão de honra, que estão agora a formar. Na opinião de João Jardim, o Festival, embora sendo uma iniciativa de carácter cultural, vai ser também uma atracção turística.

PLACIDO DOMINGO, tenor espanhol, cantou em Londres «The Rain in Spain», numa homagem ao falecido letrista de «My Fair lady», Alan Jay Jerner. «Quero que todos compreendam que Alan era um génio, talvez porque ele próprio nunca percebeu que o era», disse a viúva, a actriz e cantora Liz Robertson, que organizou o espectáculo, cuja receita se destina à investigação do cancro pulmonar no hospital londrino Royal Marsden.

FIDEL CASTRO, Presidente cubano, concordou em autorizar a saída do país de mais 348 presos e ex-presos políticos, anunciou a Conferência Católica dos Estados Unidos. o reverendo Nicholas Dimarzio, director executivo dos Serviços de Refugiados e Imigração da Conferência, revelou que Fidel Castro assumiu tal compromisso num encontro entre ambos, a semana passada em Cuba. Dos 348 cubanos, 204 encontravam-se incluídos numa lista de presos políticos, para os quais a Conferência Católica pedia a libertação às autoridades de Havana.

No concelho de Barcelos

Dezoito feridos em confrontos com GNR

Pelo menos 18 manifestantes sofreram ferimentos ligeiros, na sequência dos confrontros com forças da GNR, na localidade de Barqueiros, concelho de Barcelos, disse à Lusa um porta-voz do hospital concelhio.

O port-voz acrescentou ainda que os feridos, todos civis, apresentam «escoriações ligeiras».

Contactada pelo «DL», a GNR de Barcelos informou que foram enviados para o local efectivos de Braga e Guimarães, e até ao momento não têm informações sobre o que se está a passar, porque «o pessoal não está em contacto connosco».

No entanto, e segundo afirmou o presidente da Junta de Freguesia de Barqueiros, a estrada de acesso às duas quintas onde foi autorizada a extração de caulino continua obstruída.

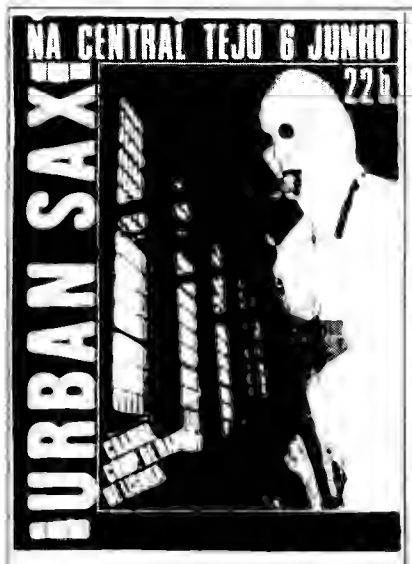
Os recontros começaram cerca das sete horas quando, ao toque de sinos e das sirenes das unidades fabris, a população se concentrou nas ruas e cortou a estrada que conduz ao centro da localidade de Necessidades (freguesia de Barqueiros) para impedir a passagem das máquinas que hoje deveriam iniciar a exploração do caulino.

O perímetro concessionado, com cerca de seis hectares, está localizado próximo da zona urbana da freguesia, razão pela qual a população contesta a exploração, argumentando que a extração provocaria elevada poluição atmosférica e deviaria o curso de água que irriga a zona.

A expropriação dos terrenos foi declarada em 1981 pelo Governo mas, na sequência de um processo empreendido pelos autarcas de Barcelos e da Freguesia de Barqueiros, só agora os tribunais confirmaram a posse por expropriação dos terrenos.

SETE PONTO SETE

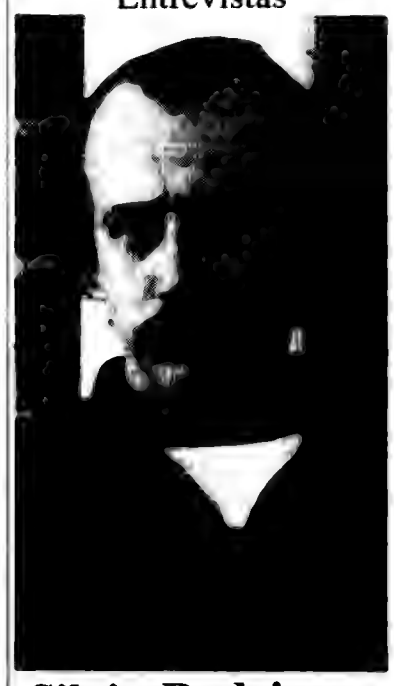
SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIARIO DE LISBOA». SAI AS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.



Urban Sax na Central Tejo

Pág. 8

Entrevistas

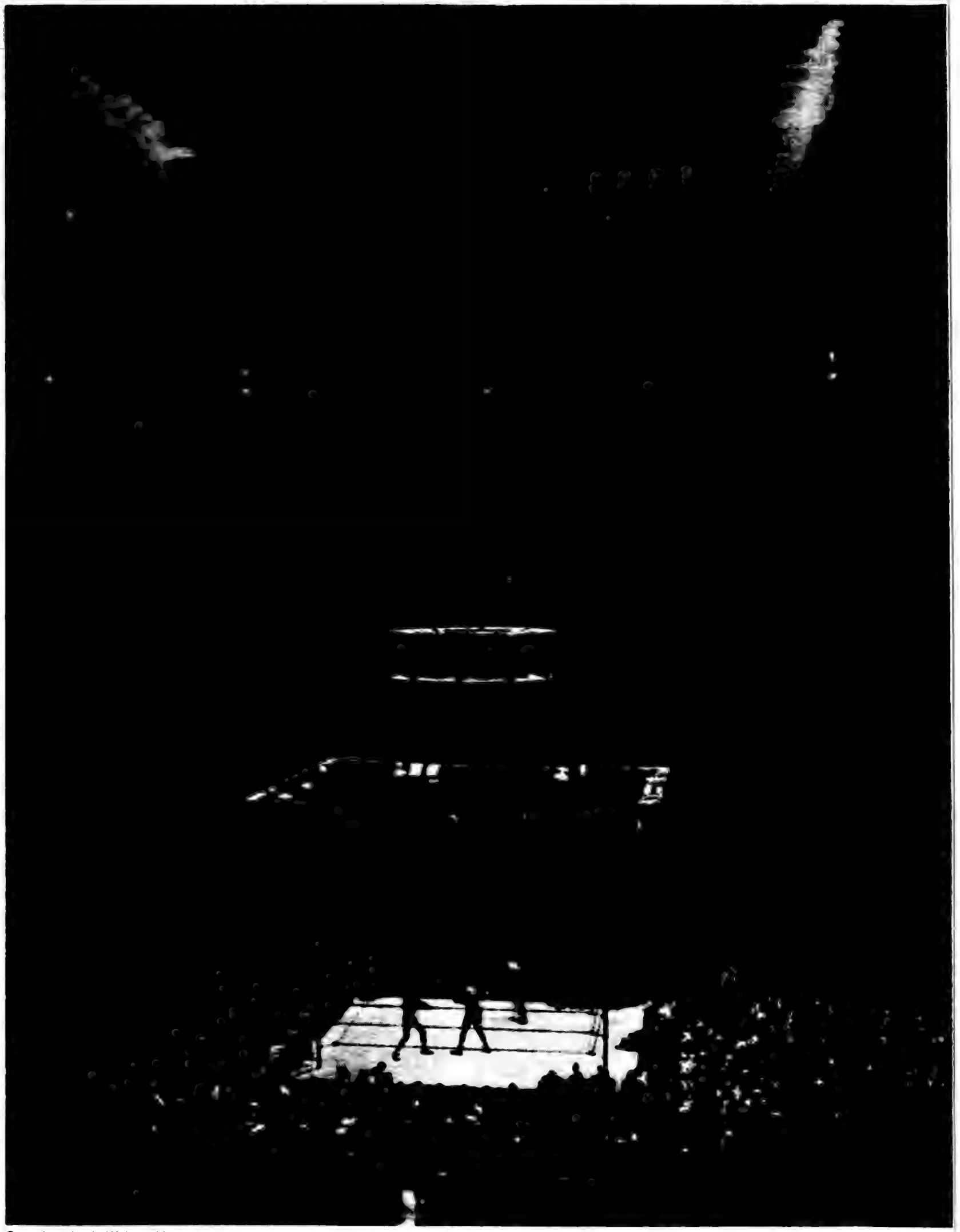


Silvio Rodriguez

Pág. 7

Fernanda Alves

Pag. 6



O combate Louis-Walcott, Madison Square Garden, 1947

O detalhe fotográfico, figuras do espanto

Pag. 4

Monstros XXIV

Chaké Matossian

Emílio e as máscaras

PARA Rousseau, o nascimento da sociedade — no sentido de uma comunidade que manifesta necessariamente os sinais de uma abertura que são a linguagem e o amor não-incestuoso — depende de dois factores. Por um lado, a reflexão, e ainda a acumulação de experiências, ligada ao trabalho da imaginação; por outro, uma qualidade natural no homem mas que nada vale sem a reflexão — a piedade.

Notemos desde já que, se a reflexão consiste em poder pensar o vivido, ela não deixa de apelar para uma conotação espectacular. A abertura tem lugar a partir do momento em que o outro me reflecte, do momento em que eu posso reflectir-me no outro como num espelho. A reflexão esboça-se por dissociação do *eu*, como aquela que Rousseau efectua quando ele se torna em «juiz de Jean-Jacques».

Se os primeiros homens permanecem encerrados no seu universo e no círculo incestuoso, é, antes de mais, porque «não se conhecem a si próprios» (1). *Conhecer-se* significa fazer do *Eu* um *Outro*, confrontarmo-nos com um objecto diferente — e é por aí que se inaugura toda e qualquer reflexão: «A reflexão nasce das ideias comparadas, e é a pluralidade das ideias que leva a compará-las. Aquele que não vê senão um único objecto não tem possibilidade de comparar seja o que for» (1).

A reflexão toma como ponto de partida a reflexão *de si*, em que o reflexo se apresenta como objecto diferente, novo. De resto, Rousseau começava o *Ensaio sobre a origem das línguas* mostrando que a comunicação não pode advir senão sob condição de ser «reconhecida por um outro para um ser que sinta, que pense e seja seu semelhante».

Há, portanto, *re-conhecimento*, o que implica um olhar inicial onde se efectua o conhecimento, olhar em que o outro é percepcionado como o foi essa primeira imagem do *Eu* dissociado de si.

A reflexão, em Rousseau, exige uma aptidão para receber a novidade, visando, em última instância, familiarizar-se com tudo, abarcando o mundo no reconhecimento. A reflexão consiste na maneira de estabelecer relações entre o novo e o familiar, de quebrar o círculo incestuoso de um magro saber que apenas resulta do hábito: «aquele que não vê senão um único objecto não tem possibilidade de comparar seja o que for. E aquele que não vê senão um pequeno número de objectos, sempre os mesmos desde a sua infância, também ainda não os compara, porque o hábito de os ver lhe retira a atenção necessária para os examinar; mas, à medida que um objecto novo nos chama a atenção, queremos conhecê-lo; procuramos relações com ele nos que nos são conhecidos» (1).

Assim, Rousseau aproxima-se, não só de Aristóteles, que nos aconselhava a estudar tudo quanto a natureza nos oferece visto que cada elemento, por mais repugnante que nos pareça, revela a finalidade dessa natureza e, por conseguinte, a sua beleza, mas também de Descartes, que nos convidava a «adquirir o conhecimento de várias coisas, e a exercê-lo na consideração de todas aquelas que podem parecer as mais raras e mais estranhas» (2).

Jean-Jacques Rousseau

Graças à reflexão, os monstros desvanecem-se, acham-se excluídos do mundo, provando assim até que ponto a filosofia de Rousseau visa ainda, de modo muito platónico, sossegar as crianças: «Todas as crianças temem as máscaras. Eu começo por mostrar a Emílio uma máscara de uma figura agradável. A seguir, alguém aplica, diante dele, essa máscara no seu próprio rosto; eu começo a rir, toda a gente ri, e a criança ri como os outros. Pouco a pouco, acostumo-o a máscaras menos agradáveis, e, por fim, a figuras assustadoras. Se consegui graduar bem as sucessivas apresentações, em vez de o assustar com a última máscara, ele rir-se-á como se riu da primeira. Depois disso já não tenho medo de que o assustem com máscaras» (3).

Depois disso, não só Emílio já não se deixará assustar por máscaras, mas também saberá adivinhar o que se esconde por detrás delas, quer dizer, saberá identificar, em toda a falsidade própria do teatro deste mundo decadente, o verdadeiro rosto do homem, distinguindo, em suma, o homem do monstro pervertido por más instituições e camuflado sob a máscara da mundanidade; «Que ele veja que todos os homens trazem mais ou menos a mesma máscara, mas que ele saiba igualmente que há rostos mais belos do que as máscaras que os cobrem» (3).

Notas

1) Ensaio sobre a origem das línguas
2) Descartes, *As paixões da alma*
3) Rousseau, *Emílio*, livros I e IV

A crise em dia

Mãe, isto é melhor que o 25 de Abril

A criança estava informada que esta ia ser uma jornada importante. Que todas as pessoas crescidas iam estar de nariz e olhos colados na televisão. Que a publicidade do Miluvitinho (e do Tintim?) hoje dava mais tarde. Era a família toda reunida, eram os amigos todos juntos, com frangos e cervejas, eram as ruas vazias ao fim da tarde, o metro vazio em hora de ponta, nenhum engarrafamento no Rato...

Enfim: como se tivesse caído uma bomba de neutrões em Portugal inteiro.

Era a grande final da Taça dos Campeões Europeus, e Portugal (Porto era, evidentemente, uma abreviatura da Pátria Amada) estava com fortes hipóteses de arrancar o título. Embora não ligasse muito ao futebol (por enquanto ainda está virada para outras realidades), a criança estava compenetrada da seriedade e importância do desafio. Podemos dizer com orgulho que estava *solidária*.

A emoção

Tal como estivera no mês anterior, quase na mesma data, dia 25, quando fora com os pais à procissão (perdão, à *manifestação*) de milhares de democratas desfilando pela Avenida, em comemoração dos treze anos do 25 de Abril de 1974.

Treze anos... Quase o dobro da idade da criança. Um treze que devia dar sorte.

A manifestação tinha muitos cartazes e bandeiras e papéis e até banda tinha e, como já foi dito, muitas, muitas pessoas. E havia algumas que iam de megafone na mão, a incentivar as outras a gritar em coro palavras de ordem, tais como: «Vinte cinco de Abril sempre», «Fascismo nunca mais», «Viva a democracia», etc.

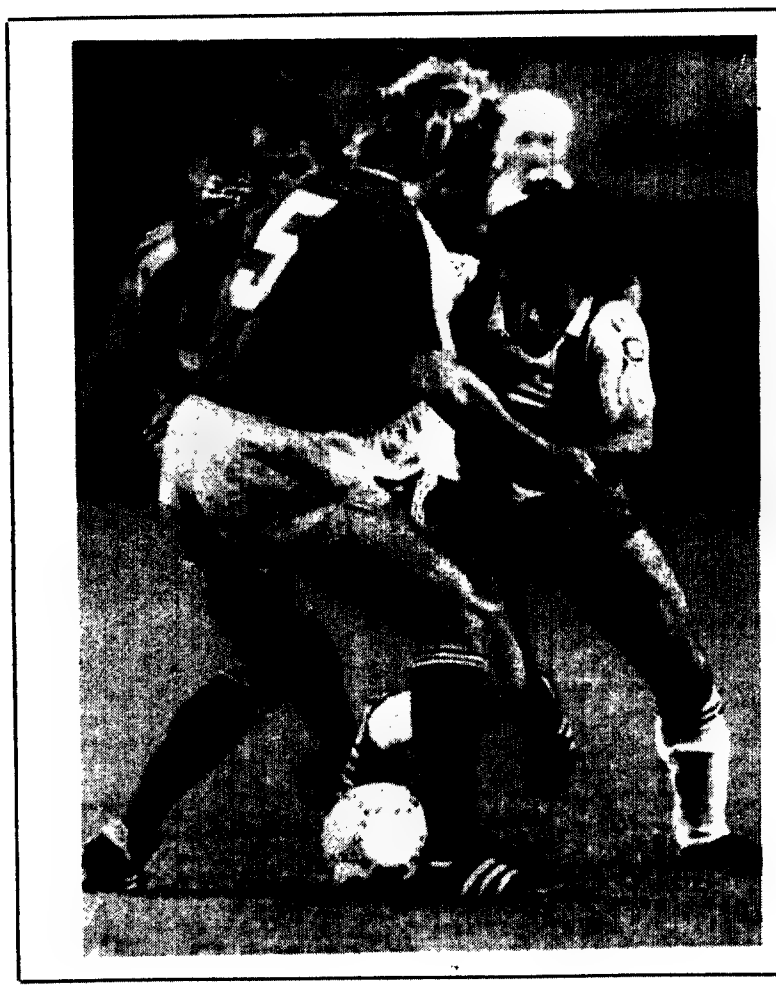
Enfim, o costume.

A convicção das pessoas não era muita, e a vontade de passar o tempo todo a repetir sempre o mesmo refrão ainda mais pouca era, daí que o esforço dos que estavam aos megafones resultasse um pouco patético. E uma coisa a criança sabia, ela, que ainda não sabe muito de nada, nem sequer que nós, crescidotes, também não sabemos tanto por aí além: sabia que aquilo não era uma festa. Nas festas, pelo menos em princípio, as pessoas não estão com cara de enterro.

A criança nasceu em 1980. Ora, em 1980 já o 25 de Abril tinha sido há quase dez anos.

A razão de ser

A primeira parte fez sofrer. A equipa estava a desiludir, a arrogância alemã justificava-se com um golo desenxaibido. Os adultos, enervados, roíam as unhas e encharcavam-se em frango e cerveja, com aquela voracidade insatisfeita que a angústia por vezes dá. Vociferavam a nossa proverbial pouca sorte, que era sempre assim, nunca *concretizávamos*, que o um-a-zero daqueles futebois era o espelho dos nossos fados. Era o tristemente célebre *esteve quase* que, como toves fora zero, dá nada.



É depois, já se sabe, foi o que se sabe: a reviravolta, o milagre, o bailinho, a valsa. Qualquer adjectivo menos forte que «esplenderosa» é fraco para classificar aquela vitória —todas as páginas desportivas o confirmam.

Perante o ecrã de televisão, os crescidos rejubilaram, abraçaram-se, trocaram beijos, gritaram de alegria, pularam, e isto sem que os vizinhos protestassem, pois a emoção era geral. Estava toda a gente possessa de um incontrolável entusiasmo.

Que, naturalmente, contagiou a criança. E também ela quis brincar ao «aquele-abraço». Também ela, a partir do primeiro golo *dos nossos, passou a estar dentro* do jogo, atenta ao efeito do que se passasse no pequeno ecrã suscitasse nos rostos dos adultos, para o poder também partilhar.

E, quando chegou o final da partida, «foi o delírio». Foram todos festejar para a rua. No centro da cidade, os carros buzinavam «GANHÁMOS», grupos de pessoas que não se conheciam cruzavam-se com risos cúmplices transbordando nos olhos ainda incrédulos com o resultado. Era uma festa, uma *autêntica* festa. E foi então que a criança exclamou:

«Ó mãe, isto é melhor que o 25 de Abril.»

P.S.) *Na minha opinião, a criança devia ter levado uma bofetada. Blasfemar é pecado.*

Rui Zink

Conversa com três novos pintores

Já abriu na galeria «Altamira», a exposição «Três Novos Percursos». Antes de mais, quisemos tornar legíveis os começos, que, como diz Gilles Deleuze, são sempre difíceis. Decidimos assim ouvir separadamente estes três pintores: Ilídio Salteiro, Dora Iva Rita e Luís França, em virtude de as suas experiências em pintura não reivindicarem qualquer linhagem, nem consciência grupal de afinidade.

Para Dora Iva Rita «todo o acto criativo é efectivamente interventivo. A aparência das coisas, a fisionomia do mundo, não serão mais do que o testemunho, a manifestação das inter-relações, energéticas que se jogam nos corpos; as formas, a matéria, não passam de sistemas de ordenações possíveis de forças energéticas (É-me possível conceber o oposto-matéria e energia são o mesmo — mas prefiro entender o universo pelo ponto de vista mais subtil)».

A *pintura líquida* de Dora revela um gosto excessivo pela transparência e pela nebulosidade. Ela continua insistindo: «Em mim toda a percepção flutua num âmbito imagético que se torna o filão que se explora e de onde extraio os arquétipos que suportam todo o vocabulário formal e pictórico.»

O fazer da pintura de Luís França é-nos descrito em termos fenomenológicos: «Primeiro na superfície branca surgem linhas, uma estrutura complexa de verticais e horizontais *em conflito,* das quais algumas serão determinantes na evolução do quadro. Outras irão desaparecer com o surgimento da cor, que surge inicialmente violenta, como num dia cinzento em que por momento as nuvens se afastam...e então tudo se transforma. Aos poucos, a cor vai sendo controlada, ajustando o seu valor e peso à complexa relação dos vários elementos do quadro, transformando-se na ressonância do conjunto. É então que a luz ganha a sua força estranha e que tudo se altera e perturba»: Esta *pintura de fogo,* umas vezes excessiva, outras vezes frágil, «toma conta de tudo, sugerindo contornos, espaços, criando atmosferas, sugerindo presenças ou mesmo ausência».

Ilídio Salteiro procura assumir a sua pintura «não como simplesmente figurativa, mas como re-presentativa». Não acredita na destruição do suporte, mas sim no *«edifício»* que com ele se obtém. O suporte — acaba por nos dizer — é «a estrutura e a matéria primeiras». É dentro dos seus limites e potencialidades espaciais que o «todo» adquire forma. «A forma surge, pois, elaborada a partir de ortogonalidades paralelas aos limites da composição.»

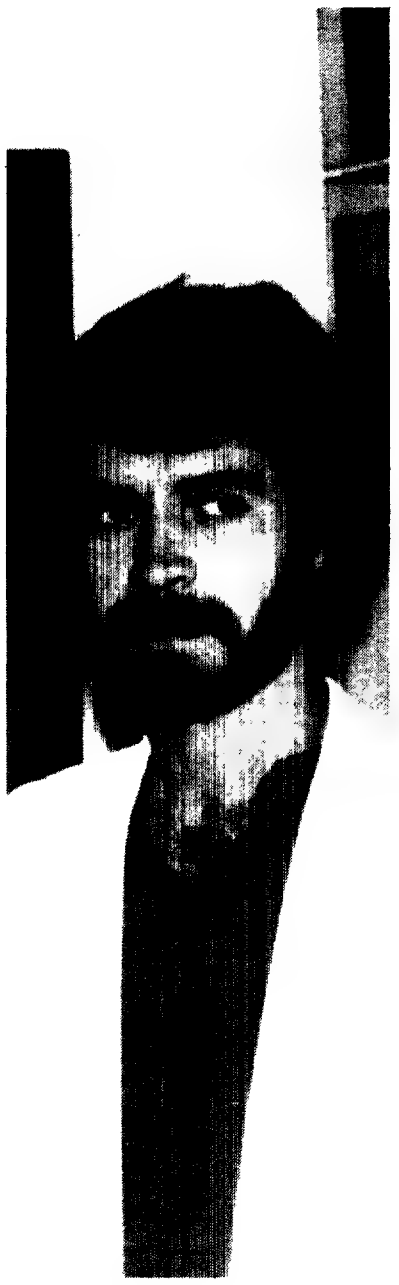
Poderemos intuir, frente aos trabalhos agora expostos e lendo estas *notas explicativas,* quais terão sido os móbiles que impulsionaram estes jovens pintores. Luís França dir-nos-á que o início de um quadro é sempre difícil, porque no princípio é o branco da tela — no qual é necessário começar por colocar alguma coisa, uma linha, uma mancha...O elemento que se colocar irá *despoletar* todo um processo no qual não é menos importante o princípio. Cada quadro é de certo modo um risco, sobretudo quando se trabalha sem projectos ou planos definidos.

Dora olha para a pintura projectando nela uma vontade de transformar o mundo: «a pintura que sobra na tela é mais um testemunho e o acto criativo ultrapassa sempre o suporte. Tanto o pensar, como o sentir, o estar ou o criar são manifestações específicas de energia que se interligam ao todo. Tudo é pretexto para pintar desde que se processe a síntese da relação do princípio com o fim — o que resta é a pintura, a imagem, o objecto estético».

Ilídio Salteiro insiste também na ideia de transformação, encarando a pintura como uma elaboração laboratorial: «o suporte pintado começa por ser laboratório e acaba como mero testemunho de uma vontade ou de um desejo».

Luís França prefere acentuar o modo de aparição visível e orgânico da sua pintura: «no pintor existe uma vontade, um desejo, uma forma que em termos abstractos se vai desenvolvendo, levedando, até viver quase por si própria, necessitando apenas da vontade do pintor para poder existir».

Nestes trabalhos é dada uma importância excessiva à cor — será através da cor e da pincelada que estas pinturas se distanciam e que, assimétrica e esporadicamente, se relacionam entre si.



Luís França

Dora Iva Rita

Ilídio Salteiro

Aguardamos impacientemente o evoluir e as ramificações destes três novos trajectos, para podermos caracterizar sem rodeios a frontalidade que se joga na tela em termos de uma nova picturalidade. O tempo nem sempre joga ao acaso — nesta aventura que requer saber, aplicação e uma *boa dose de loucura* para ultrapassar as críticas sem critério de uma certa crítica instalada, instituída para legiferar, em termos de clube, sobre o que deve ser feito em pintura.

(Galeria Altamira — Três Novos Percursos em Pintura, dias úteis das 10-19h, sábados 10-13h.)

ERO

O sexo das imagens

Um corpo sobre ruínas

OUTRAS vezes, dir-se-ia que é no seu próprio esforço de exteriorização (de despendimento de um *mais* de singularidade ou de incerteza) que o corpo explode/deflagra e evoca esse efeito de devastação (ruína) do exterior (seja este o cenário, o porte ou a Natureza). A ruína é então o resultado de um excesso: de uma potência que se torna destrutiva no contacto consigo mesma ou com o exterior (o cenário: a Natureza).

Exemplo deste efeito de explosão (radial, atómica) da formalização do corpo, encontramo-lo, por exemplo, na fotografia de Helmut Newton — em particular as que ele elaborou para o catálogo de Gianni Versace e que têm vindo a ser publicadas em diversas revistas nos últimos 1/2 anos.

O 1.º aspecto a referir talvez seja o do carácter arruinado, de *detrito(s),* do cenário. Cenários rochosos, de amontoamentos de pedras ou de acessórios (materiais industriais: camiões, carros, peças) cujo carácter heteróclito, surge sempre acentuado. No entanto, se as pedras constituem uma referência ao *inorgânico,* os carros — ou os utensílios —, até porque não utilizados (sem uma função, aqui, que os motive, «humanize» ou *personifique*) readquirem também um estado objectual, mineral, próximo do da pedra: ou seja, estão na fotografia como o projecto de uma possível (ou impossível?) involução que os (re-)conduzisse do humano à pedra, do histórico ao pós-histórico (ou mesmo à negação — «morte» — da História): um processo de involução aqui caracterizado mais como uma *neutralização* do que como uma negatividade já que esse efeito (princípio) de negativização surge aqui despossuído, des-activado. Aqui, com efeito, o equilíbrio é o da *inércia,* da pedra, dada na sua objectualidade.

No entanto, esse cenário (horizonte último, *post mortem,* de referência à pedra) prolonga-se nas próprias figuras (e personagens): contamina o humano através de ou aplicando-lhe form(ul)as de mineralização (p. ex, correntes ou acessórios — por vezes, jóias — metalizados). E contudo, talvez não seja esse ainda o mais importante efeito de *mineralização* do conjunto (da figura). De facto, esse efeito prolonga-se pela *pose* ou na estrutura (na perspectiva estatuária) das figuras: Helmut Newton, nesta série, utiliza muitas vezes quer o *contre-plongé* (a vista aproximada de baixo para cima) quer o *esmagamento* (sem a profundidade do plano: da figura) como pura superfície. Em consequência destes processos, o corpo tem menos um efeito *figural* (ou pictural: i.e., não se ilusiona tridimensionalmente como na perspectiva) do que se avoluma como *escultura,* construção/arquitectura (ou seja, há aqui um efeito *tridimensional,* de facto, ao invés do que sucede na pintura).

Na fotografia de H. Newton o corpo é mais uma *coluna* do que uma pintura. Mas há sempre algo de *formalizado* nessa coluna. Daí esse efeito — segundo, escultórico, da coluna que os adornos ou as roupas (também elas escultóricas), modelando o corpo como um volume, configuram. O corpo, aqui, na sua apetência para a forma, é também *colunata* e não só coluna.

Resta sublinhar o que aqui talvez ainda haja de utopia: a petrificação da forma vivida como via da pura diferencialidade — ou a reificação da forma como o processo que conduz da indiciação da matéria à sua *excentricidade* como modelização (estatuária). O humano (a forma) seria, assim, apenas um momento neste processo — um estado (desvio?) do (in-)orgânico que conduziria do material bruto (o *informal* no sentido em que Wolfflin utiliza este termo para o Barroco) à reificação (e especificação) da forma (a colunata). Daí, também, essa fixação particular da fotografia de H. Newton no motivo do *sapato* (veja-se a sua campanha promocional para Yves Saint-Laurent): com efeito, o sapato, para lá do seu evidente estatuto de metonímia, não só constituiria o animal do orgânico (a pele *sob* a pele que a pele *a mais* des-poleta/revela: o seu estatuto de tropo seria aqui talvez mais o da Metáfora), como também, por detrás deste (do animal: do excesso do orgânico), sobre-codificando-o e reificando-o, sublinharia a sua incidência *objectual* última (e agora temos uma Catacrese: ou seja, por detrás da pata, estaria sempre prestes a tornar-se visível/sensível o casco).

Walter Benjamim, a propósito de Baudelaire — esse outro fetichista — chamou a atenção para essa *utopia do inorgânico* (própria dos sistemas obstruídos — i.e., em perda de *aura,* crise, declínio): «comparada com o inorgânico, a aptidão do orgânico para se poder tornar um instrumento é muito mais limitada» («Le Paris du Sécond Empire chez Baudelaire», in *Baudelaire, un poète lyrique à l'apogée du Capitalisme,* Payot).

Falta talvez ver esta *negatividade* menos como uma «queda» do que como um novo possível princípio: e deste ponto de vista a referência ao inorgânico constituiria menos uma degenerescência do que a possibilidade de (re-)integração num tempo único em que a fugacidade se reassume (se consolida: reifica: fixa) nesse estatuto (ao mesmo tempo incidente, póstumo e futuro) de material erodido e de detrito. Fim das mitologias essencialistas, princípio de uma *arte bruta* (?!), cuja brutalidade faz corpo com o próprio destino do objecto: à partida impossível: *ruína.*

Fernando Guerreiro

Fotografia 17 – Figuras do Espanto

Do detalhe

A exploração por nós encetada dos fundamentos nocionais da categoria do detalhe — nomeadamente através de uma despistagem muito elementar das suas implicações e complicações etimológicas permitiu-nos observar diversas acepções arcaicas em que o detalhe nos apareceu como o resultado de uma *operação de talhe*. Corte, no entanto, em que as partes separadas do todo não deixavam de conservar uma integridade certa: e por isto não entendemos nós decerto, uma integridade que se preserva em todos os aspectos mais a persistência do que é recortado como objecto dotado de sentido no interior de complexos de práticas e de procedimentos dos quais, precisamente, é constitutiva a operação do corte. A tal ponto que é apenas pela pressuposição de uma integridade que permanece, para além do corte, naquilo que se divide que se pode conceber para o dividido uma utilidade e uma utensilidade possíveis, mas também determiná-lo através de operações de medição ou pela fixação de um preço.

Ora, tanto a medição como a avaliação mercantil operam a determinação de um objecto ou objectos segundo séries ordenadas de unidades discretas, passíveis de serem adicionadas até ao infinito: assim, medir e apreçar é já, num certo sentido, enumerar. E essas enumerações recortam primeiro para poderem reconstituir depois.

A venda a detalhe reúne singularmente estes dois domínios de operações ao exigir da exactidão da medição que ela seja o garante da eficácia cumulativa da avaliação, preservando a integridade mensurável do bem que se detalha até ao ponto de permitir a sua reconstituição conjecturada a cada momento da venda e, no mesmo movimento a verificação dos resultados desta última. Reconstituição e verificação que implicam necessariamente, e esse traço é aqui determinante, a constância de um registo em que se enumeram os detalhes e se adicionam as parcelas que a cada momento constituem os resultados da venda. Não seria portante exagerado dizer que a convocação dos termos détail e détailler para o interior de um horizonte de empregos mercantis — com a correspondente constituição / delimitação das operações de venda a retalho como novo designatum dos signos em questão-implicava já para esses termos um deslize dos seus sentidos que veio a revelar-se pesado de consequências para o estatuto moderno de detalhe: deslize, aliás, que desde cedo veio a fazer-se cumprir por uma associação cada vez mais explícita das operações de talhe ao procedimento rigoroso de uma enumeração que tendeu a confundir-se progressivamente com uma descrição que se pretendia tão extensa quanto exacta. Do detalhe, pode ler-se o seguinte na Encyclopédie: ele é uma *«enumeração extensa,* ou das circunstâncias de uma acção, ou das formas de um corpo, ou mais geralmente das parte de um todo qualquer» (1), Se, ao abordarmos esta explicação decerto muito geral (2), não tivermos em consideração os modos pelos quais ela está ainda no prolongamento de toda uma linhagem de sentidos arcaicos, forçadas e transformarem-se pelo atrito com um exterior que é da ordem do não-linguístico, é bem provável que a categoria do detalhe venha a aparecer-nos como o resultados irreconhecível de uma torção moderna do sentido...

De certo modo, a própria Encyclopédie corrobora explicitamente aquilo que de outra maneira poderia aparecer como o nosso delírio; e para nos apercebermos disso, deveremos recorrer agora a uma sinonímia que aí se afirma entre «détail» (entendido no seu sentido de enumeração exaustiva) e «devis», vocábulo de uso então corrente na arquitectura e construção naval. Ambas as explicações que se encontram na referida obra desenvolvem exemplarmente as associações de sentidos que temos vindo a explorar, nomeadamente no que respeita às suas genealogias mercantis. *«Devis»,* em arquitectura, é uma relação geral das quantidades, qualidades e maneiras de um edifício, feita em desenhos cotados e explicados em detalhe, com preços no final para cada artigo e espécie de obra por toesa ou por tarefa, a partir do qual o empreiteiro negocia com o proprietário e convém na execução da obra mediante uma certa soma; é por isso que quando essa obra está feita se examina para ver se ela está conforme ao devis, antes de se satisfazer o seu pagamento» (3). Vê-se bem aqui como é que o detalhe — faire le détail, fazer uma enumeração exaustiva — pôde vir a assimilar-se cada vez mais a uma descrição minuciosa sem fugir em nada a um emprego estritamente comercial: a prática orçamental que então constituía o *devis* aparece-nos aqui como um nó em que os sentidos mais arcaicos do detalhe ainda encontram nos seus prolongamentos modernos uma *continuidade específica* e que demonstram, nessa espécie de hesitação dos empregos, o carácter titubeante do encaminhamento do detalhe para a generalidade.

Teríamos podido referir aqui — restituir — a explicação concernente aos empregos navais desse orçamento detalhado que constituía a prática do devis. Mas não se trata para nós aqui, evidentemente, de restituir a «Encyclopédie en détail» mas, principalmente, de tentar contribuir para a inteligibilidade do papel determinante que o passado mercantil do detalhe pôde desempenhar no cumprimento daquilo a que poderíamos chamar uma sua *vocação categórica.*

Notas

(1) Encyclopédie, procurar «détail», explicação geral.

(2) Na verdade, o «turning point» da modernidade do detalhe — do seu estatuto moderno, para sermos mais precisos — parece-nos situar-se não só no seu aceder à ceneralidade categórica, mas também à sua aceitação como *verdade de método.*

(3) Encyclopédie, procurar «Détail (architecture)» e «Détail» (marine).

Pedro Miguel Frade

Vendedor de rua em Harlem (N.Y. USA). Andreas Feininger, 1940

Na quinta-feira

LER ESCREVER

O glasnost soviético contado pela imprensa local

«Como são exigentes, deviam viver no campo»

«Como são exigentes, deviam viver no campo», comentava a mãe de G.Gladkova ao saber das críticas à saúde pública enviadas à redacção do «Izvestia» e algumas delas transcritas durante três dias numa coluna intitulada «No Hospital». A filha, engenheira, residente em Moscovo, escreveu por sua vez a contar o caso dos seus pais e insurgindo–se contra as opiniões negativas, na sua opinião, excessivas e incorrectas.«Em muitas cartas», explicava a redacção do diário soviético, «contam–nos sobre os defeitos na organização do sistema de saúde e duvida–se da qualificação de alguns médicos».

Muitas delas, como a própria redacção reconhece, abordam pequenas questões, da relação entre o paciente e o médico, com o sabor da queixa que se faz por ter sido mal atendido. Queixumes que se integram nesta altura sem dificuldades na leva de «críticas» que, talvez por estarem muito tempo retidas, aparecem agora de enxurrada.

Outras cartas foram mais longe, pondo em causa a organização das policlínicas e as entidades que a dirigem, tendo sido entregues «com recomendações, ao Ministério da Saúde da URSS». Todas elas têm lugar, «a favor e contra» como se escreve no ante–título da coluna.

«As minhas impressões sobre os médicos são positivas», escreve G.Gladkova na sua carta de protesto, «Os meus pais viveram no campo, ao pé de Cerpukov. Quando o meu pai adoeceu, trouxe-o para a minha casa. O médico foi lá a casa e a ambulância levou-o para o hospital. Curaram–no com muitas atenções e cuidados. A minha mãe que sofre de guipertónea, os médicos receitaram–lhe uma cura acertada e aconselharam–na como aliviar as dores que sentia. Tudo com muita calma, com sorrisos. Por isso, para mim a questão não se coloca sobre a moral doente do sector médico. Os médicos só nos dizem: ´Não tenham vergonha, chamem–nos quando se sentiram mal´. Nós gostamos de ralhar, de criticar, e isso não está bem, isso está mal. A minha mãe, ouvindo esta crítica diz: ´Como são exigentes, deviam viver no campo´».

O ponto de vista da mãe de G.Gladkova levanta, sem que ela se apercebesse, outras questões que preocupam outras pessoas. Num artigo não assinado do «Izvestia», a redacção fala da existência de «uma gigantesca diferença no atendimento entre o doente normal e o doente dos ministérios», expressão usada para designar aquele que vive nas cidades.

Contudo, o atendimento não é apenas criticado nos serviços do meio rural. Um cidadão de Ódessa queixava–se nessa página da desorganização das policlínicas e de ausência de um serviço de urgências. «Mal, muito mal nos tratam», diz Trutumenko que a seguir conta a sua história.

«Há pouco tempo, arrastei–me de bengala até à policlínica, depois de ter tido uma crise na perna. Mas como o cirurgião não recebe sem o talão comprado de véspera, alguém me sugeriu que pedisse um médico para vir a casa. O médico veio e, logo que eu lhe contei o que se passava, disse–me: ´Então se esteve na policlínica porque é que me chateia?´ Estive quase para lhe bater, mas o pé doía–me muito... O doente tem de ser recebido quando se sente mal. Como é possível saber quando lhe doe qualquer coisa...?»

Faltam especialistas

As ofensas nem sempre são directas. Pode também surgir pela sensação de impotência, pelo desinteresse de quem trabalha nos estabelecimentos hospitalares, ou simplesmente pelo seu mau funcionamento. Um «veterano da guerra» escreve a dizer que se sentiu ofendido quando se dirigiu à policlínica e ninguém estava lá para o atender. «Quando cheguei para a inscrição não estava ninguém no ´guichet´ dos ´veteranos de guerra´. Esperei cinco minutos. Dez, vinte. Noutro ´guichet´ raparigas com bata branca estavam alegremente na conversa e nem perguntaram se precisava de alguma coisa. Comecei a indignar–me. Então uma das jovens aproximou–se para me dar o talão para o médico. Naquela policlínica não há médico oftalmologista. E há muito tempo que não há médico desta especialidade na policlínica da zona central que abrange cem mil pessoas. Depois da consulta, vendo que o médico não tinha nenhum interesse por mim, perdi a vontade de pedir conselho a qualquer médico».

Os comentários dos leitores, por vezes, incidem também sobre a falta de qualificação dos médicos que se encontram à frente das policlínicas e em contacto com os doentes que os procuram. P.Zimazi, da cidade de Harkov, conta a história da sua mulher, não sem uma ponta de ironia.

«A minha mulhar adoeceu e o médico terapeuta viu que ela tinha uma arritmia. Quando a ambulância a levou para o hospital ela tinha realmente pedras na bexiga. O médico terapeuta telefonou–me depois a perguntar qual tinha sido o diagnóstico que lhe haviam feito». E continua, mais sério: «Como é que o médico da urgência pode fazer um diagnóstico se ele aparece junto do doente sem termómetro, sem material de medição de tensão, etc, explicando que não existe na policlínica?».

A mesma questão é referida na carta de um antigo comandante dos tanques T-34. «No tempo da guerra estive três vezes ferido. Andei de hospital para hospital durante muito tempo e posso afirmar que, se então se curassem feridos e doentes como se curam agora, os sobreviventes teriam sido menos que os actuais. Comprovei por amarga experiência que os comprimidos são receitados mecanicamente sem atender à história médica do doente».

Os registos médicos dos doentes, como conta outro leitor do «Izvestia», são arquivados em grandes armários nos hospitais, acumulando–se em número cada vez maior, por cada dia que passa.

Tudo para relatórios

Da capital da República do Uzbequistão, Simonov escreve a protestar contra a maneira como os serviços médicos estão organizados, sem oferecer qualquer vantagem às pessoas. «Não há ajuda nenhuma. E apenas uma perda de tempo. ´Micro´ para o trabalho, ´micro´ para o dispensário, ao ponto a que chegámos! Sem a micro não podemos receber nenhum atestado. E tudo para os relatórios e nada para as pessoas».

«E utopia curar como dizem na revista ´Cardiologia´», escreveu, por sua vez uma cardiologista de Habarovsk que exerce essa especialidade há 20 anos. «Não temos medicamentos, investiga–se, descobrem–se novos processos, mas nós não podemos utilizá–los porque não temos equipamento técnico. E o que se faz com o tradicional equipamento? Os velhos instrumentos estão partidos. Os novos depressa ´saem´... da circulação e não há peças novas para substituir as que se estragam. E, além disso, que hei–de fazer com estas normas quando elas têm quarenta anos?».

Estas questões levantam outras, nomeadamente para onde vão os recursos destinados à saúde. A pergunta que um leitor de Kiev fez não respeita ao Orçamento do Estado da URSS, mas sim às verbas obtidas num dos sábados de trabalho voluntário conhecidos pelo nome de «subotnik». «Há já oito anos», escreve Nekrassov, «que não se encontra dinheiro para a construção da policlinícа da nova zona, quando ele poderia ser facilmente obtido. Essa quantia foi ganha num ´subotnik´ e deveria, na minha opinião, ser utilizada nas profiláticos e da ausência de fiscali necessidades de saúde e no local onde ele foi ganho, para que as pessoas ficassem satisfeitas com o que trabalharam».

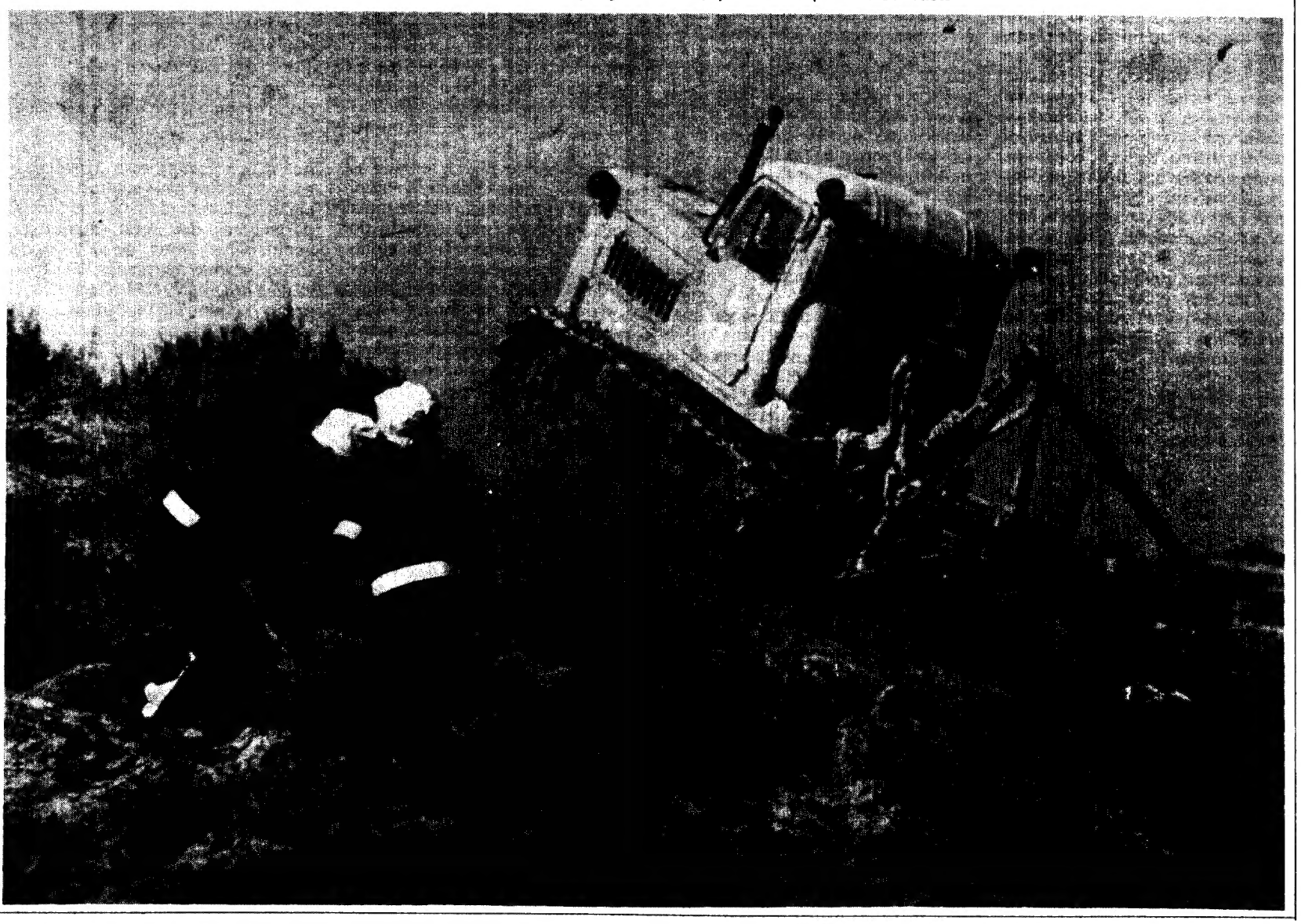
As opiniões dos leitores, por vezes, são mais duras e mais genéricas. Uma leitora de Moscovo não critica o pessoal auxiliar de algum estabelecimento hospitar. O seu comentário volta–se antes para a ausência de eficácia dos serviços zaçao da actividade do pessoal abrangido pelo Ministério da Saúde.

«Os dispensários tornaram–se coisa ´para inglês ver´ e os doentes percebem isso», escreve A. Jorlablova, quase em tom de síntese de todos os comentários transcritos pelo jornal do Conselho de Deputados. «Os doentes não vão à policlinícа e os médicos telefonam para casa dos doentes ou escrevem na ficha que as visitas se efectuaram. Assim se constroi a torre babilónica da saúde ideal».

E a leitora continua: «quais inspecções anuais, quais serviços profilácticos quando são necessários mais pessoas e não as há? Por acaso a nossa saúde está preparada para atingir este objectivo? Arranjar um médico para um doente já é difícil, quanto mais para uma pessoa de saúde. Não chegam os otorrinos, os oftalmologistas, os neurologistas».

E a coluna de opiniões termina com a sua última frase: «Se pensarmos a sério na reestruturação da saúde, então é necessário começar com o ´aparatchik´ de todos os ministérios da Saúde».

João Almeida



Retratos no Teatro

Fernanda Alves

Por Manuel Cintra

Uma voz áspera e simpática, cigarro após cigarro. Uma aparente calma, de quem vai falar daquilo que melhor conhece, daquilo que melhor entendeu: ser actriz rodeada pelos outros, com os outros. Muito aparente, a calma. É uma mulher inquieta. Insatisfeita. Faria talvez coisas tão diferentes que pode ser só ideia, por concretizar, guardada assim como quem acha que há sempre coisas por fazer. Acontecerão um dia. Se não for a nós próprios, a outros. Porque os outros são a continuação de nós. Temos sido a continuação deles. Esta mulher fica-me como um troço de uma corrente que fosse a paixão pelo teatro. De um metal indestrutível. Capaz, por isso, de nunca quebrar.

A pedido da pessoa entrevistada na semana passada, a actriz Suzana Borges, venho esclarecer os seguintes pontos, que não estariam expostos com suficiente clareza, podendo portanto prestar-se a indesejáveis confusões: em primeiro lugar, aquela actriz não trabalha num banco, como se poderia deduzir do cabeçalho do artigo; apenas ia ao banco, mas para depositar ou levantar dinheiro. Aliás, é seu desejo que fique bem claro que de há alguns anos para cá não aceita nenhum outro trabalho que não seja o de actriz, e isto por opção, por ter decidido escolher definitivamente essa profissão. Demarca-se, aliás, da atitude «miserabilista» de alguns actores portugueses que, sendo um facto essa profissão ser bastante dura no nosso país, a assumem como uma desgraça, colocando-se muitas vezes na atitude de quem, ao ter um trabalho, o recebe como uma oportunidade, um privilégio, enfim, quase uma esmola. É opinião de Suzana Borges que, pelo contrário, as oportunidades se constroem, as iniciativas se tomam e que um actor deve ter, sempre que possível, os trabalhos pelos quais optou. Tendo o meu texto sido nestes pontos um tanto ambíguo, aqui fica o esclarecimento.

Mas voltemos a Fernanda Alves. Referi eu nesse mesmo texto, na semana passada, que deparei em relação a certas pessoas, no início destas entrevistas, com um certo desencanto. Supondo que seria a idade, a rodagem e os anos de experiência a trazer ou não esse desencanto, propunha-me tirar isso a limpo esta semana, entrevistando precisamente alguém que como a Fernanda Alves tivesse já bastante experiência. Pois bem: quanto a desencanto, parece ter passado por ali, mas como uma coisa natural, uma pergunta que se faz mais tarde ou mais cedo à vida, para, depois, neste caso, a mandar passear para bem longe. Desencanto é coisa que eu não sinto, neste momento, nesta mulher: e correu praticamente tudo quanto é companhia independente no nosso País, de Lisboa ao Porto. Nunca satisfeita, queria sempre mudar. Inquieta, talvez até frenética, tantos anos de teatro pouco a alteraram nesse aspecto. Diz-me que, quando muito, estará agora um pouco mais calma, um pouco mais sossegada. Trabalhando no Teatro Nacional D. Maria II desde a sua reabertura, não quer tudo isto dizer que se tenha instalado numa situação, gostando dela ou a ela se resignando. Por um lado, gosta da casa onde trabalha, acha que as boas condições de trabalho que ali se vivem estão desaproveitadas, como aliás o estão a maior parte dos seus colegas actores e actrizes, elenco em que acredita e que, se fosse bem dirigido, por bons encenadores, viria obrigatoriamente a dar bons resultados. Recorda, a propósito, a passagem de Ricardo Pais pelo Teatro Nacional, com o seu Anatol de Schnitzler, espectáculo em que muito gostou de participar. Sente-se, por isso mesmo, na maior parte dos casos, desaproveitada. Acreditando nas suas potencialidades e na sua experiência, gostaria, como muitos dos seus colegas, de as ver em funcionamento, pois para um actor, como para um médico ou para um engenheiro, saber não basta: é essencial praticar, manter-se em forma. Pois o funcionamento e escolha dos elencos deste Teatro Nacional funciona de tal modo que chegou a estar durante dois anos sem trabalho, ganhando o seu ordenado, sendo actriz, e sem nada poder fazer para que isso fosse concretizado. Diga-se que esta insatisfação é geral. Praticamente todos os actores daquela companhia com quem tenho falado partilham desta insatisfação, queixando-se igualmente, tal como a Fernanda, de um estatuto errado, há longos anos menosprezado. Certo tipo de categorias técnicas vai sendo mais tido em conta e melhor considerado, tal é a falta de noção que reina pela real importância dos actores naquele teatro.

Pergunto-lhe pela infância. Conta-me que tudo começou graças ao seu pai, tipógrafo, e que tinha uma grande paixão pelo espectáculo, onde a levava desde muito miúda. Havia, naquele tempo, grande actividade no Coliseu de Lisboa, onde se apresentavam temporadas de ópera, de opereta e de zarzuela, e o pai costumava levá-la sempre a ver esses espectáculos. Sempre adorou aquele mundo de música, luzes e magia.

Viria a acontecer-lhe algo de determinante, ainda muito nova, com os seus nove anos: um amigo levou-a a cantar na Rádio, na emissão do PAPAGAIO, onde a sua voz muito agradou, tendo aí trabalhado regularmente até aos 14, 15 anos. Nessa idade, dados os maus resultados na escola, onde decididamente nada corria bem, o pai forçou-a a interromper a sua actividade de cançonetista. Havia de a retomar às escondidas, para participar num concurso onde, aliás, obteve uma menção honrosa, para encanto do próprio pai. Essa experiência, como cantora, durante a qual teve muitas oportunidades de actuar em público, viria a trazer-lhe grandes vantagens para o futuro. De facto, quando mais tarde ingressou no Conservatório Nacional, abandonando definitivamente os estudos, tinha, ao contrário de alguns colegas, um certo à-vontade, uma certa noção daquilo que é estar em público, entrar e sair de cena, etc. Seguiu, pois, o curso do Conservatório, que durava nessa época três anos. Achou-o um pouco duro, mas gostou: manteve-se, até ao fim do curso, certa de que tinha encontrado a sua verdadeira profissão. Desde o primeiro ano que já era profissional, tendo sido contratada pelo TEATRO DE GERIFALTO, essa companhia que tantos anos produziu espectáculos para crianças a um ritmo aceleradíssimo, mostrando sempre uma série de peças por ano, num reportório de teatro tradicional infantil que deu, como à Fernanda Alves, uma excelente rodagem a todos os que por ele passaram. Diz-me não haver bichinho que não lhe tenha acontecido incarnar, desde louva-a-deus a coelhinho e canário, experiência através da qual diz ter adquirido uma grande elasticidade. Diga-se ainda que o seu primeiro público foi o público infantil e, portanto, o mais difícil de conquistar, o mais sincero, mais severo e mais implacável de todos. Quando uma criança não gosta, não gosta, e nada há a fazer para a levar a gostar.

Quando terminou o Conservatório, e estando a trabalhar no Teatro de Gerifalto, foi trabalhar para a companhia que então formou o italiano Gino Savioti, essa já dedicada a espectáculos para adultos. Desde então, foi uma roda viva com tantos pormenores que seria impossível enumerá-los todos neste espaço. Refira-se, em particular, a experiência do grupo «Os Bonecreiros», grupo do qual foi fundadora e que aliás viria a dar origem, quando em dada altura se dividiu, à ainda hoje existente «Comuna». Desse grupo, e da sua primeira fase, parece guardar grandes recordações. Refere-se a este projecto como quem fala talvez do espaço onde mais se encontrou: todo o espaço. O projecto consistia em itinerar, levando o teatro aos locais onde ele normalmente não existia. E assim foi durante alguns anos, com óptimos resultados. Não a nível monetário, antes pelo contrário. Era uma luta muito dura, como sempre é a itinerância, mais a mais num País como o nosso em que esse tipo de prática se tinha perdido. Montar e desmontar, chamar o público, dar-lhe todo o entusiasmo possível naquele momento efémero em que o pouco tempo chega ou não para o conquistar, e depois seguir caminho, é sempre uma luta dura. Mas não se arrepende de um só instante. Essa luta era talvez a que mais condizia consigo própria, ou não falaria dela com tanto entusiasmo.

No entanto, esta mulher é cheia de surpresas: quando lhe pergunto se há uma experiência que lhe tenha deixado um sabor especial, algo que lhe tenha dado especial prazer fazer, ainda que não fosse muito importante a nível de realização profissional, refere-me um espectáculo, que muito ficu a lamentar ter sido tão episódico e acompanhando um período de carnaval: trata-se de «As Tetas do Tirésias», de Appolinaire, que Couto Viana, director do Teatro de Gerifalto, resolveu montar no Teatro da Trindade, onde tinha paralelamente uma outra companhia, de actores «muito mais finos». Tão finos que, na altura, se recusaram na sua maior parte a entrar na peça, ainda hoje, talvez, bastante escandalosa para grande maioria do público. Lembra-se como excepções de Carlos Wallenstein e de Augusto Figueiredo, a quem a peça muito agradou. Mas como muitos actores se recusaram a fazê-la, foi preciso ir buscá-los precisamente ao elenco do Teatro de Gerifalto, onde outros, como ela, aceitaram o desafio. É estranho, como as coisas às vezes surgem contraditórias. Surgiu-lhe, montada um pouco à pressa, com temporada muito curta, uma das peças em que mais gostou de participar não porque tenha tido a oportunidade de fazer um grande brilharete, não, mas porque, simplesmente, gostava e gosta daquele texto, centrado de um modo algo peculiar no tema da emancipação da mulher. E no entanto, não só não acha que tenha ido muito longe no seu papel, como talvez fosse hoje a altura de o tornar a fazer, e muito melhor.

Mas hoje é outra altura. Nada lhe parece desanimador. O facto de estar mais sossegada, como ela diz, ou seja, de ter entrado para o Teatro Nacional e não andar, como dantes, insatisfeita, saltando de companhia em companhia à procura de novas respostas, nada parou. Neste momento, por exemplo, e paralelamente à sua actividade no seio da companhia, está a dirigir o grupo amador «Proscénio», no seu próximo espectáculo, o que muito a está a entusiasmar. Não é, aliás, a primeira vez que dirige um grupo amador, e essa é uma actividade que lhe tem trazido grandes trocas e alegrias.

Diz-me que quanto aos mais jovens, ou aos projectos que estão por surgir, há sempre hipótese de isso acontecer amanhã, ou depois, e novas e aliciantes experiências lhe surgirem, como a todos os que neste momento, mais ou menos activos, lutam pela vida do teatro em Portugal. Quanto a morrer, parece impossível que tal um dia aconteça ao teatro. Eu também acho. Se às vezes parece moribundo é apenas, para com mais contraste, tornar a surgir. Afinal, não há desalento obrigatoriamente em nenhuma camada de actores. O desalento passa. Ficam as experiências. E esta parece-me cheia de ensinamentos. Nada de especial: ensinamentos. Continuar, sempre, achando que o melhor está para vir. E que se não estiver, então é porque já chegou. E se já chegou, então é altura de lhe abrir os braços, e de o acolher com toda a força. Obrigado, Fernanda.

Silvio Rodriguez em breve em Portugal

«Encontrámos uma forma de cantar a revolução»

Foto Ribeiro Cardoso

Que levante la mano la guitarra

Silvio Rodriguez, esse monstro sagrado da canção cubana e latino-americana, virá este ano finalmente a Portugal. Se nada de imprevisto acontecer, claro, pois já por mais de uma vez esteve para nos visitar e à última hora foi o que se sabe.

Não são conhecidos ainda pormenores do que vai ser a estadia entre nós de Silvio Rodriguez, verdadeiro embaixador da Nova Trova, nome grande em toda a América do Sul e Caraíbas, bem como aqui na vizinha Espanha.

Sabe-se, contudo, que vai ser um êxito enorme — apesar de Silvio, por razões de difícil compreensão, ainda não ser suficientemente conhecido no nosso país.

Há meses atrás, em Havana, tive uma longa conversa com Silvio Rodriguez, que me falou do Zeca Afonso com uma ternura e admiração sem limites. De Portugal, conhecia também os nomes e a música do Sérgio Godinho, do Luís Cília e do Carlos do Carmo. E ao longo do diálogo que em sua casa fomos saboreando enquanto bebíamos café, lembrou também «a fabulosa música brasileira, o Chico Buarque, a Nara Leão, o Milton do Nascimento».

Silvio tem participado em incontáveis programas de rádio e televisão por esse mundo fora — mas como nos confessou, o que mais lhe agrada é o contacto directo com o público, em recitais, ao vivo. Nos mais de vinte países onde já actuou, centenas de milhares de pessoas o ouviram em fábricas, escolas, grandes teatros e cinemas, estádios e até praças de touros. Sempre a abarrotar.

Com simplicidade, falando, quase num sussurro, Silvio acrescentou a propósito «un hombre armado con su guitarra reparte y comparte sus penas y sus alegrias, sus palabras, y su musica. Es bueno».

Porque é que canta? Silvio sorri perante a pergunta. Bebe mais um gole do saboroso café que ele próprio preparou. Fala do prazer que sente quando dedilha a sua guitarra e lembra então que hoje tanto se canta para adormecer como para despertar o homem. E de rajada, faz ele próprio uma pergunta, com ar sério:

«Porque cantarei eu? Qual é a tua opinião?»

E sem dar tempo a que responda, avança:

«Canto por gozo e por consciência. Isto é: gozo cantando aquilo que invento. Além disso parece-me que vale a pena cantar para as pessoas algumas das coisas que me ocorrem. Mas sou um homem com uma visão própria do mundo, um homem que tomou partido. E disto resulta que convido todos a juntarem-se ao meu bando, que é o bando da revolução e da beleza».

Estilos

De muitas coisas se falou nessa tarde quente de Havana. Por exemplo, do modo como Silvio inventava as suas músicas. Se de repente, se lentamente. Se precisava de ambientes especiais ou criava em qualquer lugar. Remetendo-me para uma entrevista que tempos antes tinha dado a jornalistas seus amigos e estava recolhida no livro «Silvio: que levante a mano la guitarra», adiantou:

«Não tenho método fixo para compor. O mais usual é que o faça a partir do que a guitarra me aconselha. Por vezes tomo notas — tanto musicais como literárias — e depois desenvolvo-as. Uso bastante o gravador, tenho um «stock» de temas musicais. E isso tem-me permitido de quando em vez fazer uma canção com música que aí vou buscar». Mas Silvio não ficou por aqui. Depois de uma breve interrupção, avançou:

«A verdade é que o facto de eu estar quase sempre a andar de um lado para outro tem-me obrigado a compor em qualquer parte e em qualquer circunstância. Já o fiz em quartos de hotel, em distintas cidades do mundo; já o fiz na tropa, rodeado de espingardas e granadas; já o fiz num camarote de um barco de pesca; há muitos anos, quando vivia com mais família, fechava-me na casa de banho e compunha sentado na sanita... Mas é evidente que prefiro compor em minha casa, no meu espaço próprio, especialmente quando estou cá...»

Sílvio Rodrigues não sabe exactamente em quantos países cantou. Limitou-se a dizer que, integrado no movimento Nova Trova — internacionalmente muito identificado com a revolução — andou seguramente por mais de vinte nações («talvez muitas mais»), com relevo para as de língua espanhola, «onde as nossas letras desempenham um papel importante, como é lógico». Contudo, sublinhou, o seu êxito foi igualmente grande em países como a Suécia, RDA, Holanda, Angola, França, Estados Unidos... sem esquecer os êxitos maiores, verificados em Espanha, México e República Dominicana.

Influências e paixões

Sobre a Nova Trova, Silvio foi de opinião que a sua aceitação tem a ver também com o facto de a maioria das canções nada ter de panfletário, pois «encontramos uma forma de cantar a revolução, o social, inclusivamente o directamente político, através dos acontecimentos do quotidiano, da beleza, das coisas simples — o que alargou o alcance do nosso canto».

Influências sofridas? De tudo um pouco, disse. Desde os Beatles ao Elvis, passando por Michel Legrand, Violeta Parra, João Gilberto e tantos, tantos outros. «As minhas canções» — realçou — «têm de tudo o que sei, do que imagino, e inclusive de coisas que saberei amanhã...»

Quanto a discos gravados, Silvio também lhe perdeu a conta. «Não sei quantos andam por aí. A cada momento descubro uma edição pirata... Sei apenas que o meu primeiro disco individual saiu em 1969».

Por fim, coloquei uma questão para a qual tinha sido alertado por um amigo comum: Silvio tem uma das melhores bibliotecas particulares de Cuba sobre ficção científica. Porquê essa paixão?

«Desde criança que a literatura e arte do fantástico me atraem . E o mesmo acontece com a literatura do terror» — começou Silvio. «Creio que devo tanto a Drácula, Buck Rogers e Peter Pan como a Sindo Garay, aos Beatles e a Beethoven. E hoje há extraordinários escritores de ficção científica verdadeiros artistas... O livro que me 'fanatizou' foi «A Nebulosa de Andrómeda», do soviético Efremov. Claro que anteriormente tinha lido Poe, Hoffman, Stevenson, Lovecraft, Verne, Conan Doyle, Wells e Burroughs. Através de uma edição feita em Cuba depois da Revolução, no princípio dos anos 60, descobri esse poeta que dá pelo nome de Ray Bradbury — e aí fiquei adepto incondicional. Depois cheguei ao mestre Asimov; admirei o impenitente e terno idealista Clarke; sossobrei sem remédio perante a dolorosa humanidade de Teodore Sturgeon.

«A ficção científica é um género duro sobretudo hoje, em que cada dia a realidade ameaça ridiculizar a fantasia. Creio que por isso mesmo eu gosto tanto: porque o valioso reluz com toda a claridade sobre o inútil».

Silvio Rodriguez: uma personalidade fascinante, onde a poesia — a que escreve somente e a que canta — está sempre presente. Mesmo numa tarde banal, em sua casa, enquanto toma café e conversa despreocupadamente com amigos e admiradores.

Ribeiro Cardoso

Urban Sax — o charme mágico da mal' ária

O banho de espuma final, que desemboca em «soap opera»

MUGIDO dos comboios, troar de um avião, chap-chap tenebroso de um Tejo sinistramente lacado a negro. Ruídos ao mesmo tempo poliglotas e parasitados por uma massa informe, por uma mancha sombria que avança para o imponente edifício e embate contra uma primeira muralha. É nesta mistura sonora anunciadora que surgem, pouco a pouco, os fragmentos de um puzzle para sempre incompleto. Puzzle sonoro, puzzle iconográfico, puzzle cronológico também. As grandes sombras destacam-se projectadas nas janelas, alguns seres escorregam pelas altas cisternas, felinos de má vida que lançam as primeiras queixas em saxofone, queixas que dentro em pouco repetirão não menos estranhas criaturas que desembarcam muito teatralmente de um carro de bombeiros. Como na Grécia Antiga, em que máquinas rolantes mudavam as cenas e transportavam os actores. Como na aura do ano 2000, com as suas cogulas de terroristas, estas máscaras antigás e estas esferas transparentes, protectoras e profilácticas.

Fumos nauseabundos elevam-se aqui e ali. Urban Sax está na velha tradição renascentista que assimila a ária-atmosfera à ária-ambiente cultural, acrescentando-lhe a ária-musical.

«Aria» e «aer» misturam-se, aqui, para recriar uma *mal'ária* essencial a todo o projecto estético que vise o sublime, uma espécie de patologia necessária, um «sfumatto» que, tal como um véu, deixasse adivinhar a profundidade de uma obra que escapasse a qualquer controlo, a qualquer empresa. Há, no espectáculo de Urban Sax, uma apologia do fragmento que faz explodir o ponto de vista, a visão justa e que, por outro lado, oferece igualmente um outro ouvido, outra percepção do corpo. Todos os sentidos são interpelados, e certamente que o olfacto, o mais animal de todos eles, oblitera algo do olhar e do ouvido.

É preciso circularmos no espaço interior, subir a uma cadeira, tomar uma diagonal, escolher um fragmento do quadro sempre incompleto. Grossas tubagens nas paredes parecem, elas próprias, saxofones, como se o próprio cenário entrasse no processo mimético, atingido pela epidemia.

Porque não diferenciam interior e exterior do ponto de vista teatral e poético, porque se transpõem para lá ou para cá do tempo e dos lugares, porque exigem o anonimato sob as máscaras (antigás), os Urban Sax fazem lembrar o coro antigo que Schiller comparava, como recorda Nietzsche, «a uma muralha viva que a tragédia edifica em seu redor para se isolar do mundo real, preservando o seu lugar ideal e a sua liberdade poética».

Nietzsche via no coro antigo a própria expressão da emoção dionisíaca que se propaga segundo o modo *epidémico:* «este fenómeno do coração trágico é o fenómeno dramático primitivo, que consiste em vermo-nos metamorfoseados e em agirmos doravante como se, verdadeiramente, tivéssemos entrado noutro corpo, noutro personagem... E este fenómeno produz-se de modo epidémico: uma multidão inteira sente-se alvo desta metamorfose».

Esta epidemia propaga-se através do ar que Urban Sax contamina, devolvendo-nos ecos de respirações, ar de que eles próprios se protegem, abrigados por esferas transparentes como o ar, que os isolam do mundo, transformando-os em mónadas que conseguem, no entanto, achar um acordo a partir da sua surdez especial, ilustrando de algum modo aquela tão bela frase de Merleau-Ponty: «trata-se de saber como poderei estabelecer um ponto fora de mim e viver o irreflectido como tal».

Urban Sax, como um conjunto de andróides músicos, mostra-se próximo da concepção nietzschiana da tragédia, em que o fundo eminentemente dionisíaco recusa a interpretação aristotélica da *catarse*. Talvez por esse motivo o espectáculo termine num fluxo de espuma, como que para afirmar ainda que o ponto de vista aristotélico, o da maioria, o dos «ouvintes morais», opostos aos «ouvintes artistas», se arrisca a reduzir toda e qualquer obra a uma «soap opera».

Chaké Matossian

Mas porém, todavia contudo

SAEM dos primeiros álbuns de Bilal, os cerca de trinta músicos que sábado à noite ocuparam a Central Tejo para uma espécie de «happening»: vestidos com os seus macacos de vinyl metalizado, cogulados como funcionários de uma empresa de desradioactivação, eles são, em 1987, uma metáfora excessivamente genérica do humanóide post-nuclear e post-industrial, sempre concebido pelo imaginário pacifista ocidental como um «sobrevivente»: foram ultrapassados pelo conhecimento e pela prospectiva, como bons franceses. O imaginário a que respondem tem mais de quinze anos, e a sua música repetitiva, vinda do jazz, ficou-se por uma inspiração wagneriana de grande vaga, de grande tumulto sonoro desejoso de incorporar o ruído ambiental. Mimam o espectáculo fragmentário, multiplicando a diversidade da ocupação espacial, mas adoram o espírito do «Uno», da cena total, que se desdobra em música, dança, expressão corporal, sombra chinesa.

Os Urban Sax de Gilbert Artman aspiram, por outro lado, a uma mensagem universalizante, de semântica e sintaxe simplificadas e que se transformou numa hipóstase do bom senso contestatário.

Tudo isso esteve presente na Central Tejo, acompanhado pelo coro de mulheres da biblioteca operária oeirense e pela companhia de dança de Lisboa.

Particularmente positivos, sem mal-entendido, foram o facto de ter acorrido ali um vasto público, e a escolha do magnífico edifício para cenário do espectáculo. Lisboa está sequiosa de iniciativas óptimas, boas e suportáveis, e precisa de todas elas como de pão para a boca. E a Central Tejo confirmou a sua vocação de monumento semi-religioso, de meia-catedral laica, à espera de rentabilização cultural que a entenda e explore. O mérito desse desvendamento fica por conta dos Urban Sax, e do tipo de animação que ofereceram ao local. **Chapeau** para eles, por essa razão.

João Mendes

Mensagens Pessoais

Açoriano Oriental de 5/5/1835

Vendo pela melhor oferta um exemplar do n.º 5 do **Açoriano Oriental,** de 5 de Maio de 1835. Relíquia impossível de encontrar — o próprio jornal, o mais antigo do País, não a possui. Ofertas a M.ª da Conceição de Almeida Colaço, R. Rangel de Lima, lt. 5, r/c., esq., 2795 Linda-a-Velha.

Precisa-se explicador

Precisa-se explicador Métodos Matemáticos I e Ii (ISE). Mais detalhes a combinar. Contactar A. Miranda, Rua Timor, lote 134-1.º-E, 2675 Olival Basto

Pedras D'El-Rei

Alugo apartamento TO completamente mobilado, três camas, com água, luz, gás canalizado incluído, piscina e todas as infra-estruturas do moderno e luxoso aldeamento turístico, com transporte próprio para a praia e outras facilidades, nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro, meses completos ou quinzenas. Informa telefone 084-22352, a partir das 19 horas.

Moradias

De projecto próprio, ou a ser apresentado, construção tradicional industrializada. Paredes ext. duplas, caixa de ar sete cm. Constrói-se qualquer região, terreno do próprio. Férias, T1; T2; T3; T4; Chalet. Rapidez na construção (T5 máximo 7 meses). Segurança. Bons acabamentos; interior ameno. Consulte: Alberto Valejo, tel. 039 34424, Rua Seabra Albuquerque, 42-3.º, 3000 Coimbra.

Opel Corsa

Cedo posição ACP — Auto Grupos com 15 prestações vencidas. Próximo sorteio em 23/6/87. Contacte a partir das 21 horas através do telefone 4106875 Lisboa.

Mobília de quarto

Vendo mobília de quarto, pinho encerado, modelo Dimensão Móveis, estado novo. Telefone 670714

Nazaré

Andar mobilado no centro da Nazaré, períodos de 15 dias/1 mês-**Verão.** Contactar a partir das 20 horas Tel. 41442 — **Alcobaça**

Às quintas-feiras às 17 horas Telef. 52354 — Nazaré.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete - nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.